



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

LUCAS RODRIGUES TEIXEIRA

A QUIEN CORRESPONDA:
A PRODUÇÃO EPISTOLAR DO SUBCOMANDANTE
MARCOS

LUCAS RODRIGUES TEIXEIRA

A QUIEN CORRESPONDA:

A PRODUÇÃO EPISTOLAR DO SUBCOMANDANTE
MARCOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof. Dr^a. Telma Maciel.

Londrina
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Teixeira, Lucas Rodrigues.

A quien corresponda : a produção epistolar do Subcomandante Marcos / Lucas Rodrigues Teixeira. - Londrina, 2017.
155 f. : il.

Orientador: Telma Maciel.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, , 2017.
Inclui bibliografia.

1. cartas - Tese. 2. ezIn - Tese. 3. Subcomandante Marcos - Tese. 4. Discurso - Tese. I. Maciel, Telma. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. . III. Título.

LUCAS RODRIGUES TEIXEIRA

A QUIEN CORRESPONDA:

A PRODUÇÃO EPISTOLAR DO SUBCOMANDANTE MARCOS

Programa de Pós-graduação em Letras da
Universidade Estadual de Londrina, como
requisito parcial à obtenção do título de Mestre
em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Dr^a. Telma Maciel
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Eliel Ribeiro Machado
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dr^a. Suely Leite
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 13 de novembro de 2017.

TEIXEIRA, Lucas Rodrigues. **A *quien corresponda*: a produção epistolar do Subcomandante Marcos**. 2017. 155 folhas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

RESUMO

O propósito desta dissertação é analisar como se constrói o discurso zapatista dentro da produção epistolar do Subcomandante Marcos, do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN). Para tanto, tratamos do formato escolhido pelo guerrilheiro para disseminar suas ideias e sua luta, que é a carta e, neste primeiro momento, é traçado um panorama e uma análise deste gênero fronteiro do qual Marcos se aproveita para conquistar interlocutores. Cuidamos também das questões relativas à estrutura narrativa (tempo, espaço, personagem, narrador) e de como estas são exploradas nos escritos do *Sup*. Então, por fim, é analisado o discurso do ideário zapatista, este que é produto do hibridismo entre a cultura ancestral indígena maia e o cânone literário ocidental, tendo por base as teorias relacionadas à Análise de Discurso francesa.

Palavras-chave: Cartas. Chiapas. EZLN. México. Subcomandante Marcos.

TEIXEIRA, Lucas Rodrigues. ***A quien corresponda: the epistolary production of Subcomandante Marcos***. 2017. 155 folhas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to analyze how the zapatista discourse is built in the epistolary production of Subcomandante Marcos, member of the Zapatista Army for National Liberation (EZLN). We have dealt with the epistolary format which is the guerrilla's chosen style to spread his ideas and struggle. Thus, a panorama is drawn as well as an analysis of this frontier genre that Marcos' uses in order to conquer interlocutors. We have also handled with the issues related to the structure of the narrative (time, setting, character, narrator) and how they are explored in Sup's writings. Finally, under the focus of French Discourse Analysis theories, the zapatista discourse is examined assuming that it is the result of the hybridism between Mayan indigenous ancestry culture and Western literary canon.

Key words: Letters. Chiapas. EZLN. Mexico. Subcomandante Marcos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A CARTA	22
1.1 DE SÃO PAULO ÀS MONTANHAS DO SUDESTE MEXICANO.....	23
1.2 O QUE QUERÁ QUE SERÁ?.....	26
1.3 PRESTE ATENÇÃO.....	28
1.4 É TUDO VERDADE	32
1.5 AQUI E ACOLÁ	40
2 A HISTÓRIA DAS PALAVRAS (DA ESTRUTURA DA NARRATIVA)	47
2.1 FUMANDO COMO NINGUÉM (DAS PERSONAGENS)	49
2.2 PARA QUE O RIO MUDE DE COR (DO TEMPO)	57
2.3 ENTRE LODO E ESPINHOS (DO ESPAÇO)	65
2.4 EU ESTAVA LHE CONTANDO (DO NARRADOR)	73
3 EM ALTO E BOM SOM	79
3.1 QUEM GRITA (O SUJEITO DO DISCURSO)	80
3.2 A PERIGOSA SEDUÇÃO DAS ANTENAS OU A (DES)LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO	83
3.3 A FLOR DA PALAVRA	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	109
ANEXOS	111
ANEXO A - Primeira Declaração da Selva Lacandona	112
ANEXO B - Para que os Soldados não Sejam mais Necessários.....	115
ANEXO C - Hoje não Escrevo um Comunicado, Escrevo Somente.....	117
ANEXO D - A Morte nos Visita	121
ANEXO E - Sobre o Avanço do Exército Mexicano.....	124

ANEXO F - Carta a Eduardo Galeano	135
ANEXO G - Durito.....	140
ANEXO H - Chiapas: El Sureste en dos Vientos, una Tormenta y una Profecía	143

INTRODUÇÃO

“Ao povo do México.

Somos produto de 500 anos de luta: primeiro contra a escravidão, na guerra de independência contra a Espanha encabeçada pelos insurgentes; depois para não sermos absorvidos pelo expansionismo norte-americano; em seguida, para promulgar a nossa Constituição e expulsar o império francês do nosso solo. A ditadura Porfirista nos negou a justa aplicação das leis da Reforma e o povo se rebelou criando seus próprios líderes; foi assim que surgiram Villa e Zapata, homens pobres como nós, aos quais também se negou um mínimo de instrução, para que, como nós, fossem utilizados como bucha de canhão e deixassem o poderoso saquear as riquezas de nossa pátria, sem se importar com o fato de estarmos morrendo de fome e doenças curáveis, de não termos nada, absolutamente nada, sem um teto digno, sem terra, sem trabalho, sem saúde, sem alimentação, sem educação, sem ter direito a eleger livre e democraticamente nossas autoridades, sem independência dos estrangeiros, sem paz e sem justiça para nós e para os nossos filhos. Porém, nós hoje dizemos: BASTA!”¹

(excerto da Primeira Declaração da Selva Lacandona)

No primeiro dia do ano de 1994, o México despertava com notícias que à época pareciam inverossímeis: uma organização armada de esquerda tomava o controle simbólico de algumas cidades do estado de Chiapas e das sedes municipais liam a “Primeira Declaração da Selva Lacandona”, da qual o excerto usado como epígrafe faz parte. A essa altura da História, depois da queda do Muro de Berlim e pós-derrocada da União Soviética, era praticamente um consenso o fim dos levantes armados de esquerda no mundo, principalmente na América Latina.

¹ “Al pueblo de México: / Hermanos mexicanos: / Somos producto de 500 años de luchas: primero contra la esclavitud, en la guerra de Independencia contra España encabezada por los insurgentes, después por evitar ser absorbidos por el expansionismo norteamericano, luego por promulgar nuestra Constitución y expulsar al Imperio Francés de nuestro suelo, después la dictadura porfirista nos negó la aplicación justa de leyes de Reforma y el pueblo se rebeló formando sus propios líderes, surgieron Villa y Zapata, hombres pobres como nosotros a los que se nos ha negado la preparación más elemental para así poder utilizarnos como carne de cañón y saquear las riquezas de nuestra patria sin importarles que estemos muriendo de hambre y enfermedades curables, sin inmortales que no tengamos nada, absolutamente nada, ni un techo digno, ni tierra, ni trabajo, ni salud, ni alimentación, ni educación, sin tener derecho a elegir libre y democráticamente a nuestras autoridades, sin independencia de los extranjeros, sin paz ni justicia para nosotros y nuestros hijos. / Pero nosotros HOY DECIMOS ¡BASTA!”

Pois então, contra todo consenso e todas as apostas, eis que se apresenta ao mundo o Exército Zapatista de Libertação Nacional, ou EZLN.

O que assombrava o México em poucas horas assombraria todo ocidente: com rostos cobertos esses guerrilheiros se diziam indígenas em sua imensa maioria, todos eles afirmavam em seu primeiro comunicado rebelar-se pelo direito à dignidade e declaravam um vigoroso “BASTA!”. O idioma utilizado era o espanhol, mas ali estava representada a determinação de ao menos seis etnias indígenas diferentes – *tzeltal*, *tzotzil*, *chol*, *mame*, *tojolabal* e *zoque* –, por comum a cultura maia e o destino de cidadãos de segunda classe² há séculos.

Contudo, no ano novo de 1994, esses subumanos se fizeram ser ouvidos, conseguiram chamar atenção. Entre as cidades tomadas estavam *San Cristóbal de las Casas* (antiga capital de Chiapas), *Las Margaritas*, *Comitán* e *Altamirano*. Além das prefeituras, os guerrilheiros tomaram postos militares, libertaram presos das cadeias – quase todos indígenas – e declararam guerra ao governo do então presidente Carlos Salinas de Gortari:

[...] de acordo com nossa Constituição, emitimos a presente *declaração de guerra* ao exército federal mexicano, pilar básico da ditadura que padecemos, monopolizada pelo partido no poder e encabeçada pelo executivo federal que hoje tem Carlos Salinas de Gortari como seu chefe máximo e ilegítimo.

Em conformidade com esta declaração de guerra pedimos aos outros poderes da Nação que restaurem a legalidade e a estabilidade da Nação, depondo o ditador (COMANDO GERAL DO EZLN, 1994 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.40³)⁴.

O EZLN pedia também que organismos internacionais, como a Cruz Vermelha, vigiassem os combates porque, daquele momento em diante, estariam

² Por “cidadãos de segunda classe” entendamos o termo como sendo a parte de uma população que carece de direitos políticos, que recebe salários menores e que vive em zonas periféricas.

³ Uma das obras que serviram de base para o presente estudo foi *A revolução invencível*, cartas e comunicados. Com a organização de Massimo Di Felice e Cristobal Muñoz, o livro contém a tradução de algumas cartas escritas pelo Subcomandante Marcos que vão do período de 1994 até 1998. Os documentos traduzidos na obra, além de alguns comentários prefaciais, foram aqui aproveitados. As cartas que não fazem parte do compêndio de *A revolução invencível* foram traduzidas por nós.

⁴ “Por tanto, en apego a nuestra Constitución, emitimos la presente al ejército federal mexicano, pilar básico de la dictadura que padecemos, monopolizada por el partido en el poder y encabezada por el ejecutivo federal que hoy detenta su jefe máximo e ilegítimo, Carlos Salinas de Gortari. / Conforme a esta Declaración de guerra pedimos a los otros Poderes de la Nación se aboquen a restaurar la legalidad y la estabilidad de la Nación deponiendo al dictador.”

sujeitos às Leis sobre a Guerra da Convenção de Genebra⁵. O levante zapatista deu seu recado e, com algumas baixas, retirou-se novamente para dentro da selva chiapaneca. O governo mexicano que suspeitava da movimentação na floresta jamais imaginou que ela pudesse representar tamanha pedra no sapato dos pés que adentrariam ao seletivo grupo do NAFTA (*North American Free Trade Agreement*). O bloco econômico com um tratado de livre comércio formado por Estados Unidos, México e Canadá, e que passava a vigorar no mesmo dia da aparição dos guerrilheiros, era propagandeado como uma panaceia econômica, por isso o jornalista mexicano Cristóbal Muñoz (2002, p.18-19) salienta em *A marcha zapatista*: “[os] partidos políticos e em particular o partido do Estado (PRI) jamais perdoaram o EZLN por ter obstaculizado a entrada no México na modernidade, não o perdoaram por ter-lhes tirado a máscara que mostravam ao mundo”.

O México abria suas portas, mercadorias agora circulariam com mais facilidade entre esses países. As regras para circulação de pessoas não mudaram. Tal acordo, vendido para a população mexicana como uma grande oportunidade de integração com países ricos e a certeza de uma nova e melhor economia, precisou deformar a constituição federal para existir:

A entrada em vigor do NAFTA contemplava a mudança de alguns artigos da constituição: o 25 (que regulava os planos de desenvolvimento); o 26 (regulação dos mercados); o 123 (tutela social do trabalho); o 3 (educação gratuita); o 4 (saúde e política habitacional); e o 27 (regulamentação agrária, propriedade da terra e bem estar dos camponeses) - (DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p. 14).

A agenda neoliberal mais uma vez ditando as regras do capital, enxugando orçamentos, diminuindo direitos, tirando a terra daqueles que muito pouco tem e vendendo ilusões, como a de que um país como o México se beneficiaria da mesma forma que os Estados Unidos em um acordo de livre comércio. Como se fosse possível uma competição justa entre economias tão desiguais.

Aqui, especificamente, estamos tratando do caso mexicano, mas a aplicação do receituário neoliberal não se tratou de uma experiência isolada, realizada apenas

⁵ “As Convenções de Genebra e seus Protocolos Adicionais são tratados internacionais que contêm as normas mais relevantes que limitam as barbáries da guerra. Elas protegem pessoas que não participam dos combates (civis, pessoal de saúde, profissionais humanitários) e as que deixaram de combater (militares feridos, enfermos e náufragos, prisioneiros de guerra).” Fonte: Comitê Internacional da Cruz Vermelha, página virtual disponível em <https://www.icrc.org/pt>

no ambiente do país mais pobre da América do Norte. O resultado é que, seguindo as recomendações preconizadas por Friedrich August von Hayek da Sociedade de Mont Pélerin⁶, em boa parte do mundo, verificou-se redução de salários, perda de força de sindicatos e organizações operárias, aumento de mão-de-obra de reserva, cortes em programas sociais, privatizações, diminuição de tributação de altas rendas, disciplina orçamentária etc. Com essas reformas dizia-se que a estabilidade monetária seria uma consequência. Os donos do capital teriam suas perdas restituídas.

No que diz respeito à América Latina, os EUA ficam como principais responsáveis pela implementação dessa política econômica em seus vizinhos, uma vez que são credores desses países e é preciso garantir que ao menos os devedores mais próximos tenham condições de saldar suas dívidas. Para tanto, com a conivência dos detentores do poder nessas diversas localidades, lançariam mão da violência institucional, nas suas mais variadas formas, como maneira de assegurar a aplicação dessas reformas liberalizantes. É o que explicita José Rubens Mascarenhas de Almeida (2010), em *América Latina: transnacionalização e lutas sociais no alvorecer do século XXI*, da luta armada como política (o caso EZLN) dizendo que:

Assim foi no Chile, país pioneiro na região, onde as *reformas* neoliberais se deram sob a sangrenta ditadura do general Augusto Pinochet, auspiciada pelas agências estatais estadunidenses; no Peru de Alberto Fujimori, no início da década de 1990, onde os “ajustes estruturais” foram implantados sob as botas militares, que debelaram o Congresso Nacional e o Judiciário, maculando pilares imprescindíveis ao liberalismo burguês; na Bolívia, o preço da implantação das medidas vaticionadas pelo CW custou à institucionalidade “democrática” o apelo a uma das aviltantes armas da ditadura, o “estado de sítio”, ressuscitada sem nenhum constrangimento, contra as manifestações da Central Obrera Boliviana (COB), a maior central de trabalhadores do país, posta na ilegalidade; no Brasil, o então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, não hesitou em apelar para o Exército na repressão à maior greve de petroleiros da história do país, em maio de 1995 (ALMEIDA, 2010, p.61).

⁶ Sociedade formada pelos precursores do neoliberalismo, fundada em 1947, na Suíça, da qual participaram, entre outros, Friedrich Hayek, Milton Friedman e Karl Popper (ALMEIDA, 2010, p.54).

Pois bem, assim como a implantação das políticas neoliberais cooperou para a criação de forças sociais contrárias a ela ao redor do mundo (em se tratando de Brasil o MST pode ser visto como um exemplo dessa reação), ela também contribuiu para que no estado mais pobre da federação mexicana surgissem aqueles que não se calariam diante do desejo sem freio de reprodução do capital e – a data escolhida para soltar a voz foi precisamente a mesma em que começaria a valer o NAFTA – do acordo comercial que antes de começar a funcionar já havia diminuído direitos no México. O que já era feito pelo emprego da força e do esquecimento, sem o aval da lei, agora teria respaldo legal para acelerar seus trabalhos. A possibilidade do fim das reservas de terras, ou *ejidos*, asseguradas pela Constituição, herança da revolução de 1910 de Villa e Zapata e de milhares de mexicanos anônimos:

O *ejido* é uma forma de posse coletiva da terra, criada no processo de reforma agrária que a elite mexicana vai viabilizar para conter as pressões dos camponeses após a tentativa revolucionária de Villa e Zapata. Com a existência legal garantida pelo artigo 27 da Constituição mexicana, as áreas dos *ejidos* não podem ser vendidas, arrendadas ou hipotecadas. Por isso, quando uma família sai de uma delas, os campos nos quais trabalhava voltam à comunidade. Esta vai cuidar deles, podendo ceder sua posse a eventuais novos moradores (GENNARI, 2005, p.25-26).

Há muita pobreza em Chiapas, mas há também muita riqueza. E existem aqueles que possuem o poder e querem multiplicar a riqueza que não é objeto de desejo dos indígenas, donos verdadeiros daquelas terras. Além das dificuldades do cotidiano agrário dos camponeses pobres, indígenas ou não, a precariedade sistêmica da região, onde falta tudo e tudo tem, a pressão para que estes vendam suas terras a preços módicos é feita pelos latifundiários com seus capangas e exércitos paramilitares à base de chumbo. Eis alguns dos motivos:

[...] em Chiapas as contradições e os contrastes assumem aspectos gritantes. Por exemplo, o seu território concentra cerca de 82% de toda indústria petroquímica do México e suas hidroelétricas produzem 20% da energia que o país precisa. Ainda assim, somente 1/3 das casas, em Chiapas, tem luz elétrica e a grande maioria das demais não possui sequer um lâmpião a gás. Mas isso é só o começo. Considerado o maior produtor nacional de milho, Chiapas detém também 35% da produção mexicana de café.

De suas florestas saem madeiras nobres e preciosas fontes de matérias-primas para as indústrias de biotecnologia, ao mesmo tempo em que as fazendas ostentam cerca de 3 milhões de cabeças de gado. Apesar de toda esta riqueza, 54 em cada 100 moradores estão desnutridos e, nas regiões de montanha e selva, este mal ameaça a vida de 80% da população (GENNARI, 2005, p.15-16).

Se há tanta riqueza em Chiapas e ao mesmo tempo um altíssimo índice de desnutrição, é evidente que a concentração das riquezas está nas mãos de alguns poucos, juntamente com o poder proporcionado por essa riqueza. Ali reinam os latifundiários e o coronelismo é quem dá as cartas. Pois, em um ambiente onde é comum o ditame das regras de modo extraoficial, e no qual o indígena está abaixo da humanidade, a revolta ezelenita aparece como um sopro de ânimo aos ativistas de direitos sociais e aos batalhadores pela distribuição mais justa de terras.

Entretanto, o EZLN que se mostra ao mundo e proporciona esse fôlego de alento em 1994, tem raízes bem mais antigas e profundas, mais precisamente no ano de 1983, quando chegam à selva uns poucos militantes de esquerda “exilados”:

[...] os futuros dirigentes do EZLN – dentre eles ex-militantes dos movimentos armados dos anos 70, que sobreviveram à repressão priísta, passaram a organizar, no interior da Selva Lacandona, em novembro de 1983, seu primeiro núcleo, só entrando em contato com as comunidades na segunda metade dos anos 80 [...] Portanto, o surgimento do EZLN como organização clandestina de fato, se deu no início da implementação do projeto neoliberal no México, ainda no governo de Miguel de la Madrid (1982-1988) (ALMEIDA, 2010, p.111).

Esses sobreviventes da repressão no México testemunhas do massacre de Tlatelolco, em que centenas de manifestantes foram mortos durante protesto contra a ocupação pelo Exército da Universidade Autônoma do México (UNAM) em 1968, chegaram às profundezas de Chiapas no intuito de preparar as bases para uma luta revolucionária campesina. Como não raro na esquerda, acreditaram que chegariam ensinando, despertando consciências e conquistando alianças pelo fato de estarem do mesmo lado da história. Ledo engano, logo perceberam que se continuassem a desenvolver suas bases como vinham fazendo até então, como tutores, dificilmente obteriam qualquer êxito, principalmente entre os indígenas.

Segundo o historiador mexicano Carlos Montemayor (1997), no seu livro *Chiapas: La rebelión indígena de México*, em primeiro lugar, a ajuda obtida pelo EZLN junto aos moradores da selva foi a de poder contar com seu silêncio. Apenas com o tempo, com muita paciência e mudando as estratégias é que começaram a conquistar a confiança desses chiapanecos. Viram que seriam eles quem primeiro deveria integrar-se às comunidades locais, tornar-se parte delas, aprender para tentar ensinar.

É nesse contexto que a visão indígena, o ritmo e a cosmogonia maia passam a estruturar a forma de construção do Exército Zapatista de Libertação Nacional, e é este um dos motivos que possibilitam classificar a luta ezelenita como uma luta indígena. Então, apenas após a militância infiltrada na selva tornar-se indígena, é que o EZLN começou de fato a se formar:

Naquela que chamamos de quarta etapa, se fizeram os primeiros contatos com os povos da região. Primeiro se falava com alguém e esse alguém falava com sua família. Da família se passava ao povoado. Do povoado a região. Assim, pouco a pouco, nossa presença se converteu em um segredo de boca em boca e uma conspiração massiva. Nesta etapa, que corre paralelamente à terceira, o EZLN já não era o que havíamos pensado quando chegamos. Consequentemente, já havíamos sido derrotados pelas comunidades indígenas e, produto dessa derrota, o EZLN começou a crescer geometricamente e a tornar-se “muito outro”, ou seja, a roda seguiu se arredondando até que, por fim, ficou redonda e pôde fazer o que deveria fazer uma roda, quero dizer, rodar (10/11/2003)⁷ (tradução nossa)⁸.

Tornando-se outro é que o EZLN pôde realmente existir. Ao absorver e incorporar a cultura indígena aos métodos de luta já conhecidos se fizeram mais resistentes e em casa, já não havia a sensação de estrangeiros em meio à mata. Ao

⁷ Todos os textos do Subcomandante Marcos, traduzidos e/ou citados por nós, se encontram completos e em língua espanhola, organizados por data, no website oficial do EZLN “<http://palabra.ezln.org.mx/>”. Para fins de formatação a referência presente nessas citações traduzidas por nós será apenas a data em que foi escrito o texto.

⁸ “En la que llamamos la cuarta etapa, se hicieron los primeros contactos con los pueblos de la zona. Primero se hablaba con uno y ése uno hablaba con su familia. De la familia se pasaba al poblado. Del poblado a la región. Así poco a poco, nuestra presencia se convirtió en un secreto a voces y en una conspiración masiva. En esta etapa, que corre paralela en tiempo a la tercera, el EZLN ya no era lo que habíamos pensado cuando llegamos. Para entonces ya habíamos sido derrotados por las comunidades indígenas y, producto de esa derrota, el EZLN empezó a crecer geométricamente y hacerse “muy otro”, o sea que la rueda siguió abollándose hasta que, al fin, fue redonda y pudo hacer lo que debe hacer una rueda, es decir, rodar.”

lado da bandeira de fundo preto e a estrela vermelha, caminharia uma grande quantidade de símbolos até então desconhecidos da esquerda tradicional mexicana. Era o começo de uma batalha que fez da cultura desvalorizada de um país uma arma tão ou mais importante que o fuzil ou a carabina. Agora, os sete deuses que criaram o mundo por ele viajariam dentro da mensagem zapatista.

A sublevação chiapaneca acontece em um momento em que a internet dá seus primeiros passos no caminho de sua popularização, e as notícias, que antes dependiam exclusivamente da TV, do rádio e dos jornais impressos, começam a circular pela rede mundial de computadores por meio dos grupos de e-mail, principalmente, das universidades. A mensagem começa a se libertar das amarras dos meios de comunicação tradicionais e já pode ser enviada por completo. Não mais edições, não mais a depender da sorte de uma publicação por inteiro nos jornais, nem a intervenção da mensagem dos de cima na dos de baixo. O mundo da comunicação começava a mudar rapidamente e o EZLN soube aproveitar muito bem essa transformação:

[...] desde o começo a ação zapatista foi transnacional, veiculada por comunicados difundidos na internet e pelas numerosas autoproduções audiovisuais, através dos quais os zapatistas dialogaram com os demais setores da sociedade civil mexicana e internacional demonstrando uma nova consciência global [...] Transferindo o conflito para o ambiente dos bits eletrônicos, lugar privilegiado da reprodução do capital internacional, os zapatistas fazem da linguagem sincrética e das “palavras eletrônicas andantes” as suas armas principais (DI FELICE, 2002, p.33-36).

A palavra usada como arma de guerra, sem dúvida, foi o que permitiu a sobrevivência do Exército Zapatista. Com a circulação pela rede da “Primeira Declaração da Selva Lacandona” e de alguns comunicados, o mundo pôde ter ciência do que se passava nessa tomada simbólica de algumas cidades e não fosse a pressão nas embaixadas do México ao redor do mundo certamente a resposta do governo ao levante teria sido ainda mais violenta. A palavra serviu de escudo aos ezeleñitas que desse ato não saíram ilesos, porém não derrotados.

Logo, Salinas de Gortari vai a público a fim de desmoralizar e deslegitimar a revolta afirmando que esta não era uma luta verdadeiramente indígena, que ela era fruto de infiltrados na selva e que estes estavam manipulando as comunidades

indígenas para fins escusos. Era mais fácil desqualificar a rebelião que propor um diálogo, era mais fácil continuar tratando a população indígena como seres incapazes de decisão própria. Em um gesto de suposta benevolência governamental, o presidente envia ao Congresso da União uma proposta de anistia para aqueles que depusessem as armas e pedissem perdão, ao que o EZLN responde:

[...] Do que temos de pedir perdão? Do que vão nos perdoar? De não morrer de fome? De não calar diante de nossa miséria? De não ter aceito humildemente a gigantesca carga histórica de desprezo e abandono? De levarmos em armas quando encontramos todos os outros caminhos fechados? De não ter respeitado o Código Penal de Chiapas, o mais absurdo e repressivo que se conhece? De ter demonstrado ao resto do país e ao mundo inteiro que a dignidade humana ainda vive e está em seus habitantes mais pobres? De estar conscientemente bem preparados antes de iniciar a luta? De ter levado fuzis para o combate em vez de arcos e flechas? De ter aprendido a lutar antes de insurgir-nos? De todos serem mexicanos? De majoritariamente sermos indígenas? De chamar todo povo mexicano para lutar de todas as formas possíveis por aquilo que lhe pertence? De lutar por liberdade, democracia e justiça? De não seguir os modelos das guerrilhas anteriores? De não render? De não nos vender? De não nos trair?

Quem tem de pedir perdão e quem pode outorgá-lo? Os que, durante anos e anos, sentaram-se a uma mesa cheia, saciando-se, enquanto conosco estava sentada a morte, tão cotidiana, tão nossa que perdemos o medo dela? Os que encheram nossas bolsas e nossa alma de declarações e promessas? [...] (MARCOS, 1994, apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p. 45-46)⁹.

⁹ “¿De qué tenemos que pedir perdón? ¿De qué nos van a perdonar? ¿De no morirnos de hambre? ¿De no callarnos en nuestra miseria? ¿De no haber aceptado humildemente la gigantesca carga histórica de desprecio y abandono? ¿De habernos levantado en armas cuando encontramos todos los otros caminos cerrados? ¿De no habernos atendido al Código Penal de Chiapas, el más absurdo y represivo del que se tenga memoria? ¿De haber demostrado al resto del país y al mundo entero que la dignidad humana vive aún y está en sus habitantes más empobrecidos? ¿De habernos preparado bien y a conciencia antes de iniciar? ¿De haber llevado fusiles al combate, en lugar de arcos y flechas? ¿De haber aprendido a pelear antes de hacerlo? ¿De ser mexicanos todos? ¿De ser mayoritariamente indígenas? ¿De llamar al pueblo mexicano todo a luchar de todas las formas posibles, por lo que les pertenece? ¿De luchar por libertad, democracia y justicia? ¿De no seguir los patrones de las guerrillas anteriores? ¿De no rendirnos? ¿De no vendernos? ¿De no traicionarnos? / ¿Quién tiene que pedir perdón y quién puede otorgarlo? ¿Los que, durante años y años, se sentaron ante una mesa llena y se saciaron mientras con nosotros se sentaba la muerte, tan cotidiana, tan nuestra que acabamos por dejar de tenerle miedo? ¿Los que nos llenaron las bolsas y el alma de declaraciones y promesas?”

Ao mesmo tempo em que oferece perdão aos sublevados e cessão de fogo, Salinas de Gortari incrementa o efetivo do exército em Chiapas e facilita a ação de grupos paramilitares, as *guardias blancas*, na tarefa da contra-insurgência, segundo o EZLN e historiadores. Os zapatistas propõem discussões, mesas de debate e congressos, ou seja, o diálogo. O governo se diz disposto à conversa, aos acordos oferecidos, mas as negociações não caminham. Acuados na floresta os guerrilheiros continuam a tocar suas vidas em comunidade e a construir uma alternativa de sociedade onde todos tenham voz, só que agora cada vez mais perseguidos.

A palavra, a partir desse momento, passa a ter um papel crucial na manutenção do EZLN. É ela quem não vai permitir que o mundo se esqueça desse pedaço tão abandonado do México. O que se passa na Selva Lacandona continuamente é aquilo que alguns defendem como Guerra de Baixa Intensidade¹⁰, opinião não compartilhada por Montemayor (1997, p.233):

Esta política de esvaziamento social das bases zapatistas pode ser considerada uma guerra de baixa intensidade? Não sei qual seria a melhor terminologia militar a aplicar. O que podem documentar diversos historiadores é que a estratégia tem funcionado e prestado bons serviços a governadores chiapanecos ao longo de muitos sexênios. Esta estratégia se parece mais com um cancelamento do Estado de direito do que com uma guerra. Porque a guerra não cancela o direito; supõe o respeito a certas convenções, à integridade de prisioneiros, de combatentes; supõe o respeito a negociações, a pactos e a rendições (tradução nossa)¹¹.

Essa cessão de direitos de que Montemayor nos fala e que ocorre em Chiapas de maneira usual, é a condição que modela em boa parte a vida das

¹⁰ Segundo Augustinho Veit, antigo secretário do Movimento Nacional de Direitos Humanos (MNDH), em artigo publicado em março de 1989 junto ao tablóide da ANAMPOS (Articulação Nacional dos Movimentos Populares), a “guerra de baixa intensidade (GBI) é uma estratégia de guerra psicológica desenvolvida em toda a América Latina pelo Pentágono Norte-Americano e pelas Forças Armadas que seguem orientações geopolíticas do governo Bush. Os pretextos básicos utilizados para justificar a GBI diante da sociedade civil concentram-se no combate ao tráfico de drogas (que esconde interesses geopolíticos), na defesa da propriedade privada como valor supremo e na manutenção da "Ordem Pública". Disponível em <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PTABLES031989009.pdf>. Não há de fato um consenso fechado a respeito do que seria uma GBI, porém a designação feita por Veit serve como uma ideia geral do que seria uma Guerra de Baixa Intensidade.

¹¹ “¿Esta política de socaviamento social de las bases zapatistas se puede considerar una guerra de baja intensidad? No sé militarmente cuál sería la mejor terminología a aplicar. Lo que pueden documentar diversos historiadores es que la estrategia ha funcionado y prestado muy buenos servicios a gobernadores chiapanecos a lo largo de muchos sexenios. Esta estrategia se parece más a una cancelación del Estado de derecho que a una guerra. Porque la guerra no cancela el derecho; supone el respeto a ciertos convenios, a la integridad de prisioneros, de combatientes; supone el respeto a negociaciones, a pactos, a rendiciones.”

comunidades zapatistas. Ela se confunde com seu cotidiano e transforma a vida em um terror que faz com que os ezelenitas precisem estar alertas o tempo inteiro e mudando constantemente de área. Segundo eles, o aumento do efetivo do exército oficial na selva dificultou ainda mais os trabalhos de base do EZLN não só pelo medo das armas, mas também por esses soldados terem trazido consigo o aumento da exploração sexual e o abuso de drogas, principalmente do álcool, entre os indígenas, pois já eram muitos os casos de alcoolismo.

As agruras sofridas pelos zapatistas são muitas e constantes, transformadas então em palavras, é essa realidade massacrante que estará constantemente nos escritos do Subcomandante Marcos, principal figura do ezelenismo, seu porta-voz e uma de suas lideranças, tendo chegado ali junto com a primeira comitiva em 1983. Foram as cartas e comunicados confeccionados por ele os maiores responsáveis pela visibilidade do movimento. Os documentos publicados pelo EZLN são inúmeros, contudo, o que mais chama atenção é a produção epistolar do Subcomandante.

Sempre de balaclava preta, cachimbo na boca e fuzil à mão, Marcos é a figura do militarismo dentro do movimento zapatista, mas exerce também o papel do intelectual que poderíamos chamar orgânico¹² por estar integrado ao ambiente. Está na selva para avaliar, mas igualmente para disparar chumbo caso seja necessário.

De acordo com Almeida (2010, p.153), “as especulações acerca do mito Marcos são inúmeras: desde histórias míticas advindas da cosmogonia indígena até conjecturas – às vezes lendárias – tecidas pela polícia política mexicana, a *Secretaría de Gobernación*”. Marcos, ajudando a manter e aumentar sua personagem, dá como resposta para tais conjecturas o seguinte comunicado:

Marcos é gay em São Francisco, negro na África do sul, asiático na Europa, mexicano em San Isidro, jovem músico em Neza, roqueiro em cidade universitária, judeu na Alemanha, ombudsman na Sedena, feminista nos partidos políticos, comunista no pós guerra fria, preso em Cintalapa, pacifista na Bósnia, mapuche nos Andes... camponês sem terra, editor marginal, pedreiro desempregado, médico sem praça, estudante inconformado, dissidente no neoliberalismo,

¹² Intelectual orgânico é uma expressão cunhada pelo filósofo marxista Antonio Gramsci que diz respeito ao intelectual que se mantém ligado a sua classe social originária, atuando como seu porta-voz. No caso de Marcos, mesmo que não saibamos sua verdadeira origem, podemos considerá-lo como tal por ter se integrado às comunidades indígenas ao longo dos anos e por se apresentar como parte dessas comunidades.

escritor sem livros nem leitores, e, seguramente, zapatista no sudeste mexicano. Enfim, Marcos é um ser humano, qualquer neste mundo. Marcos é todas as minorias intoleradas, oprimidas, resistindo, explorando, dizendo “Já basta!”. Todas as minorias no momento de falar e majorias na hora de calar e suportar. Todos os intolerados buscando uma palavra, sua palavra, o que devolve a maioria aos eternos fragmentados, nós. Tudo o que incomoda o poder e as boas consciências, esse é Marcos (28/05/1994) (tradução nossa)¹³.

O que Marcos quer dizer de fato é que não importa a figura por trás da personagem que se vislumbra, mas o que esta representa. Ele pode ser tanto aquele que sofre com o preconceito racial quanto um escritor sem livros nem leitores. Então, apesar de todas as especulações possíveis, o único (e ao mesmo tempo vários) Marcos que nos chega é o personagem. Mesmo aquele líder mascarado que discursa em frente à câmera não pode ser apreendido além dessa instância.

Marcos guerrilheiro, intelectual, líder, escritor dos contos, dos comunicados, das cartas, todos eles: personagens. Seja por razões de segurança ou estratégia de convencimento, essa multiplicidade de identidades ficcionais perdura até os dias atuais quando já não usa mais a mesma alcunha após declaração própria de morte:

Pensamos que é necessário que um de nós morra para que Galeano viva.

E para que essa impertinente que é a morte fique satisfeita, no lugar de Galeano ponhamos outro nome para que Galeano viva e a morte tome não uma vida, mas um nome somente, algumas letras esvaziadas de todo sentido, sem história própria, sem vida.

Assim foi que decidimos que Marcos deixa hoje de existir (25/05/2014) (tradução nossa)¹⁴.

¹³ “Marcos es gay en San Francisco, negro en Sudáfrica, asiático en Europa, chicano en San Isidro, anarquista en España, palestino en Israel, indígena en las calles de San Cristóbal, chavo banda en Neza, rockero en cu, judío en Alemania, ombudman en la Sedena, feminista en los partidos políticos, comunista en la post guerra fría, preso en Cintalapa, pacifista en Bosnia, mapuche en los Andes... campesino sin tierra, editor marginal, obrero desempleado, médico sin plaza, estudiante inconforme, disidente en el neoliberalismo, escritor sin libros ni lectores, y, es seguro, zapatista en el sureste mexicano. En fin, Marcos es un ser humano, cualquiera, en este mundo. Marcos es todas las minorías intoleradas, oprimidas, resistiendo, explotando, diciendo "¡Ya basta!". Todas las minorías a la hora de hablar y mayorías a la hora de callar y aguantar. Todos los intolerados buscando una palabra, su palabra, lo que devuelva la mayoría a los eternos fragmentados, nosotros. Todo lo que incomoda al poder y a las buenas conciencias, eso es Marcos.”

¹⁴ “Pensamos que es necesario que uno de nosotros muera para que Galeano viva. / Y para que esa impertinente que es la muerte quede satisfecha, en su lugar de Galeano ponemos otro nombre para que Galeano viva y la muerte se lleve no una vida, sino un nombre solamente, unas letras vaciadas de todo sentido, sin historia propia, sin vida. / Así que hemos decidido que Marcos deje de existir hoy.”

Porém, Marcos não deixou de existir porque nunca “existiu”. Trata-se de um personagem que troca seu nome, mas que não pode mudar ou apagar aquele que já “existe”. Ele é o personagem escritor que narra suas próprias desventuras e a de outros, que muitas vezes são desdobramentos de si mesmo: “[m]eu outro eu se aproxima do caderno para ler as últimas linhas e resmunga ‘Ninguém vai ler isso’” (MARCOS, 1995, apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.59-61)”.

Por mais que não saibamos a identidade do criador de Marcos, é evidente que este possui educação formal e que é um bom conhecedor dos grandes clássicos da literatura ocidental. E, da mesma forma que o EZLN propõe o hibridismo como via para um mundo mais justo e igualitário (“um mundo onde caibam todos os mundos”), este cânone vai se unir à perspectiva de mundo indígena em seus escritos, numa espécie de sincretismo que transporta a forma do mundo real para a forma de sua construção textual:

A ponte que uniu os dois universos, aquele indígena, mítico e ao mesmo tempo contemporâneo, e o metropolitano da sociedade de consumo e de massa, foi a linguagem sincrética dos escritos do subcomandante Marcos. Nestes se juntam diferentes estilos literários, mas sobretudo linguagens heterogêneas, que unem a simbologia mítica dos descendentes dos maias aos estilos literários latino-americanos e europeus. Shakespeare, Pavese, Gabriel García Marquez, Pablo Neruda, Federico García Lorca e José Luis Borges se misturam com os contos do “Velho Antonio”, um velho pajé indígena que conta mitos da cosmogonia maia, e com a narração do cotidiano das comunidades, do estilo de vida e dos valores que orientam os zapatistas (DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p. 22-23).

Velho Antonio, mas também *Durito*, Camilo e Toñita são figuras sempre presentes no universo criado pelo Subcomandante. Depois do pajé, o primeiro é um escaravelho falante que tem por nome verdadeiro Nabucodonosor, mas que se auto-intitula *Durito* e à pecha de Dom Quixote nomeia Marcos seu escudeiro. Camilo nasceu em Chiapas, é o morador da selva, guerrilheiro e, apesar de não ter instrução formal, é quem melhor sabe fazer cálculos, muito úteis quando estão em fuga embrenhados na mata. E Toñita, a criança, a mulher, a indígena. Aquela que não chora, não porque não sente dores, mas porque até mesmo uma criança em Chiapas sabe que é preciso ser forte frente à realidade que os cerca.

Portanto, é por meio do destino de tais personagens que ficamos sabendo do muito que ocorre no cotidiano das comunidades zapatistas da Selva Lacandona, nos confins de Chiapas, nos confins do México. Marcos elegeu a forma da carta como espaço para seus comunicados, quase sempre suas palavras serão publicadas como epístolas, e é nos pós-escritos desses documentos (em espanhol, *posdatas*) que normalmente a ficção aparece. As *posdatas* servem então como indicativo da possibilidade ficcional, mas não como sinal de que tudo que vai ali é produto da criatividade literária. É um jogo, uma brincadeira que Marcos sabe fazer muito bem, e suspensos entre a realidade e a ficção, nos colocando a par da sorte ezelenita.

A priori, o maior montante da produção textual do Subcomandante Marcos do Exército Zapatista de Libertação Nacional se dá por meio de comunicados em formato de carta, que utiliza recursos literários para veicular um discurso de luta dos oprimidos por não mais que simplesmente “dignidade” e tudo que for necessário para a existência dela.

O propósito da presente dissertação é, por consequência, verificar como se constrói o discurso zapatista dentro das cartas de Marcos, como ele se dá e qual seu objetivo. Para tanto, trataremos do formato escolhido pelo guerrilheiro para disseminar suas ideias, sua luta, que é a carta; cuidaremos também das questões relativas à estrutura narrativa e de como estas estão presentes nos escritos do *Sup*¹⁵; para, por fim, analisar o discurso do ideário zapatista. Para melhor apreciação, ao fim deste volume é possível encontrar algumas das cartas do Subcomandante em sua versão integral.

¹⁵ Não há registro de explicação nas cartas zapatistas para o uso do termo “Sup” como forma de designar o Subcomandante Marcos. Provavelmente trata-se de uma brincadeira de Marcos com a abreviação “sub” e o adjetivo “super”.

1 A CARTA

*“Eu escrevo minha carta / num papel decente / quem se
sente / quem se sente com saudade / não economiza /
martiriza / Martiriza o pensamento /
eu digo no papel / que o anel / no anel do pensamento /
andei duzentas léguas...”*
Tom Zé, A Carta

Quando à nossa mente se apresenta o termo “carta”, a primeira imagem vislumbrada é a de um envelope, seja ele branco ou pardo, pequeno ou grande, e, posteriormente, as marcas da burocracia necessária: um selo ou mais, um carimbo ou vários. Temos então os dois lados deste invólucro preenchidos com os dados de quem envia e os dados de quem receberá, na sequência o que tudo isso envolve: o conteúdo, a mensagem no papel. Serão notícias dos vivos ou dos mortos? Dos saudáveis ou dos doentes? De quem sente algum tipo de saudade? Certamente!

O excerto da canção “A carta” ou apenas “Carta” (existem oficialmente variações tanto do nome quanto da letra da canção) ajuda remeter o pensamento ao universo tradicional desta forma de comunicação, cada vez menos conhecida das novas gerações nestes moldes. Mas, é claro, não precisamos ser nenhum estudioso dessa forma para saber que, ainda em tempos muito antigos, a carta servia (e ainda serve) para muito além do envio de notícias aos familiares e amigos mais próximos. E, também, abarca tanto a simplicidade dessa missiva mais usual quanto, por exemplo, as epístolas bíblicas de Paulo aos romanos, efésios, colossenses etc.

Saber da existência destes diferentes tipos de carta, entretanto, para quem tem este objeto como estudo, é apenas o mais inicial e superficial pontapé. É preciso ir além, muito além, e buscar algumas respostas que ajudem a nortear o estudo, seja em qual área for. No campo da História, a investigação deste material já se faz presente há um bom tempo; na Literatura, que será o nosso caso, não é de hoje que a escrita epistolar tem sua importância, mas ela vem crescendo e ganhando espaço com mais ênfase nos últimos anos. É que o texto não-canônico ganha terreno nos estudos literários e, com diferentes enfoques, procura responder diferentes perguntas. Como observa Angela de Castro Gomes (2004), professora titular de história do Brasil da Universidade Federal Fluminense (UFF), na obra *Escrita de Si. Escrita da História*, falando desta pesquisa de uma forma geral, mas

com questões que de modo algum podem ser descartadas pelo estudante de literatura que analisa a carta:

Quem escreve/lê as cartas? Em que condições e locais foram escritas? Onde foram encontradas e como estão guardadas? Qual ou quais o(s) seu(s) objetivo(s)? Qual o seu ritmo e volume? Quais suas características como objeto material? Que assuntos/temas envolvem? Como são explorados em termos de vocabulário e linguagem? Essas questões podem se multiplicar, chamando a atenção do analista para as importantes relações estabelecidas entre quem escreve, o que escreve, como escreve e o suporte material usado na escrita (GOMES, 2004, p.21).

Como se pode perceber, são muitos os caminhos que podem guiar o estudo das cartas e qualquer um deles acaba exigindo a passagem por diferentes estradas. O que Gomes (2004), no entanto, preconiza, é que busquemos não apenas a resposta para cada uma dessas questões mas que também possamos averiguar a relação que se estabelece entre os pontos questionados. No nosso caso, é imperante saber qual motivo levou Marcos a escolher essa forma de escrita quando poderia ter se limitado aos relatórios militares e políticos tradicionais.

1.1 DE SÃO PAULO ÀS MONTANHAS DO SUDESTE MEXICANO

A pesquisa que se debruça sobre as cartas dentro dos estudos literários, obviamente, precisa ir além desse meio como suporte e enxergar a confecção das missivas enquanto gênero que tanto pode ser literário quanto pode passar por ele utilizando seus mecanismos, rico de possibilidades e de limitações não muito bem definidas. É o que afirma Júlio Castañon Guimarães (2004, p.11) em *Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo*: “[e]m termos amplos, pode-se falar, em relação à carta, ‘da instabilidade de suas formas’, ‘dessa forma sempre em movimento’, do ‘caráter essencialmente híbrido do gênero’ e de ‘gênero de fronteira’ [...] efetivo caráter maleável”.

Nosso objeto de estudo, como explicitado na introdução do trabalho, são as cartas abertas escritas no México pelo Subcomandante Marcos, do Exército Zapatista de Libertação Nacional, para os mais distintos destinatários, mas, como o

objetivo principal do capítulo é abordar o gênero de forma ampla outros exemplos de correspondência serão citados.

Uma das epistolografias mais conhecidas e estudadas no Brasil é a troca de correspondência entre os escritores Mário de Andrade e Manuel Bandeira. No livro organizado por Marcos Antonio de Moraes (2001), *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, temos a reunião de grande parte do diálogo epistolar produzido, daquilo que se conseguiu publicar porque, por motivos variados, nem tudo se pode ou se consegue, nem tudo é acessível ou foi preservado.

Guardadas as devidas proporções e observados os diferentes detalhes das correspondências dos poetas brasileiros e do guerrilheiro mexicano, podemos vislumbrar algo como a criação de uma obra involuntária – ainda que em ambos os casos o involuntário apresente toques de encenação – porque reunindo diferentes textos, de diversas datas, podemos visualizar um conjunto de escritos que se complementam:

[a] questão do gênero epistolar assombra Mário de Andrade, com frequência, nas próprias cartas. “Sofro de gigantismo epistolar”, confessa a Carlos Drummond de Andrade em missiva de 1924. Essa “epistolomania” fundamenta-se na intenção firme de “escrever cartas e não responder cartas”, fato significativo que projeta no escritor a consciência de que pode estar criando uma “obra involuntária”, escritura à deriva no universo literário (MORAES, 2001, p.16).

As cartas de Mário de Andrade são, de forma generalizada, para tratar de assuntos cotidianos, mas, principalmente, para discutir questões literárias e essa “obra involuntária” serviria tanto para conhecermos melhor a pessoa e o poeta Mário de Andrade quanto para entendermos de forma mais completa sua produção com fins de publicação. Uma espécie de complemento paratextual que pode ajudar o leitor a entender sua poética de maneira amplificada.

O epistolário zapatista, assim como o dos “Andrades”, igualmente trata do cotidiano – neste caso, algo mais parecido com cartas de guerra ou de exílio –, porém não discute os meandros do fazer literário e, se não faz literatura, no mínimo utiliza recursos literários para tratar do ordinário, que de ordinário nada tem. É que na Selva Lacandona, sudeste mexicano, a ordem do dia para os ezelenitas é o

desassossego, os olhos e ouvidos sempre alerta, a morte à espreita a cada passo que se dá:

É preciso abandonar o amor pela morte e a fascinação pelo martírio. O revolucionário ama a vida, sem temer a morte, e tenta fazer com que a vida seja digna para todos, e se tiver que pagar com a morte, o fará sem dramas nem vacilações.

Receba o meu mais forte abraço e esta dor terna que sempre será esperança.

Adeus, Miguel.

Das montanhas do sudeste mexicano,

Subcomandante rebelde Marcos

P.S. Aqui vivemos pior que os cães. Tivemos que escolher viver como animais ou morrer como homens dignos. A dignidade, Miguel, é a única coisa que não se deve perder... jamais (MARCOS, 1994 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.48-49)¹⁶.

Como se pode perceber, a tônica das cartas do Subcomandante é outra, elas enfatizam o funcionamento da vida em meio à guerra e não cuidam do labor literário. Contudo, e não obstante essa diferença evidente, o conjunto de missivas produzidas não deixa de perpassar o gênero epistolar, que, como dito, compreende os mais variados textos que de alguma maneira se pautam por forma tão antiga de comunicação. O último trecho citado faz parte da carta intitulada *Para Que Os Soldados Não Sejam Mais Necessários* e tem como destinatário o menino Miguel A. Vazquez Valtierra, de *La Paz, Bassa California*, sul do México e – ainda que seja escrita com propósitos de publicação, ou seja, uma carta aberta – seu remetente faz uso consciente de alguns detalhes que caracterizam tal meio na sua forma mais usual: como o nome do destinatário e sua localização, a datação, a localização do remetente, a assinatura e o *post scriptum*.

Marcos, assim como outros que sofrem da “epistolomania”, sabe em que terreno pisa, não o faz de forma gratuita: parece querer chegar de maneira mansa ao ouvido do seu interlocutor, que é, neste caso, o menino Miguel, mas também

¹⁶ “Abandona, si lo tienes, el amor por la muerte y la fascinación por el martirio. El revolucionario ama la vida sin temer la muerte, y busca que la vida sea digna para todos, y si para esto debe pagar con su muerte lo hará sin dramas ni titubeos. / Recibe mi mejor abrazo y este tierno dolor que siempre será esperanza. / Salud Miguel. / Desde las montañas del sureste mexicano / Subcomandante insurgente *Marcos*. / PD. Acá nosotros vivíamos peor que los perros. Tuvimos que escoger: vivir como animales o morir como hombres dignos. La dignidad, Miguel, es lo único que no se debe perder nunca... nunca.”

incontáveis leitores em potencial. Ele se aproveita da elasticidade do gênero para contar a realidade dos zapatistas, mas também para ganhar leitores/ouvintes e, com uma construção textual que soa didática em diversos momentos, conquistar pela sensibilidade.

1.2 O QUE SERÁ QUE SERÁ?

Em se tratando de questões de limitação de gêneros literários (limitação que também se estende às cartas), essa era uma preocupação que irritava Mário de Andrade, pois dizia, em carta de 1926 ao poeta Carlos Drummond de Andrade, que “todos os gêneros se baralham, isso até Croce já decretou e está certo. Romances que são estudos científicos, poemas que são apenas lirismo, contos que são poemas, histórias que são filosofias etc” (ANDRADE, 1926 apud MORAES, 2001, p.17). Sabemos que para os estudos literários não podemos simplesmente descartar as classificações das formas, porém não podemos ignorar a observação do poeta. O que nos cabe é enxergar que tais classificações servem de ponto de partida, jamais de chegada.

Mas porque tratar de limite de gênero literário quando o assunto é, em tese, apenas o limite daquilo que se pode chamar por “carta”? Porque, além da carta ter o potencial de alçar status de literatura ela se enriquece no hibridismo, como a própria literatura, e, por conta de fronteiras mal definidas, acabam gerando questões que se imbricam. Como, por exemplo, questões editoriais, público leitor, fidelidade do que se relata e até mesmo vanguarda artística. Para se ter uma ideia, basta ler o trecho que se cita a seguir para ver que a discussão do gênero epistolar guarda muitas semelhanças com a discussão do que é a própria literatura:

[...] não se pode deixar de lembrar que sob a denominação de cartas se publicaram na imprensa diversos tipos de artigos ou crônicas. Lembrem-se, por exemplo, as *Cartas literárias* de Adolfo Caminha, publicadas em 1895, que se compõem de artigos de crítica literária; ou as *Cartas de Inglaterra*, de Rui Barbosa, publicadas em 1896. No primeiro caso, tratava-se de simples artigos; no segundo, também se teria um conjunto de artigos voltados sobretudo para questões históricas e políticas, com a característica de serem enviadas do exílio, o que lhes daria a condição de carta – embora carta diretamente destinada à publicação, e não a um leitor reservado, mas a um público de imprensa (GUIMARÃES, 2004, p.16-17).

E aí temos outro gancho para tratar das variadas maneiras de se visualizar a epístola: a carta do exílio, a missiva produzida em ambientes e épocas excepcionais como de guerra, é outra possibilidade quando se pensa na “escrita de si”. Escrita que engloba, além das cartas, diários, biografias e autobiografias, dividindo características e sendo a principal delas a elaboração textual assumidamente criada a partir do ponto de vista pessoal. Voltando então ao ponto das cartas de guerra ou de exílio, Gomes (2004) sustenta que tais períodos históricos estimulam a produção dessa documentação da memória porque são percebidos como excepcionais.

O tempo da excepcionalidade parece mesmo exigir que os acontecimentos sejam registrados, tanto para que não se repitam quanto para “simples” conhecimento. Essa nova temporalidade que acelera o ritmo de vivência consegue condensar experiências (boas ou más) que talvez uma vida toda não conseguisse apreender em ritmo dito comum, normal, e, portanto, se apresentam como se fossem mais dignas ou necessárias de ganharem registro: “a escrita de si estabelece uma relação de domínio do tempo que está determinada por seus objetivos e pela sensibilidade que a provoca” (GOMES, 2004, p.18).

Cartas do exílio? Cartas de guerra? Estas duas denominações para missiva provavelmente são as duas designações que mais sirvam para rotular os escritos do Subcomandante Marcos. É que, apesar do nosso autor não ter saído do México, se encontra exilado. É um cidadão mexicano, que não saiu de seu país, mas que não pode circular livremente por ele. É ele também um correspondente de guerra, pois, apesar de não declarada oficialmente, a guerra contra os indígenas de Chiapas segue sem descanso e os conflitos com o exército oficial do governo e os paramilitares, em momentos de maior ou menor intensidade, normalmente, quase via de regra, resultam em prejuízo para os zapatistas:

P.S. que relata o que aconteceu nos dias 17 e 18 de fevereiro de 1995, oitavo e nono dias da retirada.

“Fomos seguindo a ponta dupla de uma flecha lunática.” “Quarto crescente, chifres para o oriente”, lembrei e repeti quando fomos dar em uns poteiros. Tivemos que esperar. Acima, um avião militar fazia chover seu ronronar de morte. Meu outro eu começou a cantarolar: “Y nos dieron las diez y las once, las doce, la una, las dos y las tres”. E, escondidos, ao amanhecer a chuva nos encharcou. ... Yo le hago una señal amenazante para que se calle. Él se defiende: Minha vida

é uma canção de Joaquín Sabina (MARCOS, 1995 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.65)¹⁷.

Sobre o Avanço do Exército Mexicano é o título desta carta, escrita em março de 1995, que leva por destinatário a imprensa mexicana e internacional. Poderíamos dizer aí que a imprensa é mais um intermediário, algo como o carteiro, e que o destinatário, em verdade, é o público leitor, principalmente de jornais impressos, e as poucas pessoas que à época tinham acesso à rede mundial de computadores.

Tais cartas, escritas nesse exílio dentro do próprio país e em meio à guerra e à fuga, ao fim e ao cabo, são remetidas a quem quiser lê-las, mas principalmente às classes médias, uma boa parte delas composta por estudantes universitários simpatizantes à causa zapatista. Ou seja, leitores receptivos que estavam dispostos a ler/ouvir. A importância em saber que estas cartas têm um destinatário que quer realmente lê-las, neste momento, serve para chamar atenção à outra prática bem comum no universo dos missivistas: a instrução de forma didática.

1.3 PRESTE ATENÇÃO

Antón Pávlovitch Tchekhov foi um desses missivistas que ensinava e orientava com suas correspondências. Sua troca de cartas era intensa e feita, sobretudo, com outros escritores, como o também dramaturgo Górkí e seu irmão mais velho Aleksandr P. Tchekhov, jornalista e escritor. Aparentemente sempre muito franco, não deixava de censurar os excessos ou artificialidades presentes na ficção do irmão e de outros amigos que lhe pediam auxílio: não fazia rodeios. O que não lhe agradava ficava exposto rapidamente. No momento mesmo das correspondências aquelas ponderações serviam, podemos dizer, exclusivamente aos seus destinatários, mas quando as cartas começam a ser publicadas fica exposto seu “programa” estético, sua teoria literária.

¹⁷ “P.D. QUE PLATICA LO OCURRIDO LOS DIAS 17 Y 18 DE FEBRERO DE 1995, OCTAVO Y NOVENO DIAS DEL REPLIGUE. / “Nos fuimos siguiendo la doble punta de una flecha lunática”. “Cuarto creciente, los cuernos al oriente”, recordé y me repetí cuando salimos a unos potreros. Hubo que esperar. Arriba un avión militar hacía llover su ronroneo de muerte. Mi otro yo empieza a canturrear: “Y nos dieron las diez y las once, las doce, la una, las dos y las tres”. / Y escondidos al amanecernos empapó la lluvia... Yo le hago una señal amenazante para que se calle. El se defiende: / Mi vida es una canción de Joaquín Sabina.”

E, querendo ou não, torna-se professor duas vezes, tratando da disciplina que um escritor deve ter, das emoções que ele deve ou não transferir para o papel, do posicionamento político do artista e até mesmo sobre o mercado editorial. É o que nos ilustra bem o livro *A. P. Tchekhov: cartas para uma poética*, de Sophia Angelides (1995). Nesta obra a autora, além de organizar correspondências que vão de 1880 até o início de 1890, traduziu 63 fragmentos de cartas diretamente do russo. Ao longo de sua leitura temos Tchekhov a conversar o tempo todo, praticamente, sobre literatura, não exclusivamente a respeito de dramaturgia, mas o tom é quase sempre daquele que sabe do que está falando:

Deixe as mãos em paz quando o cérebro estiver com preguiça! Não escreva mais do que dois contos por semana, reduzindo-os, elaborando, para que teu trabalho seja realmente um trabalho. Não invente sofrimentos que você não experimentou, não desenhe quadros que você não viu, pois a mentira, num conto, é bem mais enfadonha do que numa conversa (TCHEKHOV, 1886 apud ANGELIDES, 1995, p.50).

E em outra carta, agora de setembro de 1886, não para o irmão, mas para sua amiga Maria Vladímirovna Kisseliova, explicita a alegria em orientar:

[...] Evidentemente, não há necessidade de lhe assegurar que terei muito prazer em ser seu agente e cicerone literário. Essa incumbência lisonjeia-me a vaidade, e executá-la é tão fácil quanto carregar o seu balde quando você volta da pesca. Se lhe for indispensável conhecer as minhas condições, permita-me então [...] Escreva sobre diversos temas, coisas cômicas e piegas, boas e ruins. Faça contos, miudezas, anedotas, chistes, trocadilhos etc. etc. [...] Evite os argumentos muito populares. Por mais broncos que sejam os senhores editores, não é fácil provar o seu desconhecimento da literatura parisiense, sobretudo a de Maupassant (TCHEKHOV, 1886 apud ANGELIDES, 1995, p.54).

Tchekhov dizia que era melhor uma crítica negativa que crítica nenhuma e, levando sempre em conta este tipo de pensamento não poupava os amigos de sua sinceridade. E é esse tom de mestre sincero o que emana da epistolografia traduzida e selecionada por Angelides (1995).

De Mário de Andrade, Moraes (2001) também sustenta que o poeta fazia da carta um instrumento de ensino e, assim como Tchekhov, mas em ar menos impositivo, buscava ajudar outros amigos escritores na construção de suas poéticas: “[o] pedagogo é o doutrinador paciente dos colegas de geração, persuadindo-os. Oferece o sólido conhecimento das técnicas e ideários da vanguarda artística, recebido nos livros e revistas européias, que segue com interesse voraz” (MORAES, 2001, p.17). Ainda segundo o mesmo autor, Mário de Andrade além de dar sua opinião, suas dicas e críticas, problematizava dúvidas e levantava outras. Vale lembrar que, novamente assim como Tchekhov, tais ensinamentos ficaram para posteridade com a publicação das cartas porque novos alunos se apresentam cada vez que uma pesquisa sobre sua correspondência se inicia.

Nosso trabalho sustenta que, não diferente dos dois exemplos citados, o Subcomandante zapatista procura matizar seu discurso utilizando a carta como suporte e o didatismo que nela cabe. É certo que não teremos nestas nenhuma discussão a respeito da poética ou de teoria literária, pois o que veremos nelas serão, sobretudo, questões políticas e econômicas. Um bom exemplo do uso das cartas com tal finalidade pelo *Sup* são seus ensinamentos sobre a agenda neoliberal – ora por meio das palavras de um de seus personagens mais conhecidos, o escaravelho *Durito*, ora por seus próprios dizeres – definindo o neoliberalismo como um sistema econômico caótico e que explora o caos:

— [...] Suponhamos agora que uma nova geração de “políticos juniores” foi estudar no exterior o modo de “salvar” este país da única maneira que podem conceber sua salvação, isto é, ignorando sua história e anexando-o ao veloz trem da brutalidade e da imbecilidade humanas: o capitalismo. Suponhamos que conseguimos ter acesso às anotações desses alunos sem pátria.

— O que encontramos?

— Nada! Absolutamente nada!

— São maus alunos?

— De maneira nenhuma! São estudantes bons e rápidos. Mas aprenderam apenas uma única lição em cada matéria que cursaram. A lição é sempre a mesma: “Faz de conta que você sabe o que faz. Este é o axioma fundamental da política do poder no neoliberalismo”, lhes disse o professor. Eles perguntaram: “E que é o neoliberalismo, *dear teacher*?”. O professor não respondeu, mas posso deduzir pela sua expressão de perplexidade, pelos olhos avermelhados, pela baba que escorre pelas comissuras de seus lábios e pelo evidente desgaste da sua sola direita, que o professor não se atreveu a dizer

a verdade aos alunos. E a verdade é que, como eu descobri, o neoliberalismo é a caótica teoria do caos econômico, a estúpida exaltação da estupidez social e a catastrófica condução política da catástrofe (MARCOS, 1995 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.125)¹⁸.

Esta carta de julho de 1995, endereçada aos jornais mexicanos *Proceso*, *El Financiero*, *La Jornada* e *Tiempo*, é escrita por *Don Durito* inicialmente para falar do aniversário do Subcomandante Marcos que se comemora no dia 30 de fevereiro. O escaravelho diz que o aniversariante já está no alto das montanhas a esperar pelas filas dos caminhões com seus presentes. Logo após, o espaço é aproveitado para satirizar o governo mexicano dizendo que já se pode respirar com calma porque este “declarou que dentro de dois anos todos [serão] felizes. Resta ver quem vai resistir aos 730 dias que nos separam do paraíso” (MARCOS, 1995 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.122)¹⁹. Segue então, em uma *posdata* que nosso pequeno personagem diz ter encontrado por aí, a sua teoria sobre o neoliberalismo.

A aula presente na *posdata* de julho de 1995 é carregada da costumeira zombaria do escaravelho falante e por ele dada. Em suas sete páginas, *Durito* brinca com seu interlocutor Marcos, o qual nomeou por escudeiro, mas faz questão em deixar claro que o assunto é sério. É que sua didática é diferente, mais amistosa, um bate papo entre velhos amigos. Sobre o mesmo tema, o neoliberalismo, para mera exemplificação, temos no mínimo mais três cartas, uma de março de 1995, outra de maio de 1996 e a terceira de junho de 1997. Em metade desses textos é *Durito* quem faz as vezes de professor, na outra Marcos – o tom do segundo “professor” segue em sentido sarcástico, porém menos escancarado: “Ali Babá e os 40 banqueiros? Não, algo pior. O dinheiro sujo do crime organizado é utilizado pelos

¹⁸ “Supongamos ahora que una joven generación de “políticos *juniors*” ha estudiado en el extranjero la forma de “salvar” a este país de la única forma en que concibe su salvación, es decir, ignorando su historia y anexándolo a la cola del veloz tren de la brutalidad y la imbecilidad humana: el capitalismo. Supongamos que logramos tener acceso a los cuadernos de apuntes de estos alumnos sin patria. ¿Qué encontramos? ¡Nada! ¡Absolutamente nada! ¿Se trata de malos alumnos? ¡De ninguna manera! Son estudiantes buenos y veloces. Pero resulta que han aprendido una sola y única lección en cada materia que cursaron. La lección es la misma siempre: “Aparenta que sabes lo que haces”. “Este es el axioma fundamental de la política del poder en el neoliberalismo”, les ha dicho su maestra. Ellos preguntaron: “¿Y qué es el neoliberalismo, *dear teacher*?” El maestro no responde, pero yo puedo deducir por su cara de perplejidad, sus ojos enrojecidos, la baba que le escurre por las comisuras de los labios y el evidente desgaste de su suela derecha, que el maestro no se atreve a decirles la verdad a sus alumnos. Y la verdad es que, como yo lo descubrí, el neoliberalismo es la caótica teoría del caos económico, la estúpida exaltación de la estupidez social, y la catastrófica conducción política de la catástrofe.”

¹⁹ “[...] declaró que dentro de dos años todos seremos muuy felices. Ya sólo falta ver quién resiste los 730 días que nos separam del paraíso.”

bancos comerciais para suas atividades: empréstimos, inversões nos mercados financeiros, compra de bônus[...]” (MARCOS, 1997 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.215).²⁰

Evidentemente Marcos não é o primeiro nem será o último a fazer uso do epistolário que assim acaba se configurando, mas, dessa forma, juntando cartas de diferentes datas com diferentes motivações, podemos visualizar algo próximo a uma conferência ou ensaio. E, como chama atenção Castañon Guimarães (2004, p.17), ainda que talvez não tenha sido esta a finalidade pensada no momento da escrita, a de um texto ensaístico – algo não muito usual no universo das missivas:

[a]ssociadas a esse tipo de utilização do termo carta, estariam as cartas escritas efetivamente para um destinatário particular, mas veiculadas publicamente pela imprensa. Ou ainda, cartas dirigidas a um destinatário particular e a ele de fato enviadas, mas escritas de tal forma a constituírem um ensaio sobre determinado assunto, de modo que posteriormente, com sua reunião e publicação, assumem praticamente a forma de um ensaio.

Guimarães (2004) está discorrendo sobre epístolas como as Cartas sobre a Confederação dos Tamoios, de José de Alencar, e outras trocadas pelo mesmo autor com Machado de Assis sobre Castro Alves. Como se percebe, podemos falar de conteúdos distintos, mas de formas bem similares, tanto no caso brasileiro quanto no mexicano, pois, em ambos, temos cartas publicadas separadamente pela imprensa e que reunidas formam uma espécie de *continuum*.

1.4 É TUDO VERDADE

Do íntimo que se torna público, por estratégia ou não, a carta carrega a aura da personalidade, do individual e exclusivo. Ao lê-la, pode ter sido escrita séculos antes do nosso próprio nascimento, experimentamos em gradações variadas a sensação do destinatário real, sem escusa desse de fato não existir. E esta é uma das razões para criar textos sabidos de antemão para publicação e formatá-los como cartas: disponibilizar tal sensação de intimidade para quem quiser ser destino.

²⁰ “¿Alí Babá y los 40 banqueros? No, algo peor. El dinero sucio del crimen organizado es utilizado por los bancos comerciales para sus actividades: préstamos, inversiones en los mercados financieros, compra de bonos [...]”

Mas é preciso entrar no jogo, da mesma forma que entramos no jogo do romancista, do contista, do novelista ou do poeta.

A forma epistolar, por natureza, é aquela onde se deposita a verdade de quem escreve. Quando estamos diante de uma carta e tentamos visualizar o momento de sua escrita, enxergamos alguém empenhado em colocar ali nada além da verdade: é que cartas, em grande parte, são escritas dentro de uma esfera de afeto e sinceridade, de abrir de peito e de amizade. As cartas trocadas entre amigos podem carregar verdades incompletas, mentiras não. E é aí, em tão delicado ponto, onde devemos estar precavidos, para que ao mesmo tempo em que não passemos por ingênuos diante dessas verdades possamos fruí-las: “[p]recisamos da nossa atenção constante, porque a carta traz sempre a verdade do indivíduo, em determinado momento, diante de um destinatário específico” (MORAES, 2005, p.13).

A *Carta ao Leitor*, texto prefacial escrito pelo professor Marcos Antonio de Moraes (2005) para sua organização de cartas *Me Escreva tão Logo Possa*, trata do tema e, para tanto, se utiliza do exemplo da correspondência entre Mário de Andrade, Anita Malfati e Manuel Bandeira. Ao escrever para a amiga que à época morava em Paris, Mário de Andrade que recentemente havia passado por uma cirurgia diz a ela se tratar de uma apendicite. Quando se corresponde com Manuel Bandeira e do mesmo assunto cuida, diz: “foram umas filhas-da... de hemorróidas que careci tirar da noite pro dia porque não aguentava mais viver sem gosto” (ANDRADE, 1926 apud MORAES, 2005, p.13). Não sei se há alguma outra fonte de informação que permitiria sabermos da cirurgia das hemorróidas do poeta, mas, se somente a carta para Anita Malfati tivesse se tornado pública talvez nunca soubéssemos de tal cirurgia. Não que seja extremamente relevante tomar ciência das hemorróidas de Mário de Andrade, mas é que o episódio se torna importante para discutir essas questões do mito da verdade epistolar.

Tal mito existe, é evidente, por considerarmos normalmente a carta em seu formato e uso mais convencional, mas, também, por essa forma de escrita estar dentro daquilo que se chama de texto confessional e de possuir características que também são pertinentes a outros textos confessionais, como a autobiografia, a biografia e o diário íntimo. A principal peculiaridade da literatura confessional seria então a assunção de que aquilo que se escreve parte de um *eu* definido, demarcado, ou seja, não fala um personagem, fala, realmente, um autor.

Essa questão, de que o missivista estaria sempre dizendo a verdade e sendo natural, preocupava o amigo de Malfati e de Bandeira porque nessa sua tarefa epistolar era categórico em afirmar que nesse momento não produzia literatura, não escrevia um livro de memórias. Mas, para Moraes (2001, p.20):

[a] escolha do espaço da carta para desvelamento da intimidade implica observar os limites epistolográficos, sobretudo porque a carta se coloca além da simplista divisão “forma” e “conteúdo”. A carta pressupõe dois componentes determinantes: o “diálogo” e a “*mise-en-scène*”.

Então, no fim das contas, para o autor, essa naturalidade do missivista teria sempre uma boa dose de encenação, de naturalidade falsa, e, numa fala do poeta modernista, a questão se resume: “[...] a mim também, como a todo sujeito que escreve cartas que não são apenas recados, me perturba sempre e me empobrece o problema infamante do ‘estilo epistolar’. Aquela pergunta desgraçada [...] ‘não estarei posando?’” (ANDRADE, 1942 apud MORAES, 2001, p.20).

O leitor de cartas, dessa maneira, não deve procurar nas palavras epistolares a verdade ou algo que se liga diretamente a referencialidade. O que importa é buscar nesse texto a visão de quem o escreveu, pois, se o referido não for verdade, ainda assim, pode-se dar fé. Por mais que tentemos, conscientemente ou não, nunca haverá um desvelamento que poderíamos, com certeza, afirmar (se escala houvesse) de grau zero. Então, apesar de sabermos da existência de uma certa dosagem de encenação na escrita epistolar, nada nos impede que continuemos a buscar nos documentos confessionais uma fonte de melhor conhecimento de nós mesmos, do mundo, da história. É o que argumenta Angela C. Gomes (2004, p.15):

[...] o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento. Um tipo de discurso que produz uma espécie de “excesso de sentido pelo real vivido”, pelos detalhes que pode registrar, pelos assuntos que pode revelar e pela linguagem intimista que mobiliza. Algo que pode enfeitiçar o leitor/pesquisador pelo sentimento de veracidade que lhe é constitutivo, e em face do qual certas reflexões se impõem.

O epistolário zapatista do Subcomandante Marcos - e aí, *a priori*, não importa o quanto disso foi projetado pelo autor – se insere nesse universo de textos escritos dentro de um formato de carta e que afirmam dizer a verdade. Mas o que ele faz, diferente da maioria dos missivistas, é subverter a forma relatando a verdade do cotidiano zapatista por meio da ficção que se assume enquanto ficção, ao mesmo tempo em que não delimita o campo dos acontecimentos relatados. Não sabemos o quanto de fato se sangrou, se realmente houve sangue, mas é a verdade. Temos ciência que a ficção ali entrou, porque o tom é outro, o ritmo é outro assim como a linguagem é diversa e personagens são inseridos. Mas também nos serve de indicação as *posdatas*, ou pós-escritos, sendo estes o espaço normalmente dedicado ao ficcional. Ler as cartas de Marcos é um exercício que demanda enxergar não só a carta, mas a literatura em suas infinitas possibilidades.

As cartas, que têm a finalidade principal de comunicado aberto, são como uma espécie de ficção que portam a verdade da luta desses indígenas de Chiapas pela dignidade. A configuração delas é quase sempre a mesma: a data, logo abaixo, às vezes antes, o/os destinatários, segue o comunicado, na sequência a localidade e a assinatura do remetente. Findada essa parte é a hora da ou das *posdatas* que, em tese, assinalam o momento em que a ficção pode entrar e, normalmente, esses pós-escritos já denunciam o humor do autor e/ou sua condição enquanto escreve:

11 de março de 1995

À imprensa nacional e internacional

Senhores:

Segue comunicado que demonstra que o homem é o único animal que corre o risco de cair duas vezes na mesma armadilha. Sem dúvida, seria bom que mandassem uma cópia da tão mencionada lei aos federais. Não parecem conhecê-la, porque continuam avançando. Se continuarmos nos retirando, vamos dar de cara com um cartaz que diz o seguinte: “Bem-vindos à fronteira Equador-Peru”. Não é que desgostemos de viajar para a América do Sul, mas essa questão de ficar entre três fogos não deve ser muito agradável. Aqui na selva pode-se apreciar, em toda sua amplitude, a transformação do homem em macaco (antropólogos, abstenham-se).

Tudo bem. Saúde e uma bola de cristal dessas que servem para ver o hoje e o amanhã.

Das montanhas do sudeste mexicano,

Subcomandante Insurgente Marcos

P.S. que pergunta, só por curiosidade: Como se chama o general do exército federal que, antes de se retirar do campo do Prado, ordenou

a destruição de tudo o que podia ser útil nas casas dos indígenas, além de queimar várias choças? [...] Será que o general sabia que uma das casas que mandou destruir era a da Toñita? [...] Como se estivesse consertando um coração quebrado, assim Toñita reconstrói, com barro e saliva, sua pequena xícara de chá quebrada. Alguém, lá longe, esquece por um momento que é homem. As gotas salgadas que caem do seu rosto não conseguem oxidar o peito de chumbo... [...]

P.S. que sintoniza nostalgia no dial. No radinho alguém, em ritmo de *blues*, desenrola essa canção que diz: "All it's gonna right with a little help from my friends..."

P.S. que, agora sim, já se despede agitando um coração como um lenço.

Tanta chuva e nem uma gotinha para saciar as ânsias...

Tudo bem conosco. Saúde e abusado com esse ramo seco que pende sobre suas cabeças e que pretende, ingênuo, protegê-los com sua sombra.

O Sup fumando... e esperando (MARCOS, 1995 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.63-75).²¹

E é dessa maneira, aparentemente ao contrário do que ocorria com o irmão de Tchekhov que inseria agruras não sofridas em sua escrita, que o *Sup* vai colocando no papel as dores cotidianas dos ezelenitas, sentindo-as, experimentando-as e delas participando organicamente. Nas suas letras vai aquele excesso de sentido pelo real que se viveu de que nos fala Gomes (2004). E, nesse caso, não devemos nos preocupar e procurar por erros ou mentiras, o que compete avaliar aí é o sentimento de veracidade da carta.

²¹ "A "Proceso", "El Financiero", "La Jornada", "Tiempo"; a la prensa nacional e internacional: / 11 de Marzo de 1995. / Señores: / Va comunicado que demuestra que el hombre es el único animal que se arriesga dos veces a caer en la misma trampa. Por cierto, sería bueno que le mandaran una copia de la multimencionada ley a los federales. No parecen haberse dado por enterados, porque siguen avanzando. Si seguimos replegándonos vamos a llegar a topar un letrero que diga: "Bienvenidos a la frontera Ecuador-Perú". No es que nos disguste el viaje a Sudamérica, pero eso de estar en medio de tres fuegos no debe ser muy agradable. Nosotros bien. Aquí en la selva se puede apreciar, en toda su crudeza, la transformación del hombre en mono (antropólogos, absténganse). / Vale. Salud y un cristal de ésos que sirven para ver el hoy y el mañana. / Desde las montañas del Sureste Mexicano. / Subcomandante Insurgente Marcos. / México, marzo de 1995. / P.D. QUE PREGUNTA SOLO POR CURIOSIDAD / ¿Cómo se llama el general del Ejército Federal que, antes de retirarse del ejido Prado, ordenó destruir todo lo utilizable en las casas de los indígenas y quemar varias chozas? [...] ¿Sabía el general que una de las casas que ordenó destruir era la casa de la Toñita? [...] Como si rearmara un corazón roto, así reconstruye la Toñita, con barro y saliva, su rota tacita de té. Alguien, lejos, olvida por un momento que es hombre. Las gotas saladas que le caen del rostro no alcanzan a oxidar el pecho de plomo... [...] P.D. QUE SINTONIZA NOSTALGIA EN EL CUADRANTE / En el radito alguien, a ritmo de *blues*, desgarrá esa que dice: "All it's gonna right with a little help of my friends..." / P.D. QUE, AHORA SI, YA SE DESPIDE AGITANDO UN CORAZON COMO PAÑUELO. / Tanta lluvia y ni una gotita para saciar las ansias... / Vale de nuez. / Salud y abusados con esa rama seca que pende sobre sus cabezas y que pretende, ingenua, cobijarlos con su sombra. / El *Sup* fumando... y esperando."

Como meio simples de demonstrar essa construção textual em que se misturam ficção e realidade, onde inicialmente sabemos quando ambas começam mas nunca quando de fato terminam, temos a menina Toñita. Ela, ao que tudo indica, não é mais que uma personagem do rebelde insurgente e que representa a criança do sexo feminino dentro das comunidades zapatistas. Normalmente Toñita aparece somente nas *posdatas* “ficcionalis” das missivas, mas, na carta utilizada como exemplo, Marcos a insere em um trecho no qual normalmente a ficção não teria espaço, onde o pós-escrito não parece ser mais que uma continuidade direta do texto anterior.

Temos aí, no mínimo, dois componentes que ajudam a rastrear a ficção e a realidade: Toñita-ficção e fuga/destruição-realidade. Para detecção do fictício temos as outras cartas a nos ajudar. Para entender um pouco do que de real vai nas palavras de Marcos, basta consultar os periódicos mexicanos e as matérias feitas à época tratando do deslocamento dessas comunidades indígenas rebeldes frente ao exército oficial. A serventia destes detalhes certamente não é para fim, mas, para meio, eles nos ajudam a perceber a peculiaridade destas missivas produzidas em meio ao conflito e a selva.

As epístolas do Subcomandante querem, mais do que demonstrar simples dados dessa luta por dignidade, transportar o destinatário para o dia-a-dia do EZLN e, ao mesmo tempo, dar a esse destinatário a sensação da presença do líder zapatista. É o que permite o formato escolhido, de acordo com Moraes (2005, p.15): “[...] temos a impressão de que a carta carrega um pouco da nossa presença corpórea. [...] A escrita e a assinatura conseguem presentificar [...] a carta sempre conserva o traço ‘anímico’ (da alma), ou seja, o talhe simbólico do outro”. Em suma, as cartas zapatistas, ainda que não apresentadas com a escrita de próprio punho do remetente, carregam as assinaturas e a linguagem *sui generis* de Marcos.

Também, a propósito desse texto inicialmente pensado como algo particular, íntimo, mas que por se destinar à imprensa poderia perder suas características, temos o caso de Caio Fernando Abreu para provar que é preciso mais do que a publicação para que a carta perca sua aura intimista:

[...] aqui se encontra significativamente um exemplo de carta como formulação de um texto destinado ao público de imprensa. Tal se dá nas crônicas, publicadas em jornais e nas quais Caio Fernando Abreu revelou estar internado com Aids, intituladas “Cartas para além

dos muros” – aqui, o texto literário público, afim de revelar um fato particular, se vale da transformação de um meio privado em público (GUIMARÃES, 2004, p.43).

Por certo, é isto o que o Subcomandante Marcos faz. De forma planejada ele transforma esse meio privado da carta em um suporte que pode ser destinado a um público por amplo que seja e, assim como o poeta e romancista gaúcho, conta das mazelas, agruras e, quando possível, dos fôlegos vívidos e experimentados. E, nessa tarefa epistolar, o *Sup* vai inteirando os que atenderam ao chamado zapatista do cotidiano dos rebeldes indígenas de Chiapas.

Então, alimentadas por um substrato rico, tais cartas vão sendo criadas a partir desse cotidiano nada usual para a maioria da população do planeta. Cotidiano que, para os estudiosos/pesquisadores da correspondência, se configura como um dos principais combustíveis desse tipo de escrita: “[c]omo a correspondência se alimenta dos acontecimentos diários, de nossas ideias e sentimentos, todos os assuntos cabem em um envelope ou na caixa de mensagem do correio eletrônico” (MORAES, 2005, p.8). E, ainda mais além: “a carta é o espaço em que convivem esse cotidiano e a possibilidade de ficção” (GUIMARÃES, 2004, p.32).

Como mostrado pelos exemplos, o cotidiano dos ezelenitas já seria suficientemente rico para ajudar na composição do epistolário de Marcos, mas este não se contenta com tal e quer ir adiante: enquanto os zapatistas estão buscando alimento, plantando, cuidando da saúde, planejando, investigando, debatendo e, até mesmo, fugindo, deuses vão criando o mundo, a linguagem, os seres vivos, insetos começam a falar, a lua quer se ver refletida em um espelho e o suor gelado de quem se esconde na mata ajudam a esquentar o ânimo dos que acompanham a luta de longe, seja em Oaxaca, Veracruz, Tabasco, Campeche, seja em Kyoto.

Simulando as correspondências privadas, as cartas não seguem uma sequência de abordagem de temas como livro, pensado e ordenado, senão que assuntos e discussões começam numa data e não é certo quando, e se, serão retomados. E é por isso que essa lógica pouco cartesiana contribui para “combinar com grande facilidade o que vem do cotidiano/ordinário com o que vem do maravilhoso/extraordinário” (GOMES, 2004, p.21). Então, seguindo por trilhas tão sinuosas, um escaravelho falante (e fumante!) é quem nos dará aulas de economia e bom humor:

[...] se enfiou debaixo de uma folhinha. Pouco depois saiu, empurrando sua pequena escrivaninha. Depois foi buscar uma cadeirinha, sentou-se, pegou uns papéis e começou a revisá-los com ar preocupado.

— Mmmh, mmmh... – dizia a cada porção de papéis que lia. Depois de certo tempo, exclamou: — Aqui está!

— Aqui está o quê? – perguntei intrigado.

— Não me interrompa! – disse Durito, sério e solene. E acrescentou: — Preste atenção. Seu problema é o mesmo de muitas pessoas. Refere-se à doutrina econômica e social conhecida como “neoliberalismo”...

Era só o que me faltava... aulas de economia e política, pensei. Parece que Durito escutou o que eu estava pensando, porque me repreendeu [...] (MARCOS, 1995 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.71)²².

Nesse caso, estamos lendo uma carta que trata do avanço do Exército mexicano e da fuga de zapatistas. Marcos, embrenhado na mata e se alimentando de cobras em meio à chuva, vê surgir um inseto professor de economia. A situação já é tão *sui generis* que não nos espantamos com muita coisa, ainda mais quando o narrador e personagens tratam do acontecimento com tanta naturalidade que chegamos a pensar ser normal encontrar na selva chiapaneca esses bichos falantes.

Não nos surpreendemos, é certo, por conta da forma como é construído o texto e pelo ritmo como a história nos é contada, mas sabemos que tal carta trata de maneira especial um relato que poderia ser apenas cru e cinza. Não nos admiramos, mas não é porque estamos anestesiados ou transformados em robôs; impressionamo-nos e ao mesmo não nos impressionamos porque sabemos estar diante de um uso peculiar da linguagem. O líder rebelde do EZLN quer atenção e parece mesmo se fiar na observação do formalista russo Boris Eikhenbaum que dizia em A Teoria do “Método Formal” de 1925 que “[a] arte é compreendida como um meio de destruir o automatismo perceptivo” (EIKHENBAUM, 1970, p.14-15).

²² “[...] se metió debajo de una hojita. Al rato salió empujando su pequeño escritorio. Después fue por una sillita, se sentó, sacó unos papeles y los empezó a revisar con aire preocupado. / Mmmh, mmh -decía a cada tanto de papeles que leía. Después de un tiempo exclamó: / ¡Aquí está! / ¿Aquí está qué cosa? - pregunté intrigado. / ¡No me interrumpas! - dijo serio y solemne Durito. Y agregó: Pon atención. Tu problema es el mismo que tienen muchos. Se refiere a la doctrina económica y social conocida como "neoliberalismo"... "Lo que me faltaba... ahora clases de economía política", pensé. Parece que Durito escuchó lo que pensaba porque me regañó [...]"

Enquanto escreve cartas Marcos não quer vendê-las como uma obra literária, não é essa sua meta. Certamente utiliza o espaço como lugar de experimentação, não necessariamente como ensaio, e, sabendo do público que os textos alcançam, quer prender sua audiência. Porque, se o fator estético não fosse altamente considerado na elaboração dessas missivas, a chance de o leitor entediá-lo com um texto seco seria grande, e o tempo despendido por cada um deles, conseqüentemente, menor. Em lugar da leitura feita por obrigação daqueles que comungam dos mesmos ideais cria-se a expectativa pela chegada de mais uma carta do Subcomandante: que teremos hoje? A sabedoria “natural” do Velho Antônio? A alegria dos pequenos indígenas brincando apesar de toda dificuldade ou os conflitos de Marcos consigo mesmo? Sempre uma surpresa. Sempre um convite à imaginação.

1.5 AQUI E ACOLÁ

Outra inquietação que deve fazer parte do trabalho dos pesquisadores das cartas é a relação que estas têm com as obras do mesmo autor e, num grau menor e ainda assim passível de relação, de outros autores. Essa missiva do *Sup* que prende o leitor teria alguma relação com algum projeto executado ou planejado “estritamente” com fins literários? Serviram para teorizar e ajudar na sua composição? Foram aproveitados o universo e os personagens por ele criado nas cartas? Se essas obras existem as cartas nos ajudam a entendê-las melhor?

É então que vemos que o trabalho do pesquisador deste tipo de material pode atingir uma complexidade que o ajuda, no sentido de que o escopo do estudo pode ser ampliado, mas que também pode assombrá-lo. Um comentário que pode ilustrar tamanha complexidade é o de Manuel Bandeira em carta a Mário de Andrade de 8 de abril de 1933: “Como li cartas de minha gente de mistura com a correspondência de amigos (você, Couto e outros), tudo muito rico de substância humana, tenho a impressão de ter lido um romance do tipo do *Contraponto* de Huxley [...]” (BANDEIRA, 1933 apud GUIMARÃES, 2004, p.5). Tenho a sensação de que quem fizesse o mesmo tipo de experimento que fez Bandeira, teria o mesmo sentimento que temos ao ler alguns romances ou poemas vanguardistas, com suas fragmentações, mudanças bruscas e colagens. Esta, sem receio, é uma das associações possíveis entre correspondência e obra literária, porém, Moraes (2001)

nos atenta para outra associação que é aquela em que se estabelece uma estética e uma teoria do autor por meio de seu epistolário:

O diálogo epistolar entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira ilumina, enfim, toda uma postura frente à poesia, em conceitos-migalhas que o leitor vai recolhendo aqui e ali e construindo uma “poética” modernista. Basta comparar alguns testemunhos do poeta da *Estrela da vida inteira* nessas cartas com seus versos para reconhecê-lo completo, seja no terreno da poesia ou no da engrenagem dela [...] (MORAES, 2001, p.27).

Processo semelhante também ocorre com Tchekhov, como argumenta Angelides (1995) dizendo que o dramaturgo não se aventurava em artigos teóricos mas que sua volumosa correspondência pode ajudar na compreensão de sua estética.

Quanto ao epistolário construído pelo *Sup*, temos ao menos duas situações que podem ser pensadas nessa relação entre cartas e obra para publicação tradicional: seus textos para cartas que foram posteriormente publicados em reunião e com algumas ilustrações – como é o caso de *Don Durito de la Lacandona* – e o livro, escrito a quatro mãos juntamente com o historiador e romancista mexicano Paco Ignacio Taibo II, *Mortos Incômodos: (falta o que falta)*, publicado em capítulos primeiramente no jornal mexicano *La Jornada* e os doze depois reunidos em volume único.

Como ocorre com *La historia de los colores*, onde um conto de Marcos escrito para as cartas zapatistas é publicado com ilustrações voltado para o público infantil, *Don Durito de la Lacandona* compila 28 histórias curtas em que o escaravelho, cavaleiro andante por autodeterminação, aparece; e este, não necessariamente voltado para crianças. O escritor português José Saramago, declarado simpatizante do Exército Zapatista de Libertação Nacional, é quem fez o prefácio dessa reunião e dela diz o seguinte:

[...] Que *Durito* disserte sobre economia política e neoliberalismo com tanta competência como comentaria sobre a névoa da selva, é simplesmente porque quem respira um, respira o outro. Mas que Marcos, o estudante Marcos, o professor Marcos, o subcomandante Marcos, o subcomandante insurgente Marcos, tenham, todos eles juntos, todos eles unidos, aceitado ser humildes escudeiros de

Durito, por mais *Don Durito de la Lacandona* que este presume ser, isso é o que me faz pensar. Embora talvez não seja necessário pensar muito. Marcos veio ao mundo para aprender, e tanto tem aprendido que tem sido capaz de alertar quanto se pode aprender dos escaravelhos, esses bichinhos estranhos que andam roçando o solo, que fumam, que facilmente adoecem, que quando não escrevem sonham com saber escrever, que têm fantasias, devaneios, imaginação, que assim como têm medo têm coragem [...] (SARAMAGO, 1999, Prefácio de *Don Durito de la Lacandona*) (tradução nossa)²³.

Segundo Saramago, Marcos pertence àquele grupo dos que por não serem se fazem ser. Ele parece falar de um comportamento humano, portanto social, que não permite abster-se do alimento intelectual por falta de condições ou de estrutura. Fala de um grupo que tem ciência do medo que possui, mas que não se esquece da coragem que também lhe compõe. Os *duritos* seriam esses que por mais que as condições digam não a persistência fala mais alto. Como se dissesse: quem precisa de ordem ou de permissão para escrever? E isso, de acordo com o romancista português, seria o mais importante nessa trajetória literária do líder ezelenita.

Discorrendo sobre essa relação entre correspondência e obra literária, Guimarães (2004, p.8) afirmar existir vários enfoques para a questão, como já salientei anteriormente, e destaca a terminologia utilizada por Alain Pagès que diz que essa relação pode funcionar como gênese externa (exogênese) ou gênese interna (endogênese), sendo a primeira uma ligação entre as discussões presentes nas cartas e que ajudariam na elaboração da obra e a segunda o aproveitamento mesmo destes textos na composição da publicação. Segundo o mesmo autor, essa classificação de Pagès pode ajudar, mas também pode limitar, porque Pagès vê a correspondência mais em condição de atrapalhar o labor literário do que propriamente ajudá-lo, diferente de Vincent Kaufman que, partindo da ideia de que

²³“Que Durito diserte sobre economía política y neoliberalismo con tanta competencia como comentaría las nieblas de la selva, es simplemente porque quien respira lo uno, respira lo otro. Pero que Marcos, el estudiante Marcos, el profesor Marcos, el subcomandante Marcos, el subcomandante insurgente Marcos, hayan, todos ellos juntos, todos ellos unidos, aceptado ser humildes escuderos de Durito, por muy Don Durito de la Lacandona que éste presuma ser, eso es lo que me hace pensar. Aunque quizá no sea necesario pensar mucho. Marcos vino al mundo para aprender, y tanto ha aprendido que ha sido capaz de percatarse cuánto se puede aprender de escarabajos, esos bichitos extraños que andan rasando el suelo, que fuman, que fácilmente ven mal, que cuando no escriben sueñan con saber escribir, que tienen fantasías, devaneos, imaginaciones, que así como tienen miedo tienen coraje (SARAMAGO, 1999, Prefácio de *Don Durito de la Lacandona*).”

as cartas são sempre encenação, vê o gesto epistolar como espécie de fermento para a escrita:

É justamente a partir de uma questão como o procedimento de comunicação constituído pela carta, e não exatamente pelo nível de autenticidade de suas proposições, que Vincent Kaufman lê a carta como texto que possibilita o texto literário. Segundo ele, se a carta é uma forma de relação interpessoal, surge também como espaço em que se elabora uma pluralidade textual [...] (GUIMARÃES, 2004, p.9).

Esse caráter de encenação que reveste a correspondência, e que existe de forma planejada ou não, no que diz respeito ao caso zapatista, é algo mais que escancarado. A encenação existe sim, mas há praticamente uma placa de aviso, em diversos momentos, de que isto está ocorrendo. E a relação destas cartas encenadas com a sua publicação em formato de livro é bem direta quando se trata de *Don Durito de la Lacandona*, um apanhado de textos levados a público em formato de carta utilizando-se de procedimentos literários e que depois é compilado e publicado sem modificações, apenas acrescido de algumas notas, ilustrações e de um prefácio. Portanto, este é um caso mais do que endogenético, pois, a própria carta se transforma em obra literária. O que poderia ser explorado de maneira mais densa seriam as ilustrações presentes no livro e que não fazem parte das cartas, mas fugiria um tanto do propósito do trabalho e demandaria esforços de outras áreas.

O que se mostra mais interessante no momento, e que se relaciona diretamente com esse “fermento” de que Guimarães (2004) nos fala utilizando-se de Vincent Kaufman, é a relação do epistolário ezelenita com *Mortos Incômodos*, livro dividido em 12 capítulos sendo os ímpares da autoria de Marcos e os pares de Paco Ignacio Taibo II. Este é um romance policial em que se apresenta uma visão da complexa rede de abusos de poder no México e ao mesmo tempo possibilita presenciar um pouco do que seriam os bastidores do EZLN.

Em resumo, o romance, com diferentes narradores em diferentes focos narrativos, trata da investigação empreendida pelo zapatista Elías Contreras para esclarecer crimes praticados por “um tal Morales”, que ninguém sabe ao certo quem é, e que cruza com a investigação do detetive particular Héctor Belascoarán Shayne, este na Cidade do México. A investigação do detetive da capital é iniciada após

receber de um funcionário público a incumbência de descobrir a pessoa por trás de telefonemas feitos supostamente por um amigo morto em 1969 e a busca acaba o levando também atrás de “um tal Morales”. Este último profissional já experimentado, calejado na atmosfera da cidade mais populosa da América do Norte e, o primeiro, um investigador, ou “comissário de investigação” como dizem os zapatistas, que se fez pela demanda da luta na selva, sem qualquer tipo de certificado ou cartão de apresentação:

Como demoramos a dominar os cavalos, ficamos conversando com don Manolo e creio até que nos tornamos amigos. Foi assim que soube que ele não gosta de ser chamado de “Manolo”, mas para mim basta que me digam para não fazer uma coisa para eu querer fazê-la. Não faço por mal. Acho que é porque assim me fizeram – ou seja, é o meu modo, ou seja, contrariar. Assim me trata o Sup, de “Elías Contreras”, mas não porque este seja meu nome. “Elías” é meu codinome e “Contreras” porque assim me batizou o Sup, dizendo-me que eu também precisava de um sobrenome de guerra, e, como eu era sempre do contra, achou que caía bem o sobrenome “Contreras” (MARCOS, 2006 apud MARCOS; TAIBO II, 2006, p.10).

O herói escolhido por Marcos, para ser protagonista nos capítulos escritos por ele, já deixa clara a intenção do discurso assumido em seu epistolário que para o romance foi transferido: o protagonismo e a visão de mundo do indígena, do camponês. Elías pertence ao grupo dos que não são considerados cidadãos no México e em grande parte do mundo, mas aqui a balança se inverte e será ele a fonte de uma parte da história narrada, como na resposta de Marcos ao governo de Carlos Salinas de Gortari que oferecia perdão os sublevados: “Do que vão nos perdoar? De não morrer de fome? De não calar diante da nossa miséria? [...] De ter levado fuzis para o combate em vez de arcos e flechas? [...] De todos serem mexicanos? De majoritariamente sermos indígenas?” (MARCOS, 1994 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.45)²⁴.

Assim como o discurso das cartas é transposto para o romance, vários componentes do universo criado pelo *Sup* ali são aproveitados tanto em conteúdo quanto em forma. Ele mesmo, o Subcomandante, que tanto dentro do movimento

²⁴ “¿De qué nos van a perdonar? ¿De no morirnos de hambre? ¿De no callarnos en nuestra miseria? [...] ¿De haber llevado fusiles al combate, en lugar de arcos y flechas? [...] ¿De ser mexicanos todos? ¿De ser mayoritariamente indígenas?”

quanto em suas cartas funciona como espécie de personagem, entra em *Mortos Incômodos* sendo personagem duas vezes, e, quando essas criações não são aproveitadas, são lembradas de alguma forma, como acontece com o escaravelho falante: “Choveu outra vez. Pedi pousada na lojinha que se chama Don Durito. Não dormi muito” (MARCOS, 2006 apud MARCOS; TAIBO II, 2006, p.49).

Toñita, aquela criança de que já falamos anteriormente, também aparece: “E então Toñita entrou com sua caixa de chicletes. E então saiu outra vez a Toñita. E então nos disse que não havia muita gente, que apenas uns poucos, que ali estava o supracitado, ou seja, o tal Morales [...]” (MARCOS, 2006 apud MARCOS; TAIBO II, 2006, p.207). O vício do tabaco, que é compartilhado por Marcos e seus personagens Velho Antônio e Durito, no romance policial não é diferente: “Neste romance, todo mundo fuma. Belascoarán fuma, Elías fuma, eu fumo, o Sup nem se fala” (MARCOS, 2006 apud MARCOS; TAIBO II, 2006, p.41). E uma espécie de autocrítica misto de auto-deboche não deixa de ser feita: “— Cumprimente o Moisés por mim. E, se encontrar o Sup, diga-lhe que deixe dessa chatice de contos e romances e nos diga o que está acontecendo...” (MARCOS, 2006 apud MARCOS; TAIBO II, 2006, p.115).

Outro tipo de relação estabelecida entre o epistolário do Subcomandante e seu romance é o aproveitamento do formato da linguagem. Um exemplo disso é a iniciação de uma nova narrativa, de um novo subcapítulo, a partir de um subcapítulo anterior que se findou em reticências. Um título em caixa alta, que serve mais como conteúdo do enredo que propriamente título, nomeia a nova narrativa e assim se liga a anterior completando-a:

“Onde diabos fica isso? Bem, fica aí... olhe num mapa que está no...
[← fim do subcapítulo A] / [início do subcapítulo B →] COMANDO
GERAL DO EZLN / Um tucano solitário lustra seu bico no alto do
tronco de um *bayalté*. Embaixo o tenente Hilário vê se os cavalos
[...]” (MARCOS, apud MARCOS; TAIBO II, 2006, p.12).

As narrativas também se dão por meio de atas de reuniões, documentos de interceptação do governo de conversas dos zapatistas e também pelas cartas, assinadas da mesma forma que as missivas produzidas pelo *Sup*:

“Se achar que é um babaca, então só lhe diga que mando minhas saudações e pronto. Fica a seu critério. Informe depois. É tudo. Um abraço. / Das montanhas do Sudeste Mexicano. Subcomandante Insurgente Marcos. México, dezembro de 2004” (MARCOS, 2006 apud MARCOS; TAIBO II, 2006, p.12).

Se uma leitura de *Mortos Incômodos* fosse realizada sem a ciência de que foi escrito por duas pessoas, talvez nem se notasse tanto a diferença entre os capítulos pares e ímpares. É difícil medir qual dos dois escritores tiveram que se adaptar mais ao texto um do outro, mas, apesar do tom que não se diferencia muito, os conteúdos são um tanto díspares: o universo zapatista não é descrito por Taibo e por ele também não muito citado. Compete a Marcos falar desse mundo e a fazer referências ao seu epistolário também. Ou seja, todos estes exemplos citados foram construídos pelo líder insurgente ezelenita. Estes são, portanto, alguns pontos da relação estabelecida entre as duas escritas confeccionadas pelo *Sup*, a das cartas e a do romance.

Por fim, compete dizer que a abrangência dos estudos sobre cartas e correspondências é bem maior do que a nós parece inicialmente: esta vai para muito além da troca de mensagens entre interlocutores. Eles nos servem para que não limitemos a pesquisa sobre tal assunto, pelo meio, pela época ou pela forma e também para que fruamos o gênero em seu sentido mais amplo. E não é porque não nos sentamos mais com papel e caneta para escrever algo que será remetido pelos serviços de correio que a carta morreu ou agoniza sem companhia:

[...] como as mudanças no terreno da epistolografia são muito ágeis, e a troca de carta vai pouco a pouco sendo preterida pela comodidade do correio eletrônico, muitos (os jovens, principalmente) começam a “esquentar” esse tipo de mensagem, encharcando o meio virtual de sensações, memórias, amizades e amores, experimentando uma linguagem “muito nova, muito!” [...] (MORAES, 2005, p.20).

Findada esta parte, o trabalho discorrerá agora a respeito de como o texto do epistolário de Marcos se comporta diante da teoria literária referente às estruturas narrativas e veremos como ele explora a personagem, o narrador, o tempo e o espaço na sua mensagem do universo zapatista do Exército Zapatista de Libertação Nacional.

2 A HISTÓRIA DAS PALAVRAS (DA ESTRUTURA DA NARRATIVA)

“I went to the woods because I wished to live deliberately, to front only the essential facts of life, and see if I could not learn what it had to teach, and not, when I came to die, discover that I had not lived.”
Henry David Thoreau

Conta-nos a tradição maia, pela boca e pelas mãos de Marcos, o Subcomandante, que a língua verdadeira, a primeira, é fruto da obra dos primeiros deuses, os mesmos que construíram o mundo. Teriam sido apenas três, mas, na tentativa de os deuses fixarem essas palavras em um espelho para que jamais fossem esquecidas, receberam outras de volta. Cunharam outro espelho, puseram em frente ao primeiro, com o intento de que as três palavras primordiais dessa vez se fixassem, mas, em vez do esperado, novas palavras foram se formando a partir do reflexo de um espelho para o outro. De um plano malfadado teria surgido a linguagem e, para que as três primeiras palavras não se perdessem, os homens de milho as receberam: democracia, liberdade e justiça.

Sustentam que a democracia é para que os homens cheguem a um bom acordo. Não para que todos pensem igual, mas para que exista consenso e para que os que pensam de forma diversa não sejam, por isso, eliminados. A liberdade, herança dos deuses, não é para que cada um faça o que lhe aprouver, sua existência é para que cada um escolha o melhor caminho para seguir a verdade, sem trair a si mesmo, aos seus, aos outros. E, por fim, a justiça, não para impor castigo, mas para que cada um tenha em retribuição aquilo que o espelho refletir: a si mesmo.

Essas três palavras primas são uma espécie de fardo que toda humanidade recebe logo após o nascimento. O peso destas nos enverga e nos cansa, todavia não somos obrigados a carregá-las. Porém, quem do fardo se desfizer corre o risco de ter seu espelho quebrado e, conseqüentemente, passar a caminhar sem saber quem realmente se é, sem visão, sem norte.

É por meio de uma carta, de 30 de dezembro de 1994, do subcomandante do Exército Zapatista de Libertação Nacional aos jornais e revistas mexicanos *Proceso*, *La Jornada*, *El Financiero* e *Tiempo*, em resposta ao governo do presidente recém-

empossado Ernesto Zedillo que o acusava de responsabilidade na desvalorização do peso mexicano frente ao dólar, que conhecemos “*La historia de las palabras*”. Nela, temos a gênese do mundo na tradição indígena do sudeste mexicano que, não muito diferente de outras gêneses, mistura a criação do mundo com o início da linguagem; mas também é começo de um “novo” governo no país dos zapatistas e vésperas do primeiro aniversário do aparecimento público do EZLN. Este que, desde o comunicado inicial, fez questão de deixar claro qual era o objetivo, aparentemente muito simples, de tal sublevação: democracia, liberdade e justiça.

O que na sociedade mexicana, e na sociedade ocidental de uma maneira geral, é desprezado, ocultado e motivo de vergonha, para Marcos é fonte de sabedoria, de visão, de guia: a perspectiva indígena e anciã. Mas diferente dele, e em um país que oficialmente discrimina seus indígenas, palavras como as que seguem vão para o papel sem qualquer pudor aparente:

Diversos grupos de camponeses chiapanecos que chegam a cerca de 200 indivíduos, em sua maioria monolíngues, têm realizado atos de provocação e violência em quatro localidades do estado que são San Cristóbal de las Casas, Ocosingo, Altamirano e Las Margaritas (MONTEMAYOR, 1997, p.37) (tradução nossa)²⁵.

É perceptível o tom depreciativo do governo de Chiapas em relação aos indígenas, considerados, por ele, como monolíngues, no primeiro comunicado oficial sobre o que se passava na região em 1º de janeiro de 1994. Ainda que fosse verdadeiro o que se relata em relação aos atos praticados pelos insurgentes, de acordo com o romancista e historiador mexicano Carlos Montemayor (1997), o que o governo quer dizer é que se trata de pessoas que não falam o idioma oficial, ou seja, o espanhol:

Esta visão racista do governador esquecia que em nosso continente os monolíngues normalmente não são os índios: é monolíngue o mexicano comum, que só fala espanhol, como o norte-americano comum, que só fala inglês. Os índios mexicanos além de falar seu idioma geralmente conhecem outra língua indígena vizinha e também o espanhol (MONTEMAYOR, 1997, p.38) (tradução nossa)²⁶.

²⁵ “Diversos grupos de campesinos chiapanecos que ascienden a un total de cerca de 200 individuos, en su mayoría monolíngües, han realizado actos de provocación y violencia en cuatro localidades del estado que son San Cristóbal de las Casas, Ocosingo, Altamirano y Las Margaritas.”

²⁶ “Esta visión racista del gobernador olvidaba que en nuestro continente los monolingües suelen no ser los indios: es monolingüe el mexicano promedio, que sólo habla español, como el norteamericano promedio,

É, pois, essa figura totalmente desvalorizada quem vai mostrar ao guerrilheiro e ao mundo uma nova maneira de enxergar a existência, aparentemente menos limitada e nada cartesiana.

Disse há pouco que a história das palavras nos foi fornecida pelas mãos e boca de Marcos, quando, em verdade, foi por suas mãos, mas, a boca, era do Velho Antonio: “Não há fogo, é certo. Mas o Velho Antonio já está se aproximando com outro calor em suas mãos: a palavra. [...] Põe a palavra no solo [...] e começa a falar, começa a dar calor e conselho com palavras que abraçam como amigas” (30/12/1994) (tradução nossa)²⁷.

2.1 FUMANDO COMO NINGUÉM (DAS PERSONAGENS)

Velho Antonio, Durito, Camilo, Toñita, “meu outro eu” e o próprio Marcos são alguns dos personagens do Subcomandante. Misto de ficção e realidade, não se sabe até que ponto, são eles quem dialogam e interagem com Marcos em suas aventuras, desventuras, divagações filosóficas e discussões a respeito de economia. Entre a coerção estatal e o cotidiano das comunidades, estes personagens seguem aparecendo nas cartas e mesmo fora do espaço reservado aos contos, quando nominados, não são descritos como personagens. O *Sup* sempre fala deles como se de fato existissem.

Marcos, ao escolher a narrativa como forma de ganhar visibilidade para o movimento ezelenita, levou em conta questões de identificação, entre o leitor e o que lhe é contado. No âmbito mais amplo podemos salientar que ao guerrilheiro não bastaria criar manifestos, listas de reivindicações e comunicados sobre o que se passa na selva. Então, de uma maneira geral, seria preciso que os leitores em potencial se vissem na situação do que lhes é relatado. Se é dito que o neoliberalismo torna a vida da maior parte da população mais difícil é preciso ver esse sofrimento estampado em algum exemplar humano. A exploração ilegal e desordenada da floresta afeta o meio ambiente, mas provavelmente haverá mais interesse no assunto quando o elemento humano for aí inserido. Alguém precisa

que sólo habla inglés. Los indios mexicanos además de hablar su idioma suelen conocer otra lengua indígena vecina y también el español.”

²⁷ “No hay fuego, es cierto. Pero ya está el viejo Antonio acercándose con otro calor en las manos: la palabra. [...] Pone la palabra en el suelo [...] y empieza a hablar, empieza a dar calor y consuelo con palabras que abrazan como amigas.”

sofrer esse sofrimento. E, se a figura humana genérica não for suficiente, teremos o indígena, o idoso, a criança, o não indígena, o estudioso, o poeta etc. É o que ajuda a fixar, ou, nas palavras de Antonio Candido (1974, p.53):

É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. O enredo existe através das personagens [...]

O que mais marcará o leitor serão as desventuras das personagens dentro das cartas do Subcomandante. A relação entre a especulação financeira por meio das bolsas de valores e a fome nas periferias do mundo é assunto de alta importância nas discussões propostas por Marcos, mas para o leitor que não estuda economia ou política, além de não suscitar muito interesse, pode ser lido e apagado da memória em poucas horas. Porém, dificilmente o mesmo acontecerá se determinado personagem, ainda mais aquele que já é conhecido por ter aparecido outrora, testemunhar os efeitos dessa especulação sobre sua vida.

Velho Antonio, um dos que mais aparecem, é a figura da sabedoria indígena na pele do ancião. Quando a situação exige reflexão e ponderação é ele quem vai sentar para conversar e aconselhar de acordo com a visão mítica maia, rememorando os deuses ou observando a natureza:

O conheci há 10 anos, em uma comunidade bastante adentro da selva. Fumava como ninguém e, quando acabavam os cigarros, me pedia tabaco e fazia cigarros com “dobrador”. Via meu cachimbo com curiosidade e, quando alguma vez tentava emprestar-lhe, me mostrava o cigarro de “dobrador” em sua mão, dizendo-me sem palavras que preferia seu método de fumar (28/05/1994) (tradução nossa)²⁸.

²⁸“Lo conocí hace 10 años, en una comunidad muy adentro de la selva. Fumaba como nadie y, cuando se acababan los cigarros, me pedía tabaco y se hacía cigarrillos con “doblador”. Veía mi pipa con curiosidad y, cuando alguna vez intenté prestársela, me mostró el cigarrillo de “doblador” en su mano, diciéndome sin palabras que prefería su método de fumar.”

Ao afirmar ter conhecido Velho Antonio há dez anos, em uma carta datada de 1994, Marcos faz com que o leitor se dê conta de que a vivência do guerrilheiro na selva vem de longa data. O simples ato de apresentar um personagem permite ao destinatário das cartas zapatistas inferir uma série de questões sobre o que teria se passado entre a época deste encontro e o fatídico ano da sublevação indígena. Qual seria a importância deste pajé no desenrolar da luta ezelenita? Espécie de conselheiro nas horas que mais exigem reflexão, e amigo pra compartilhar as agruras da liderança, tal personagem pode ser encarado como a expressão da necessidade de respostas que venham da sabedoria maturada em um ritmo que não aquele nosso, citadino, afobado ou apressado, mas daquele das profundezas, gestado na paciência e na observância da natureza.

Durito, dos personagens, é o mais cômico. Um escaravelho falante e, como dito anteriormente, estudioso de economia. Irônico e brincalhão nomeia Marcos como seu escudeiro e tem por nome civil Nabucodonosor. Em carta escrita à subcomandante Mariana Moguel em abril de 1994, Marcos conta como o conheceu:

Vou te contar uma história que me aconteceu outro dia. É a história de um pequeno escaravelho que usa óculos e fuma cachimbo. O conheci um dia que estava procurando tabaco para fumar e não encontrava. Logo, de um lado da minha cama vi que estava caído um pouco de tabaco e que se formava uma fileira. Fui seguindo-a para ver onde estava meu tabaco e averiguar quem diabos o havia pegado e estava me roubando. A alguns metros e atrás de uma pedra encontrei um escaravelho sentado em uma pequena escrivaninha, lendo uns papéis e fumando em um cachimbo diminuto.

— Aham, aham – disse eu para que o escaravelho se desse conta de minha presença, mas nem fez caso.

Então lhe disse:

— Escute, esse tabaco é meu.

O escaravelho tirou os óculos, me olhou de cima abaixo e me disse muito zangado:

— Por favor, capitão, te suplico que não me interrompa. Não vê que estou estudando?

Eu me surpreendi um pouco e já ia lhe dar um pontapé, mas me acalmei e sentei ao lado para esperar que terminasse de estudar. Em pouco tempo recolheu seus papéis, os guardou na escrivaninha e, mordiscando seu cachimbo, me disse:

— Bom, agora sim. Em que posso servi-lo, capitão?

— Meu tabaco – lhe respondi.

— Seu tabaco? – me disse – Quer que eu lhe dê um pouco?
 Eu comecei a me enervar, mas o pequeno escaravelho me alcançou com sua pata a bolsa de tabaco e acrescentou:
 — Não se zangue, capitão. Compreenda que aqui não se pode conseguir tabaco e tive que tomar um pouco do seu.
 Eu me tranquilizei. Acabei simpatizando com o escaravelho e lhe disse:
 — Não se preocupe. Tenho mais por aí.
 — Mmh – respondeu.
 — E você, como se chama? – perguntei
 — Nabucodonosor – disse, e continuou – mas meus amigos me chamam de Durito. Pode me chamar de Durito, capitão (10/04/1994) (tradução nossa)²⁹.

Pelo que consta da passagem, Durito já conhecia Marcos quando “emprestara” seu tabaco, porém o *Sup* parece até o momento desconhecer a existência desse inseto com nome de rei da antiguidade. Apesar disso, nosso protagonista não parece se surpreender com tal acontecimento, como se um inseto estudioso pertencesse ao universo maia desde sempre, como quem diz “aqui até os besouros são sábios”. No lugar de um mero desabafo sobre as condições de vida na floresta, seu humor e a dificuldade em manter o vício de fumante, o que o Subcomandante coloca em sua carta é a invasão da realidade pela fantasia com a consequente fuga do ordinário. E, assim, podemos contemplar e ao mesmo tempo participar deste insólito encontro, como defende Anatol Rosenfeld ao tratar deste artifício literário de uma maneira geral em “Literatura e Personagem”:

²⁹ “Te voy a platicar una historia que me pasó el otro día. Es la historia de un pequeño escarabajo que usa lentes y fuma pipa. Lo conocí un día que estaba buscando el tabaco para fumar y no lo encontraba. De pronto, a un lado de mi hamaca vi que estaba caído un poco de tabaco y que se formaba una hilerita. La fui siguiendo para ver dónde estaba mi tabaco y averiguar quién carajos lo había agarrado y lo estaba tirando. A unos cuantos metros y detrás de una piedra me encontré a un escarabajo sentado en un pequeño escritorio, leyendo unos papeles y fumando en una pipa diminuta. / -Ejem, ejem -dije yo para que el escarabajo se percatara de mi presencia, pero no me hizo caso. / Entonces le dije: / -Oiga, ese tabaco es mío. / El escarabajo se quitó los lentes, me miró de arriba a abajo y me dijo muy enojado: / -Por favor, capitán, le suplico que no me interrumpa. ¿Qué no se da cuenta de que estoy estudiando? / Yo me sorprendí un poco y le iba a dar una patada, pero me calmé y me senté a un lado para esperar a que terminara de estudiar. Al poco rato recogió sus papeles, los guardó en el escritorio y, mordisqueando su pipa, me dijo: / -Bueno, ahora sí. ¿En qué puedo servirle, capitán? / -Mi tabaco -le respondí. / -¿Su tabaco? -me dijo-. ¿Quiere que le dé un poco? / Yo me empecé a encabronar, pero el pequeño escarabajo me alcanzó con su patita la bolsa de tabaco y agregó: / -No se enoje, capitán. Comprenda que aquí no se puede conseguir tabaco y tuve que tomar un poco del suyo. / Yo me tranquilicé. El escarabajo me caía bien y le dije: / -No se preocupe. Por ahí tengo más. / -Mmh -contestó.

-Y usted, ¿cómo se llama? -le pregunté. / -Nabucodonosor -dijo, y continuó- pero mis amigos me dicen Durito. Usted puede decirme Durito, capitán.”

Assim, o leitor *contempla* e ao mesmo tempo *vive* as possibilidades humanas que a sua vida pessoal dificilmente lhe permite viver e contemplar, visto o desenvolvimento individual se caracterizar pela crescente redução de possibilidades [...] É precisamente a ficção que possibilita viver e contemplar tais possibilidades, graças ao modo de ser irreal de suas camadas profundas [...] (ROSENFELD, 1974, p. 46).

As cartas apresentam uma atmosfera ficcional em que todos são alçados à condição de personagem. O primeiro é o próprio narrador, que se assume como personagem pra além dessas narrativas e desempenha esse papel também dentro do movimento ezelenita. É a construção de uma persona como que *en abyme*, onde o sujeito real nos escapa porque foi escondido debaixo de camadas e mais camadas de personagens, e não obstante o governo mexicano afirme ciência de sua referencialidade ela nunca foi confirmada por Marcos. O “outro eu” é a porção cética e ponderada do Subcomandante, que lhe dá conselhos e alertas. Camilo é nativo de Chiapas, tem pouca instrução formal, mas é matemático por natureza:

Lá vou eu, quebrando-me em pedaços e remendando corpo e alma do jeito que posso. Hoje quebrei um pedaço de ombro. Soltou-se facilmente e estalou como um galho seco embaixo da bota. Só um crac. Logo depois ouviu-se o golpe seco e leve no chão. Levantei-o e acomodei-o da melhor forma possível, de acordo com o meu entender de anatomia guerrilheira, amarrei-o com cipó e continuei caminhando. [...] “Mas não são cotados”, disse-me Camilo. “O nosso sangue tampouco”, acrescentou meu outro eu que, em vez da mochila, carregava seu ceticismo por todos os lugares, e não parecia estar cansado. [...] Camilo não disse nada, só murmurava que eram dez metros, trinta soldados e nós três, que, de acordo com a alta matemática, eram dez pra cada um e, segundo as possibilidades, tínhamos uma chance em dez de sair vivos. Camilo disse que fez este cálculo. Eu não calculei nada, só me vi com o dedo no gatilho, imóvel, como um fotograma, várias vezes repetido, de um filme sem fim. Camilo não estudou em Oxford nem em Massachusets (é assim que se escreve?), só chegou à 2ª série primária em uma aldeia na serra, e aprendeu matemática na montanha. [...] Meu outro eu se aproxima do caderno para ler as últimas linhas e resmungo “Ninguém vai ler isso”³⁰ (MARCOS, 1995 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.59-61).

³⁰ “Aquí voy, rompiéndome en pedazos y remendando cuerpo y alma a como dé lugar. Hoy se me rompió un pedazo de hombro. Se desprendió así nomás y sonó como rama seca bajo la bota. Apenas un track. Despuesito se escuchó el golpe seco y leve en el suelo. Lo levanté y lo acomodé a mi mejor entender de

Dentro do esquema e linha de pensamento proposto por Beth Brait (1998), em *A Personagem*, existiria aquele personagem que pode ser identificado como porta-voz do autor. Por problemática que seja tal definição, no caso dos textos analisados, não seria imprudente localizar Marcos e seu “outro eu” nessa instância, porque Marcos autor, Marcos personagem e seu “outro eu” são indissociáveis. A caracterização destas figuras, tanto física quanto psicológica, foge pouco ou quase nada dos modelos humanos encontrados na realidade até por conta da finalidade destes escritos extrapolarem de forma arquitetada e declarada a função estética ou literária (o que será discutido de forma mais aprofundada no capítulo seguinte do trabalho). Eis aqui um exemplo de como autor e personagem se confundem, ainda que tenhamos uma espécie de personagem autor e, no fim das contas, a personagem de uma personagem:

Ontem foi o dia da coxa direita, que quebrou e caiu. Não perco a esperança de que um bom pedaço de tão impertinente nariz se desprenda e me deixe, assim, com um perfil menos aerodinâmico porém mais ajustado. Não desejo isso para contradizer a PGR (Procuradoria Geral da República) e a história do morador de Tampico, mas porque assim deformaria menos os capuzes (MARCOS, 1995 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.61)³¹.

No início de fevereiro de 1995 o governo mexicano havia divulgado a suposta identidade de Marcos como sendo um antigo morador de Tampico, estado de Tamaulipas, a 1300 quilômetros de Chiapas. Pelo sim ou pelo não fica evidenciado que Marcos, autor, não se abstém de Marcos, personagem. Então, a classificação do personagem porta-voz do autor aqui se mostra possível, ainda que a observação de Brait (1998, p.50-51) seja imprescindível:

anatomía guerrillera, lo amarré con un bejuco y seguí caminando. [...] "Pero no se cotizan" me dice Camilo. "Nuestra sangre tampoco", agrega mi otro yo que, en lugar de mochila, carga su escepticismo por donde quiera y no parece estar cansado. [...] Camilo no dice nada, sólo murmura que eran 10 metros y 30 soldados y nosotros tres y que, según las altas matemáticas, nos venían tocando a 10 para cada uno y que, según las posibilidades, teníamos una de cada 10 para salir vivos. Camilo dice que hizo ese cálculo. Yo no calculé nada, sólo me vi con el dedo en el gatillo, inmóvil, como un solo fotograma repetido hasta la saciedad en una película sin fin. Camilo no estudió en Oxford ni en Massachussets (¿así se escribe?), apenas llegó al 2º grado de primaria en un poblado de la selva y las matemáticas las aprendió en la montaña. [...] Mi otro yo se asoma al cuaderno para leer las últimas líneas y masculla 'Nadie lo va a leer'."

³¹ "Ayer fue un pedazo del muslo derecho el que se quebró y cayó. Yo no pierdo la esperanza de que un buen trozo de tan impertinente nariz se desprenda y me deje, así, con un perfil menos aerodinámico pero más manejable. No lo deseo porque quiera contradecir a la PGR empanizada y la historia del tampiqueño, sino porque así deformaría menos los pasamontañas."

Porta-voz do autor seria uma outra função passível de ser desempenhada pela personagem. Essa visão, também discutível, baseia-se numa longa tradição, empenhada em enfrentar essa instância narrativa como a soma das experiências vividas e projetadas por um autor em sua obra. Nesse sentido, a personagem seria um amálgama das observações e das virtualidades de seu criador.

Entretanto nenhum romance, nenhuma obra de ficção se confunde com uma biografia ou uma autobiografia. Ela é, quando muito, uma biografia ou uma autobiografia do possível, ganhando por isso total autonomia com relação a seu autor.

Outro aspecto de caracterização que chama bastante atenção é que as personagens do Subcomandante que aparecem como maior frequência – Durito, Velho Antônio, Marcos – são apreciadores inveterados do tabaco. Tanto quando Marcos conhece o pajé ou quando conhece o escaravelho, seus primeiros contatos são ligados pela prática de fumar. Pra evitar confusão, não digamos que estes dois sejam desdobramento do próprio Marcos, mas podemos pensar naquilo que Antonio Candido (1974) diz em *A personagem do romance*, levando em conta a obra de François Mauriac, *Le romancier et ses personnages*, que o autor extrai de si próprio e de sua realidade suas personagens.

Como qualquer leitor minimamente experimentado pode perceber, não se trata simplesmente de o autor tentar colocar no papel a forma como ele se vê e vê o mundo. A teoria de Mauriac ecoa de algum modo o pensamento de que o homem é a medida das coisas, mas também faz questão de deixar claro que tal procedimento serve como ponto de partida, não de chegada:

[...] segundo Mauriac, há uma relação estreita entre a personagem e o autor. Este a tira de si (seja da sua zona má, da sua zona boa) como realização de virtualidades, que não são projeção de traços, mas sempre modificação, pois o romance transfigura a vida.

O vínculo entre o autor e a sua personagem estabelece um limite à possibilidade de criar, à imaginação de cada romancista, que não é absoluta, nem absolutamente livre, mas depende dos limites do criador. A partir de tais idéias de Mauriac, poder-se-ia falar numa “lei de constância” na criação novelística, pois as personagens saem necessariamente de um universo inicial (as possibilidades do romancista, a sua natureza humana e artística), que não apenas as limita, mas dá certas características comuns a todas elas (CANDIDO, 1974, p. 67-68).

Fugindo desses possíveis desdobramentos da personagem de Marcos em outros personagens, temos Toñita. Das crianças, é a que tem mais relevância no universo ficcional do *Sup*. Como as outras, também é indígena e ainda conserva a inocência infantil com seus seis anos incompletos. Apesar de participar de momentos alegres com outras crianças, acaba sendo o retrato da infância triste, e em boa parte perdida, dentro destas comunidades indígenas distantes de qualquer bem-estar do poder estatal:

Em 8 de março os moradores de Prado terminam de descer das montanhas. A família da Toñita faz parte do último grupo. Quando chegam aos restos da sua casinha, a cena de todas as famílias de Prado repete-se na família de Toñita [...] No entanto, desta vez há algo diferente. Uma mulher pequenina não está chorando. A Toñita não disse nada, não chorou, não gritou. Passou por cima das ruínas e foi até um canto da casa, como se estivesse procurando alguma coisa. Em um lugar esquecido estava uma xícara de chá pequenina, quebrada, jogada como esperança desfeita. Esta xícara tinha sido um presente, alguém a mandara para que, algum dia, Toñita Alicia pudesse tomar chá com o Chapeleiro Louco e a Lebre de Março. Mas, desta vez, Toñita não encontrou uma lebre em março. Encontrou sua casa destruída por ordens daquele que diz defender a soberania e a legalidade. Toñita não chora, não grita, não diz nada (MARCOS, 1995 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.64)³².

Aqui o sofrimento chiapaneco assume os contornos de uma criança, não por mero acaso do sexo feminino. Sofre-se por ser indígena, criança, por ser mulher. Não sabemos se Toñita se comporta resignadamente, até mesmo porque seria um tanto precoce definir uma criança dessa maneira, mas temos certeza de que esta já carrega consigo um coração endurecido pela necessidade de endurecer-se. É oito de março, Dia Internacional da Mulher, e, ao contrário do que o lugar comum pediria, não há histeria nem lamentação. Marcos consegue, com tal escrita, ser exemplo

³² “El 8 de marzo terminaron de bajar de las montañas los habitantes de Prado. La familia de la Toñita formaba parte del último contingente. Cuando llegan a lo que queda de su casita, la escena de todas las familias de Prado se repite en la familia de la Toñita [...] Sin embargo, hay algo esta vez que es diferente. Hay una mujer pequeñita que no llora. La Toñita no dijo nada, no lloró, no gritó. Pasó por encima del tiradero y fue hasta un rincón de la casita, como buscando algo. Ahí, en una esquina olvidada, estaba la tacita de té, rota, botada como esperanza deshecha. Esa tacita fue un regalo, alguien la mandó para que, algún día, Toñita-Alicia pudiera tomar el té con el Sombrero Loco y la Liebre de Marzo. Pero esta vez no es una liebre lo que encuentra en marzo la Toñita. Es su casa destruida por órdenes de aquel que dice defender la soberanía y la legalidad. La Toñita no llora, no grita, no dice nada.”

daquilo que Rosenfeld (1974) chama atenção ao dizer que o romancista dá conta daquilo que ao teórico faltam palavras:

Muitas vezes [as personagens] debatem-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, sublimes, demoníacos, grotescos ou luminosos. Estes aspectos profundos, muitas vezes de ordem metafísica, incomunicáveis em toda a sua plenitude através do conceito, revelam-se, como num momento de iluminação [...] São momentos supremos, à sua maneira perfeitos, que a vida empírica, no seu fluir cinzento e cotidiano, geralmente não apresenta de um modo tão nítido e coerente [...] (ROSENFELD, 1974, p.45).

Uma fotografia, ou um vídeo documentário, que testemunhasse semelhante acontecimento de uma criança calando o choro diante da destruição de sua casa, não conseguiria transmitir a sensação que Marcos nos oferece ao falar de Toñita. Faltariam nuances, faltaria peso, sobriariam opiniões comuns. Já o silêncio da pequena indígena e sua perplexidade, que experimentamos a partir das letras do Subcomandante, descrevem de forma singular a passagem forçada do mundo infantil para o mundo adulto. Este é o peso da vida na Selva Lacandona, este é o grito silencioso de “não!” que procura formas de sair da garganta dos ezelenitas e do qual podemos participar por meio da narrativa do líder insurgente.

2.2 PARA QUE O RIO MUDE DE COR (DO TEMPO)

A incursão de ex-guerrilheiros e ativistas comunistas na região montanhosa da selva Lacandona, ainda em 1983, inicialmente caminhava para que o EZLN jamais existisse da forma como o conhecemos. Essa pequena célula, que planejava tomar os céus de assalto mais uma vez, percebeu que para ter dos indígenas algo além do silêncio e da ajuda com alimentação era preciso – mais do que tentar dialogar com essas comunidades – de certa forma, tornar-se indígena. Sem perceber que considerados “estrangeiros”, o destino e projeto destes guerrilheiros seria demasiado curto. Se a luta que pretendiam era campesina e indígena, não havia outro caminho. É a partir dessa percepção que a integração principia a

caminhar e os indígenas começam a tomar parte nas decisões do movimento em formação.

Velho Antonio, ou *Viejo Antonio*, é a personagem cunhada por Marcos para ser a expressão máxima da sabedoria indígena. Nos momentos mais difíceis da luta empreendida pelos zapatistas é a voz do velho pajé que será ouvida. O Subcomandante afirma tê-lo conhecido em 1984, numa comunidade um tanto mais isolada que as outras, mas foi em 1992, quando decidiam pela guerra, que este lhe deu um de seus mais importantes conselhos:

Era maio e o rio era um canal discreto e verde. O velho se sentou em um tronco e nada disse. Depois de um tempo falou: “Vê? Tudo está tranquilo e claro, parece que nada acontece...” “Mmmh”, eu disse, sabendo que não esperava nem um sim nem um não. Depois me apontou o topo da montanha mais próxima. As nuvens se deitavam, cinzas, no cume e os relâmpagos quebravam o azul difuso das colinas. Uma tempestade dessas de verdade. Mas se via tão distante e inofensiva que o velho Antonio começou a enrolar um cigarro e a buscar inutilmente um isqueiro que não tinha, somente o tempo suficiente para que eu lhe oferecesse o meu. “Quando tudo está calmo aqui embaixo, na montanha há tempestade; os arroyos começam a tomar força e tomam rumbo em direção ao vale”, disse depois de uma tragada. Na época das chuvas este rio é feroz, um chicote marrom, um terremoto sem direção, é todo força. Não vem seu poder da chuva que cai em suas margens, são os arroyos que descem da montanha os que o alimentam. Destruindo, o rio reconstrói a terra, suas águas serão milho, feijão e açúcar nas mesas da selva.

“Assim é a nossa luta”, me disse e a si mesmo o velho Antonio. “Na montanha nasce a força, mas não se vê até que chegue embaixo”. E respondendo minha pergunta se ele crê que já é tempo de começar, acrescenta: “Já é o tempo para que o rio mude de cor...” (28/05/1994) (tradução nossa)³³.

³³ “Era mayo y el río era verde y de discreto cauce. El viejo Antonio se sentó en un tronco y nada dijo. Después de un rato habló: “¿Lo ves? Todo está tranquilo y claro, parece que no pasa nada...” “Mmmh”, le dije, sabiendo que no esperaba ni un sí ni un no. Después me señalo la punta de la montaña más cercana. Las nubes se acostaban, grises, en la cúspide y los relámpagos quebraban el azul difuso de las lomas. Una tormenta de las de deveras. Pero se veía tan lejana e inofensiva que el viejo Antonio empezó a liar un cigarrillo y a buscar inútilmente un encendedor que no tenía, sólo el tiempo suficiente para que yo le acercara el mío. “Cuando todo está en calma abajo, en la montaña hay tormenta; los arroyos empiezan a tomar fuerza y toman rumbo hacia la cañada”, dijo después de una bocanada. En la época de lluvias este río es fiero, un látigo marrón, un temblor fuera de cauce, es todo fuerza. No viene su poder de la lluvia que cae en sus riberas, son los arroyos que bajan de la montaña los que lo alimentan. Destruyendo, el río reconstruye la tierra, sus aguas serán maíz, frijol e panela en las mesas de la selva. / “Así es la lucha nuestra”, me dice y se dice el viejo Antonio. “En la montaña nace la fuerza, pero no se ve hasta que llega

É possível perceber, pelo breve trecho transcrito acima, o ritmo lento empregado por Marcos ao relatar sua conversa com Velho Antonio. Lento e pausado. É o ritmo que poderia ser dito do idoso, mas também o ritmo do camponês e do indígena. Os períodos são curtos, reticentes e ao mesmo tempo cheios de certeza. Não se fala aos borbotões, há uma economia de palavras que se sabe necessária, com respostas que não respondem explicitamente o que se pergunta, mas que não deixam dúvida. A montagem da narrativa, a maneira como é disposta, confunde os mais distraídos e provavelmente seja mesmo esta a intenção, pois ainda que as falas diretas do Velho Antonio sejam indicadas pelas aspas, boa parte do que é dito no texto é ainda fala do ancião. No final das contas quem fala? É “realmente” o velho indígena ou o guerrilheiro? Toda simbologia utilizada é aquela que faz parte do cotidiano dessa região, majoritariamente agrária, longe da velocidade das grandes cidades e até mesmo das pequenas. Não é a tônica de todos os escritos de Marcos, porque para diferentes interlocutores, diferentes tons, diferentes formas. É o que afirmam Di Felice e Muñoz em prefácio de *A Revolução Invencível* (1998, p.23): “[...] o porta-voz do EZLN usa uma espécie de relativismo linguístico que o leva, consoante o seu interlocutor, a mudar o seu estilo e a adaptar a sua linguagem, a fim de se comunicar da melhor forma [...]”.

No conto quem senta primeiro é o Velho Antonio, é também quem pede para que Marcos observe a paisagem, diz parecer estar tudo muito calmo. A resposta do Subcomandante é um baixo resmungo (“Mmmh”) de quem assente sabendo que não fará muita diferença o que disser. Velho Antonio quer conversar e não tem pressa. Confecciona um cigarro e procura pelo isqueiro que sabe que não tem como forma de dizer ao amigo que lhe estenda seu acendedor. Tudo se passa como quem diz: “calma lá, sente, olhe em torno, vamos fumar... ah! Agora, então...”. Se quiseres minha opinião, tenhas paciência, tenhas calma, vamos conversar.

Ao longe o tempo, tanto climático quanto cronológico, parece pertencer a outro lugar, ainda que se permita enxergá-lo, está distante, apesar de agitado, inofensivo. Lá a tormenta acelera tudo. Aqui podemos sentar e conversar tranquilamente, pois o tempo e a demanda exigem tal exercício. Uma decisão pela guerra, se possível, não pode ser tomada como se dentro de um turbilhão. Muitas vidas estão em jogo. Marcos sabe disso e, portanto, ouve com paciência os

abajo”. Y respondiendo mi pregunta de si él cree que ya es tiempo de empezar, agrega: “Ya es el tiempo de que el río cambie color...”.

conselhos do velho, pois agora é maio, tempo de seca, não tarda e o rio que agora é um discreto canal logo será todo força. A tormenta chegará, para o bem e para o mal.

Ao iniciar a narrativa do conselho de guerra, ficamos sabendo que naquela data Velho Antonio já havia morrido. O relato se inicia com a criação dos homens de milho, conto que é narrado a pedido de Toñita, e temos a impressão de que tudo está acontecendo ao mesmo tempo, narrativa e narração, ainda que diversas marcações ao longo do texto sirvam na tentativa de guia (“Era maio”, “Depois de um tempo”, “Na época das chuvas”). Quem escreve já é um conhecedor da cosmogonia indígena, para os quais, passado e presente coexistem, cada um em sua dimensão:

Para o ocidente é óbvia a calendarização da história: cremos que o que ocorreu uma vez ocorreu somente nesse momento e que nada tem a ver com o momento seguinte. Para a cultura indígena o tempo tem outra natureza, outra rapidez (ou outra lentidão talvez), e é um dos segredos da resistência cultural e da capacidade combativa desses povos. Para eles o passado se encontra em outra dimensão que segue coexistindo com o presente. A memória indígena é um processo de revitalização do passado (MONTEMAYOR, 1997, p.115) (tradução nossa)³⁴.

Ao que a escrita nos indica, quem a constrói (ainda que provavelmente não tenha se criado desde a infância nos costumes indígenas) sabe da importância deste tipo de percepção temporal no ambiente em que está inserido há mais de dez anos. E tanto é ciente que permite ao leitor experimentar essa sensação de infinitude em poucas linhas, e vemos a forma funcionar também como conteúdo, em um tipo de analepse subvertida. Com a carta datada em 1994 e contando algo que se passou por volta de 1992, a rememoração parece alcançar um tempo muito mais distante que apenas dois anos. Os elementos escolhidos para tratar do tempo, como as montanhas, rios e a chuva, nos passam a sensação de presenciar algo muito mais antigo, antes mesmo da contagem dos dias, acabamos adentrando em uma atmosfera sem tempo, a sensação é do “desde sempre”. E é a esse uso da forma que chamamos analepse subvertida, por se tratar de um “flashback” que funciona

³⁴ “Para el Occidente es obvia la calendarización de la historia: creemos que lo que há ocurrido una vez ocurrió sólo en ese momento y que nada tiene que ver con el momento siguiente. Para la cultura indígena el tiempo tiene otra naturaleza, otra rapidez (u otra lentitud quizás), y es uno de los secretos de la resistencia cultural y de la capacidad combativa de esos pueblos. Para ellos el pasado se encuentra en otra dimensión que sigue coexistiendo con el presente. La memoria indígena es un proceso de revitalización del pasado.”

mais pelo uso que se faz das palavras que pela indicação temporal presente no texto. Para Montemayor (1997, p.115), é por isso que a tão conhecida expressão “Zapata vive” é possível: “quando falam de Emiliano Zapata (ou de heróis da distante Conquista, da Independência ou do século XIX) estão falando de uma força que se mantém viva” (tradução nossa)³⁵, e completa: “Na verdade, na perspectiva indígena não há uma clara distinção entre o que é um conto literário e a informação de uma tradição comunitária” (MONTEMAYOR, 1997, p.124) (tradução nossa)³⁶.

Ainda que aparentemente a narrativa do Subcomandante Marcos a respeito dos conselhos do Velho Antonio não falem de um acontecimento específico ou de qualquer outra pessoa, numa leitura lenta e calma, como pede o texto, parecemos adentrar uma atmosfera onde o tempo, quando é sentido, é mítico. Ali tudo sempre existiu e continuará a existir. Pensamos na categoria “tempo”, mas ela, dessa forma, não existe. Como argumenta Benedito Nunes (1988) em *O tempo na narrativa*: “A rigor não há um *tempo mítico*, porque o mito, a história sagrada do cosmos, do homem, das coisas e da cultura, abole a sucessão temporal. O que quer que o mito narre, ele sempre conta o que se produziu num tempo único” (NUNES, 1988, p.66). E experimentamos esse tempo não só na última narrativa colocada, mas também em *La historia de las palabras* e diversas outras:

Os deuses haviam guardado a luz dentro da Terra, em um buraco muito grande e redondo, para que as estrelas lá fossem beber, quando a luz e o ânimo se apagassem. Então, a lua não tem luz, é só um espelho que, quando aparece como lua cheia, reflete de frente o grande buraco de luz onde bebem as estrelas. Espelho de luz, isto é a lua. [...]

Dentro da noite do rancor e do desconcerto. No México, às vezes, a lua se pinta com resplendor avermelhado. Nem rubor nem sangue, são a coragem e o rancor que iluminam seu rosto nacarado. De volta da sua longa viagem pela noite mexicana, a lua termina seu reiterado caminho de espelhos e retoma seu andar cansado. Seu olhar já está avermelhado... pelo rancor... e pelo desconcerto... (MARCOS, 1995 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.112)³⁷.

³⁵ “[...] cuando hablan de Emiliano Zapata (o de héroes de la remota Conquista, de la Independencia o del siglo XIX) están hablando de una fuerza que se mantiene viva.”

³⁶ “En realidad, desde la perspectiva indígena no hay una clara demarcación entre lo que es un cuento literario y la información de una tradición comunitaria.”

³⁷ “Porque resulta que los dioses habían guardado la luz adentro de la Tierra y habían hecho un agujero grande y redondo para que ahí se llegaran a beber las estrellas cuando la luz y el ánimo se les apagaran. Entonces la luna no tiene luz, sólo es un espejo que, cuando aparece como luna llena, refleja de frente el gran agujero de luz donde se beben las estrellas. Espejo de luz, eso es la luna. [...] / Dentro de la noche del rencor y el

Evidenciada a união entre o tempo mítico e o tempo presente na construção narrativa de Marcos, não podemos deixar de lado o que ele constrói nos moldes mais usuais das narrativas contemporâneas, onde o tempo ancestral não é comumente evocado. Uma maneira de expor esse tratamento narrativo diferente, distante do mito, é a utilização daquilo que Gérard Genette chamou de “grau-zero”, em *Discurso da narrativa*, “que seria um estado de perfeita coincidência temporal entre narrativa e história” (GENETTE, 1979, p.34) ou não se distanciando em demasia dele. É óbvio que esta forma de narrar também pode servir ao trabalho do tempo mítico, contudo, no caso zapatista, é aqui escolhido como maneira de expressão da atualidade e para que o leitor não sinta deslocamento temporal.

É o caso dos textos em que temos a figura de *Don Durito de la Lacandona*, um escaravelho, que em ser falante não é a maior de suas proezas, estudioso de economia, crítico ferrenho do neoliberalismo e dado ao vício do tabaco. É nos momentos em que o inseto toma as páginas que o assunto predominante será a atualidade. Em uma das cartas de outubro de 1995, direcionadas à imprensa mexicana e internacional, Marcos afirma, relatando um caso específico de ordem de prisão, que o judiciário federal mexicano é habilidoso em semear provas na tentativa de prejudicar o progresso do diálogo dos ezelenitas com o governo e a sociedade. Então, assim que a *posdata* se inicia, aparece Durito com seu costumeiro humor:

A madrugada está começando a se insinuar. O frio e a escuridão abrigam o desvelo de um galhardo e andante cavaleiro e a pena do seu esquálido escudeiro. Não há quem encontre a lua e um relâmpago é seguido de um trovão. O lodo se renova com a chuva e o trigo com um beijo. Durito folheia o jornal, mordisca seu cachimbo e me dirige olhares de recriminação.

— Haveis provocado uma dessas confusões que vão passar à história! – diz ele, enquanto fecha o jornal.

— Eu? – pergunto, fingindo que estou muuuuito ocupado com minha bota rasgada.

— Claro! Quem haveria de ser? Tens demonstrado de novo que, falando, tendes a sutileza de uma manada de elefantes correndo dentro de uma fábrica de vidro. Além disso, vossa torpeza permitiu que um aluvião de medíocres declarassem uma bobagem e meia com relação à meia bobagem que dissestes... [...] E já que estamos

desconcierto. En México, en veces, la luna se pinta de un rojizo resplandor. Ni rubor ni sangre, son el coraje y el rencor los que le iluminan el rostro nacarado. De regreso de su largo viaje por la noche mexicana la luna termina su reiterado camino de espejos y se vuelve a su cansado andar. Tiene ya arrebolado el mirar... por el rencor... y el desconcierto...”

falando de política, isso me faz lembrar um conto que servirá para este livro que estais preparando e que, se não me falha a memória, se chama “Contos para uma noite de asfixia”.

Suspiro resignado ao ter que suportar outro conto de Durito, mas ele acha que é de pena das declarações contra Dom Porfirio, e continua. Pigarreia e me manda pegar papel e lápis para escrever enquanto ele dita o conto que se chama... (MARCOS, 1995 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.130)³⁸.

Ainda que leiamos integralmente essa *posdata*, as únicas indicações temporais mais exatas que temos é a do fim do texto denunciando a saudade do *Sup* da flor de outubro e a inicial que abre o que se conta na madrugada. E, afora isso, a data da carta. Entretanto, por mais que não saibamos quando exatamente se deu o episódio narrado, não vamos para longe de nossa época nem de nosso ritmo. Ali, mesmo que o Subcomandante esteja a conversar com um escaravelho, não nos transportamos ao tempo do gênese bíblico quando os animais falavam. A viagem é rápida. Do lado de casa.

Diferente dos relatos do Velho Antonio, onde as indicações de fala são raras e o clima é de aconselhamento, a construção textual na qual Marcos interage com Durito é mais semelhante à conversa entre amigos que discutem determinado assunto com humor e ironia. Um fala, o segundo pergunta, o primeiro responde, vem a réplica e assim sucessivamente. Os verbos, praticamente todos no presente, reforçam o sentimento do agora. O clima reticente não mostra ter muito lugar nas *posdatas* onde o escaravelho falante, ou, como se autodenomina, cavaleiro andante, se faz presente. Não ficam perguntas no ar.

O tempo do discurso, nesse caso, é praticamente o mesmo tempo da história. Sem avanço, retrocesso ou dilatação. Livre de anacronia seja ela por meio da

³⁸ “La madrugada se empieza a dibujar apenas. El frío y la oscuridad cobijan el desvelo de un gallardo y andante caballero y la pena de su escuálido escudero. A la luna no hay quien la encuentre y a un relámpago se sigue el trueno. El lodo se renueva con la lluvia y el trigo con un beso. / Durito revisa el periódico, mordisquea su pipa y me dirige miradas de reproche. / Vaya que habéis provocado un desaguisado de ésos que hacen historia! –dice mientras cierra el periódico. / ¿Yo? –digo fingiendo que estoy muuuy ocupado con mi bota rota. / ¡Seguro! ¿Quién si no? Habéis demostrado, una vez más, que hablando tenéis la habilidad de una estampida de elefantes dentro de una cristalería. Y no sólo eso, vuestra torpeza ha permitido que un alud de mediocres declaren tontería y media respecto a la media tontería que dijísteis... [...] / Y ya que hablamos de política, eso me recuerda un cuento que os servirá para el libro ése que preparáis y que se titula, si mal no recuerdo, Cuentos para una noche de asfixia. / Yo suspiro resignado a tener que soportar otro cuento de Durito, pero él cree que es por la pena de las declaraciones en contra de Don Porfirio, así que continúa. Se aclara la garganta y me ordena que tome papel y lápiz y escribo, mientras lo dicta, el cuento que se llama...”

analepse ou da prolepse. Serve-nos aqui, como ilustração contrastante, o exemplo usado por Benedito Nunes (1988), citando Thomas Mann, em que diz:

Uma peça de música, denominada “Valsa dos cinco minutos”, dura cinco minutos; nisso e em nada mais consiste a sua relação com o tempo. Entretanto, uma história que abrangesse um lapso de cinco minutos poderia ter duração mil vezes maior, devido à extrema meticulosidade empregada na descrição desses cinco minutos e todavia parecer bem curta, embora fosse bastante longa em proporção ao seu tempo imaginário (MANN, 1980 apud NUNES, 1988, p.33).

No mesmo texto de Marcos citado por último, ele parece brincar com a questão da temporalidade em seus escritos. Durito vai contar o que ele chama de “A história do pé frio e do pé quente” e já nos preparamos para um, senão longo, conto de proporções semelhantes aos anteriores. A surpresa chega logo, mais rápido do que podemos imaginar:

Estavam, certa vez, dois pés juntos. Estavam juntos, mas não unidos. Um pé era frio e o outro, quente. E, então, o pé frio disse ao pé quente: “... Você é muito quente”. E o pé quente disse ao pé frio: “Você é muito frio”. E, enquanto estavam se xingando, apareceu Hernán Cortés e queimou os dois³⁹ (MARCOS, 1995 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.130).

Ao questionamento do companheiro se o conto era tão somente essas poucas palavras, o escaravelho sarcástico responde que não se trata de uma das entrevistas de Marcos com a imprensa e que a história não acabara, porque ainda existem muitos pés frios e muitos pés quentes. Estes poderão dar muito trabalho e surpreender o velho conquistador espanhol. Aparentemente tudo se passou ali, em poucos segundos, mas ao evocar o nome de Hernán Cortés, figura que remonta ao século XVI, acabou ligando questões políticas presentes ao passado de que estes problemas também derivam, apesar de não narrar diretamente nada que tenha se passado em tão distante época. É o problema do conquistador, do poderoso, que no momento em que frios e quentes se enfrentam por frivolidade são queimados, visto

³⁹ “Estaban una vez dos pies juntos. Estaban juntos pero no unidos. Un pie era frío y el otro era caliente. Y entonces el pie frío le dijo al pie caliente: “Tú eres muy caliente”. Y el pie caliente le dijo al pie frío: “Tú eres muy frío”. Y en eso estaban, o sea peleándose, cuando llegó Hernán Cortés y los quemó a los dos.”

que estão distraídos um com o outro. Seja como for eles são muitos e, se atentos, podem não cair na mesma armadilha.

O tempo, que avança e que no deslocamento não deixa de existir para o universo maia, não mudou muito porque no calendário o número agora é outro. Os que eram queimados continuam a ser incinerados, com diferentes técnicas, diferentes meios, sem muita preocupação daqueles que deveriam, por obrigação constitucional, zelar por eles. Mas, da mesma forma que perdura o chicote também perdura o espírito de luta, esse, visto imortal. O guerrilheiro que se fez indígena certamente sabe das implicações que tal visão de mundo tem e aproveita desse olhar para confeccionar suas cartas:

E talvez o conhecimento dessa linguagem, desse símbolo e das comunidades que constituem a história indígena, que não é passado, como no ocidente, senão que segue persistindo junto ao dia de hoje, seja um dos segredos profundos da figura que mais projetou a luta do EZLN: o subcomandante Marcos (MONTEMAYOR, 1997, p.130) (tradução nossa)⁴⁰.

2.3 ENTRE LODO E ESPINHOS (DO ESPAÇO)

Para a cultura indígena, não só a da região de Chiapas, a terra é tida e tratada como algo sagrado. O respeito que se tem pelo solo onde se extrai o próprio alimento não é encarado simplesmente como um território, como se externo. Pensando na origem da palavra “cultura” e o que hoje normalmente vem à cabeça quando pensamos nela, em primeira instância, não há, aparentemente, ligação alguma. É interessante imaginar que, para o indígena, essa diferenciação nunca existiu, mesmo que nunca tivessem usado tal termo para designar “essa” ou “aquela” cultura.

Sou partidário da concepção de cultura na qual é ela tudo aquilo que o homem produz, não obstante a observância de Terry Eagleton que diz ser “difícil escapar à conclusão de que a palavra ‘cultura’ é ao mesmo tempo ampla demais e restrita demais para que seja de muita utilidade” (2000, p.51). Diz ele que seu significado antropológico abarcaria tanto estilos de penteado quanto formalidades

⁴⁰ “Y quizás el conocimiento del lenguaje, del símbolo y de las comunidades que constituyen la historia indígena que no es pasado, como en Occidente, sino que sigue persistiendo junto al día de hoy, sea uno de los secretos profundos de la figura que más ha proyectado la lucha del EZLN: el subcomandante Marcos.”

sociais e que seu sentido estético, por exemplo, comportaria Stravinsky mas não a ficção científica. É evidente que em muitas ocasiões o questionamento feito por Eagleton, de que o termo “cultura” pode ser vago, terá que ser levado em conta. Entretanto, em princípio, pensar a cultura em seu sentido antropológico, que é tudo aquilo produzido pelo homem, pode ser benéfico no sentido de que a cultura deve ser tanto consumida quanto produzida pela humanidade de uma maneira geral. Então, ao fim e ao cabo, a luta zapatista é uma luta pelo direito a cultura em diferentes sentidos: da liberdade para arar a terra ao asseguramento de sua identidade.

Uma das heranças da Revolução Mexicana de 1910 – de Villa, Zapata e de milhares de mexicanos anônimos mortos e feridos – foi a tentativa de reforma agrária e o posterior asseguramento de reserva de terras, ou *ejidos*, aos camponeses, indígenas ou não. Como explica Emilio Gennari (2005) em *EZLN: Passos de uma rebeldia*, seu livro que faz um resumo histórico do movimento:

O *ejido* é uma forma de posse coletiva da terra, criada no processo de reforma agrária que a elite mexicana vai viabilizar para conter as pressões dos camponeses após a tentativa revolucionária de Villa e Zapata. Com a existência legal garantida pelo artigo 27 da Constituição mexicana, as áreas dos *ejidos* não podem ser vendidas, arrendadas ou hipotecadas. Por isso, quando uma família sai de uma delas, os campos nos quais trabalhava voltam à comunidade. Esta vai cuidar deles, podendo ceder sua posse a eventuais novos moradores (GENNARI, 2005, p.25-26).

Para que o México pudesse fazer parte do “seleto” grupo do NAFTA⁴¹ a partir de primeiro de janeiro de 1994, algumas mudanças teriam que ser realizadas em determinados artigos da constituição federal mexicana, seriam eles: “o 25 ([...] desenvolvimento); o 26 ([...] dos mercados); o 123 (tutela social do trabalho); o 4 (saúde e habitação); e o 27 (regulamentação agrária, propriedade da terra e bem estar dos camponeses)⁴²” - (DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p. 14). O que sempre foi, na falta de palavra melhor, complicado para os indígenas e pequenos produtores, pois na prática não tinham seus direitos respeitados pelos latifundiários com seus

⁴¹ North American Free Trade Agreement ou Tratado de Livre Comércio da América do Norte

⁴² A ordem dos artigos da Constituição Federal mexicana na citação seguem como no original

“jagunços” e apoio paramilitar, agora se tornaria insustentável porque o que já vinha sendo praticado passaria a ter aval da lei:

O artigo 27, um dos baluartes constitucionais da Revolução Mexicana, relativo à divisão agrária, foi reformado ao grau extremo de seu cancelamento definitivo. Foi assegurada a propriedade privada agrária eliminando as seções do artigo que permitiam às comunidades solicitarem a divisão de terras e autorizando, também, que as terras ejidais pudessem legalmente ser compradas, vendidas ou usadas como garantia de crédito, com o intuito de que as empresas privadas, com novas associações entre capitalistas e proprietários, pudessem adquirir terras ejidais de acordo com novos limites legais, resultando que uma empresa com 30 acionistas pudesse aumentar em 30 vezes sua propriedade a partir do limite individual. Quer dizer, se assentaram as bases para legalizar os latifúndios familiares ou corporativos que oitenta anos atrás a Revolução Mexicana havia se proposto combater (MONTEMAYOR, 1997, p.100) (tradução nossa)⁴³.

O que na mão e visão de uns é parte de si, ancestralidade e espiritualidade, na mão e visão de outros não passa de mais uma maneira de se multiplicar o capital, venha ele de onde vier. É, então, a questão espacial e tudo o que se liga a ela o estopim para que o EZLN se apresentasse ao mundo e declarasse guerra ao governo do México. Essa guerra, encarem-na como quiserem encarar, não fosse pelo poder da palavra – primeiro na união das comunidades e posteriormente chamando atenção mundial – teria sido desbaratada em poucos dias ou semanas.

Assim como o Subcomandante Marcos explora com habilidade a questão temporal na estrutura narrativa também o faz no que concerne às questões espaciais. Apesar de muitas vezes essas duas categorias estarem imbricadas, tento ilustrar, na sequência, como o guerrilheiro mascarado trabalha o espaço em suas narrativas epistolares.

⁴³ “El artículo 27, uno de los baluartes constitucionales de la Revolución Mexicana, relativo al reparto agrario, fue reformado al grado extremo de su cancelación definitiva. Se aseguró la propiedad privada agraria eliminando las secciones del artículo que permitían a las comunidades solicitar el reparto de tierras y autorizando, además, que las tierras ejidales pudieran legalmente comprarse, venderse o usarse como garantía de créditos, a fin de que las empresas privadas, con nuevas asociaciones entre capitalistas y propietarios, pudieran adquirir tierras ejidales de acuerdo con los nuevos límites legales, dando como resultado que una empresa con 30 accionistas pudiera incrementar 30 veces su propiedad a partir del límite individual. Es decir, se sentaron las bases para legalizar los latifundios familiares o corporativos que ochenta años atrás la Revolución Mexicana se había propuesto combatir.”

Em carta ao escritor uruguaio Eduardo Galeano, de 2 de maio de 1995, Marcos diz:

[...] graças ao supremo governo, hoje muitas crianças indígenas mexicanas comemoram o seu dia nas montanhas, longe de casa, em péssimas condições de higiene, sem festa e na maior das pobreza: sem ter um lugar para recostar a fome e a esperança. O supremo governo diz que não expulsou essas crianças das suas casas, apenas colocou milhares de soldados em suas terras [...] Os filhos dos donos do governo passam os dias em festas e presentes. Os filhos dos zapatistas, donos de nada além de sua dignidade, passam o dia brincando de serem soldados para recuperar as terras que o governo lhes tomou, brincam de semear milho, de procurar lenha, de ficar doentes [...] Heriberto e Osmar avançam em coluna. E na frente oposta avança Eva, armada com um pau, que tem a vantagem de se transformar em boneca quando o ambiente é menos bélico [...] E então, pimba! A boneca-arma de Eva bate na cabeça de Heriberto e começa o berreiro (estereofônico, porque Chelita se sente estimulada pelos gritos de Heriberto e não fica para trás), e há sangue. Aparece a mãe de não-sei-quem, com um cinto na mão, e os dois exércitos debandam, e o campo de batalha fica deserto (MARCOS, 1995 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.106-107)⁴⁴.

Quando falamos de Chiapas e de ser a região da Selva Lacandona um lugar montanhoso, nós, os que moramos longe de ambiente parecido, imaginamos que esse lugar seria propício para a cultura indígena. Nos esquecemos que as montanhas são o isolamento do isolamento. Fica ilustrado, pelo trecho que mostra como se comemorou o Dia das Crianças nas comunidades zapatistas, que só estão ali porque foram expulsas de suas casas. Estão naquele momento vivendo em um “não-espaço”, um “não-lugar”.

São várias as abordagens que podem ser realizadas a partir do conceito de espaço como parte das estruturas narrativas. De modo simplificado, algumas delas

⁴⁴ “[...] gracias al supremo gobierno, hoy muchos niños indígenas mexicanos celebran su día en la montaña, lejos de sus casas, en malas condiciones de higiene, sin fiesta y con la pobreza más grande: la de no tener un lugar dónde recostar el hambre y la esperanza. El supremo gobierno dice que no ha expulsado a estos niños de sus hogares, sólo ha metido a miles de soldados en sus terrenos [...] Los hijos de los dueños del gobierno pasan su día en fiestas y regalos. Los hijos de los zapatistas, dueños de nada como no sea su dignidad, pasan su día jugando a que son soldados que recuperan las tierras que les quitó el gobierno, juegan a que siembran la milpa, a que van por leña, a que se enferman [...] Avanzan el Heriberto y el Osmar en columna. Y por el frente opuesto avanza la Eva, armada de un palo que tiene la ventaja de convertirse en muñeca cuando el ambiente es menos bélico [...] y entonces, ¡pácatelas!, la muñeca arma de la Eva llega en su cabeza del Heriberto y empieza la chilladera, (estereofónica, porque la Chelita se siente estimulada por los gritos de Heriberto y no se quiere quedar atrás), y hay sangre y ya viene la mamá de no sé quién, pero trae un cinturón en la mano y los dos ejércitos se desbandan y el campo de batalla queda desierto.”

são: o espaço enquanto material, nas narrativas a descrição do físico que pode ser encarado como transposição do tangível, o lugar; o espaço social, que também pode ser entendido como ambiente em ligação com outros espaços e fatores; o espaço psicológico, que seria a instância espacial interna de personagens e narrador; também temos o espaço da escrita física, a mancha tipográfica, a forma como o texto é disposto no papel, mesmo que essa escrita física e esse papel já não sejam tão físicos assim. A partir do que o texto zapatista nos fornece, tentarei abordar e demonstrar esta ou aquela forma de se pensar o espaço na narrativa. Como a intenção central do capítulo é dar uma ideia geral das categorias narrativas presentes no epistolário do Subcomandante Marcos, nosso condutor principal neste momento será Luis Alberto Brandão (2013) em *Teorias do Espaço Literário*.

A brincadeira das crianças indígenas que Marcos narra para Eduardo Galeano é a brincadeira de pequenos indígenas que foram forçados a deixar suas casas para trás por conta da invasão do exército federal, pois apesar do discurso de que estes estão ali para garantir segurança, todos sabem que a ideia não é outra que não ameaçar os indígenas sublevados. É o faz de conta do governo contra o faz de conta das crianças dentro do faz de conta de Marcos que não tirou tudo isso exclusivamente de sua cabeça, seu substrato é a realidade dessas crianças, dessas comunidades e a sua. É essa realidade inóspita, não como mera transposição, que o *Sup* transforma em narrativa e depoimento.

Como dito há pouco a terra, o espaço, para a cultura indígena funciona de forma semelhante ao tempo, misto de sacralidade e parte de si:

A terra para as comunidades indígenas não é somente uma questão de produtividade e competitividade: é o motivo essencial de seu conhecimento da vida, é o solo que as conecta a vida, que as une ao mundo invisível e ao mundo visível, que as une com a comunidade ancestral de homens e deuses, que contém a raiz de seus valores éticos, econômicos, familiares; que é o suporte de sua cultura (MONTEMAYOR, 1997, p.62-63) (tradução nossa)⁴⁵.

⁴⁵ “La tierra para las comunidades indígenas no es sólo un asunto de productividad y competitividad: es la razón esencial de su conocimiento de la vida, es el suelo que las ata a la vida, que las une al mundo invisible y al mundo visible, que las une con la comunidad ancestral de hombres y dioses, que contiene la raíz de sus valores éticos, económicos, familiares; que es el soporte de su cultura.”

Ciente dessa importância, Marcos deixa claro no texto que aquelas crianças não estão no lugar onde deveriam estar: em suas casas. As marcas de espacialidade estão ao longo do texto se intercalando o tempo todo a partir do que seria sua maior unidade, o México (“crianças indígenas mexicanas”); os pequenos estão fora do seu espaço costumeiro, sua terra, aquele habitat sagrado dos indígenas, até mesmo para as crianças que não aprendem essa importância somente ao se tornarem adultas (“nas montanhas, longe de casa”); no lugar que é delas estão outros (“soldados em suas terras”); mas, a despeito desse triste quadro, transformam esse “não-lugar”, que agora estão, em campo de batalha imaginário, em brincadeira.

É até curioso pensar na argumentação de Brandão (2013, p.21) lembrando Einstein acerca da relatividade espacial: “Conforme o conceito proposto por Albert Einstein, o tempo é a quarta dimensão do espaço, o qual, por sua vez, está em constante expansão”. Parece até ironia do cosmos, mas no caso zapatista essa relatividade é totalmente contrária, pois, quanto mais o tempo passa menos espaço têm não só essas crianças, mas todas as comunidades agrárias de Chiapas.

Esta análise textual é herança das teorias estruturalistas, para os quais, segundo o mesmo autor citado: “a categoria espaço, entendida como referência a um possível mundo extratextual reconhecível, continua a desempenhar papel secundário” (BRANDÃO, 2013, p.24). Entendo essa reserva e a importância em trabalhar o texto por si só, contudo, nas narrativas em questão, destaco que o fator “realidade” ou realidade mesmo, tem um papel imprescindível na sua produção e, portanto, precisa ser observado.

Nesse caso, o que teremos aqui, com base na narrativa do Dia das Crianças e outros, é a descrição e o funcionamento do espaço como cena (“e o campo de batalha fica deserto”), ambiente e espaço social (“nas montanhas, longe de casa, em péssimas condições de higiene, sem festa e na maior das pobreza: sem ter um lugar para recostar a fome a esperança”):

Aqui se entende espaço como “cenário”, ou seja, lugares de pertencimento ou trânsito dos sujeitos ficcionais, recursos de contextualização da ação.

Mas há também os significados tidos como translatos. O “espaço social” é tomado como sinônimo de conjuntura histórica, econômica, cultural e ideológica, noções compreendidas de acordo com balizas mais ou menos deterministas (BRANDÃO, 2013, p.58-59).

Pensando assim, o espaço que temos neste texto vai pra além do espaço decorativo. Temos o que poderia ser chamado também de “espaço interativo”, onde o que se conta não pode ser contado a despeito de sua localização. Um pedaço da narrativa suprimido na última citação (e outro citado: “avança Eva, armada com um pau, que tem a vantagem de se transformar em boneca”) talvez ilustre de maneira mais clara o que seria esse espaço interativo: “E os dois vão armados com duas varinhas que pegaram em um matagal próximo” (MARCOS, 1995 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.106). É óbvio que as crianças zapatistas não possuem os mesmos brinquedos que as crianças filhas dos donos do governo, mas, se tivessem em suas casas, certamente teriam algo pra brincar além de gravetos.

Outro relato narrado por Marcos que nos serve para esclarecer como funciona o espaço na sua construção textual é o *A morte nos visita*, em carta enviada à imprensa em 20 de fevereiro de 1995:

Ontem, dia 13, a morte, vestida de verde-oliva, chegou até dez ou quinze metros de onde estávamos. Disse a Camilo que eram vinte metros, mas quando os soldados foram embora, descemos e contamos exatamente dez metros até o lugar por onde a patrulha de federais tinha passado. [...] a moeda gira no ar e nós avançamos passo a passo, arrastando-nos, sem água e sem comida mas com lodo e espinhos que serviriam pra pagar toda a dívida externa mexicana, se fossem cotados no mercado de valores. [...] Nesse dia da morte a... dez metros? – eu estava atrás de uma pedra, e fui encostando-me pouco a pouco; sem fazer barulho tirei a trava da arma e aponte para o lugar de onde vinham os ruídos. Não pensava, só parecia que soava o tempo detido no dedo, no gatilho (MARCOS, 1995 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.60)⁴⁶.

Neste exemplo, temos o espaço da selva, da mata fechada, especificamente a *Selva Lacandona*, onde não se vislumbra o que costumeiramente chamamos de civilização. Neste momento ela é o habitat do guerrilheiro encurralado pelo exército oficial. Mata, montanha, lodo e espinhos. O narrador e também personagem faz questão de pintar um ambiente hostil, onde além dos percalços citados falta comida

⁴⁶ “Ayer día 13, la muerte, vestida de verde olivo, se llegó hasta 10 o 15 metros de donde estábamos. Yo le digo a Camilo que eran 20 metros pero, cuando se fueron los soldados, bajamos y contamos 10 metros exactos a donde cruzó la patrulla de federales. [...] la moneda da vueltas en el aire y nosotros avanzando de a pasito, arrastrándonos, sin agua y sin comida pero con lodo y espinas que servirían para pagar el total de la deuda externa mexicana si se cotizaban en el mercado de valores. [...] Ese día de la muerte a ¿10? metros estaba yo contra una roca, me fui recostando poco a poco, sin hacer ruido quité el seguro del arma y apunté a donde se escuchaban los ruidos. No pensaba, sólo parecía que sonaba el tiempo detenido en el dedo, en el gatillo.”

e água. A interação aí é penosa, porém necessária neste momento de fuga e perseguição, pois, com ou sem espinhos é este espaço que vai protegê-los ao mesmo tempo em que vai machucá-los. Entretanto, por mais que os fira, não é ele exatamente quem representa perigo. É sabido que a morte espreita, mas não se conhece exatamente a que distância está, provável resultado do ambiente de tensão.

Mais uma maneira de se pensar o espaço, que se faz interessante no caso zapatista por conta da cosmogonia maia, é aquela pensada por Walter Benjamin e citada por Brandão (2013) que concebe o espaço como imagem dialética, como aquilo que já aconteceu e ao mesmo tempo continua a acontecer, onde o tempo é como se dele não soubesse:

Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal e contínua, a relação do ocorrido com o agora é dialética – não é uma progressão, e sim uma imagem que salta. – Somente as imagens dialéticas são imagens autênticas (isto é, não arcaicas), e o lugar onde as encontramos é a linguagem (BENJAMIN apud BRANDÃO, 2013, p.99).

Como o próprio Brandão (2013) faz questão de salientar, o modo como Benjamin pensa o espaço é algo *sui generis* e experimental. No entanto, é interessante tentar enxergar por esse viés porque Marcos, com sua descrição espacial, cria imagens (e aí não é exclusividade da construção zapatista) de uma luta que se desenvolve no seio de uma cultura que de certa forma concebe não só o tempo, mas também o espaço de forma dialética. Pois se não existe passado, se o que ocorreu continua a ocorrer em outra dimensão, a imagem que se forma na eternidade também comporta um espaço configurado eternamente. E então, por mais que não consigamos reproduzir em nós essa maneira de perceber o mundo, processo semelhante ocorre no momento da leitura destas narrativas: os guerrilheiros encurralados pelo exército no meio da floresta estarão lá toda vez que repetirmos a leitura ou nos lembramos com detalhe do que foi narrado.

Uma última observação em relação ao espaço que abarca maior parte do ficcional e do real nos relatos do *Sup* é a de Carlos Montemayor (1997, p.75) e que, ao menos no caso mexicano, faz todo sentido:

Nem sempre reparamos que os guerrilheiros surgem nas montanhas. Nem sempre recordamos que para as montanhas se retiram os povos explorados e reprimidos. Nossos índios, nossos povos miseráveis, buscam as montanhas. Aí se incubam, nessa violência social que são a miséria e a repressão, aqueles que utilizaram a violência armada como resposta e bandeira, como coragem e ânsia de liberdade (tradução nossa)⁴⁷.

Para os que, diferente de nós, estão mais experimentados acerca da realidade mexicana tal espaço já se configura como um espaço de exclusão. É, pois, este lugar desprivilegiado que Marcos transporta para seus textos.

2.4 EU ESTAVA LHE CONTANDO (DO NARRADOR)

Na primeira semana de agosto de 1994, o Subcomandante escreve uma carta dizendo que nela não haveria comunicado algum, que somente seria escrita para que os que não pudessem participar da Convenção Nacional Democrática não se sentissem sozinhos: esta convenção foi chamada na Segunda Declaração da Selva de Lacandona, de junho do mesmo ano, e pretendia discutir com a sociedade civil propostas para uma transição de governo e poder no México. Marcos está desgostoso com a cobrança dos partidos e das organizações de esquerda mexicanas que cobram reconhecimento pela ajuda no chamamento dos participantes para o evento, querem crédito.

O *Sup* afirma categoricamente que não deve nada a ninguém, que fora o sangue dos ezelenitas que começou tudo e não o de partido algum. A Convenção Nacional Democrática seria, portanto, para os sem-partido e os não-organizados. E é com esse mote, falando dos não organizados, que ele inicia sua já conhecida forma de adentrar às narrativas, as *posdatas*. E é aí, em tal espaço, que ficaremos sabendo a “verdade” sobre *Aguascalientes*, o local a ser fundado durante a

⁴⁷ “No siempre reparamos en que los guerrilleros surgen en las montañas. No siempre recordamos que hacia las montañas se repliegan los pueblos explotados y reprimidos. Nuestros indios, nuestros pueblos miserables, buscan las montañas. Ahí se incuban, en esa violencia social que son la miseria y la represión, quienes esgrimirán la violencia armada como respuesta y bandera, como coraje y ansia de libertad.”

convenção e que se configuraria como ambiente permanente de diálogo entre o EZLN e a sociedade de uma forma geral:

P.S. onde se narra aquilo que realmente há por trás de *Aguascalientes*. A noite já partiu atrás dos últimos jornalistas que, com a ameaça dos acessos minados, vão embora com as suas “exclusivas” e outros panos quentes sobre o assunto. Quando ficam sozinhos, o sub faz um sinal, oculto pela sombra do boné. Todos começam a se agitar, em um movimento só aparentemente caótico. Todos, inclusive o sub, tiram o capuz do rosto. Aparece uma multidão de turvos marinheiros. O sub agora deixa ver uma vistosa venda negra sobre o olho direito e começa a mancar visivelmente com sua perna de pau. No coto esquerdo, onde deveria haver uma mão, há um gancho que reluz com o reflexo dos relâmpagos de agosto [...] “Aguascalientes” se acorda, se revela. É um navio pirata, o único, o melhor (MARCOS, 1994 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.51)⁴⁸.

Walter Benjamin escreveu seu conhecido artigo, *O narrador*, em 1936 e morreu em 1940, afirmando ser eminente a morte da narrativa. É que Benjamin (1985) sustentava que o jornalismo/impressão, o empobrecimento das experiências individuais e a indústria, estavam servindo de principais agentes do desaparecimento da figura do narrador: “[a] experiência que passa de pessoas a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1985, p.198).

Ele argumenta que a arte de narrar fora fundada em dois tipos arcaicos: o viajante e o camponês sedentário. O primeiro pode ser representado pelo marinheiro e o segundo pelo mestre artesão. Quem viaja tem muito o quê contar e o mestre sedentário, além de conhecer a tradição de seu local, tem a vantagem de ter aprendizes outrora viajantes. Teriam sido estas duas categorias - formas de viver e se manter – os fundadores da arte narrativa. Benjamin elenca o escritor russo do século XIX Nikolai Leskov como exemplo de narrador, pois este, segundo ele,

⁴⁸ “P.D. que delata lo que en realidad esconde “Aguascalientes”. Ya la tarde se ha ido detrás de los últimos periodistas que, bajo la amenaza del minado de los accesos, se retiran con “exclusivas” y otras reiteraciones. Cuando quedan solos el Sup hace una seña, oculta por la sombra de la gorra. Todo mundo se pone en un movimiento que sólo en apariencia es caótico. Todos, incluso el Sup, se arrancan el pasamontañas y el rostro. Multitud de torvos marineros aparecen, el Sup delata ya un austero parche en el ojo diestro y empieza a cojear ostensiblemente con su pata de palo. En el muñón siniestro, donde debiera haber una mano, lleva un garfio que guiña al reflejo de los relámpagos de agosto [...] “Aguascalientes” se devela, se revela. Un barco pirata, el único, el mejor.”

extraíra os traços de sua narrativa da oportunidade que tivera como agente russo de uma empresa inglesa. Por conta desse trabalho pudera viajar e conhecer o interior da Rússia com seu povo e suas seitas rurais: “[o] grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais” (BENJAMIN, 1985, p.214).

Assim como o mestre artesão que se fixa em determinada região, ensina e aprende com os que chegam, e o marinheiro que percorre o mundo temos Leskov, mas também temos o Subcomandante Marcos: pirata, de certa forma estrangeiro, e ao mesmo tempo com raízes fincadas desde há muito no povo. Ele, não por ofício, mas por obrigação, certamente se encaixa no tipo de narrador tão caro ao teórico alemão. Até onde sabemos Marcos, se tem sangue indígena, não é nascido em Chiapas ou na Selva Lacandona, se faz pirata por ser fora da lei e, embora não viaje ao redor do mundo, trava conhecimento com pessoas distintas ao redor do globo. Para completar, adentrou à selva e dos habitantes dela fez seu povo, com eles aprende e ensina.

Entretanto, o líder ezelenita, narrador por necessidade, consegue realizar a prática jornalística que Benjamin vê como inimiga da narrativa, “[...] os fatos já nos chegam acompanhados de explicações [...] [e]m outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações” (BENJAMIN, 1985, p.203), e a ela somar a força da arte de narrar: “[a]ssim, o leitor participa dos eventos em vez de se perder numa descrição fria que nunca lhe dará a imagem da coisa” (ROSENFELD, 1974, p.28). E o navio pirata, *Aguascalientes*, cumpre a função de informar fugindo da fugacidade inerente à notícia dos jornais:

Esta nave atravessou mares de todo tipo e condição, a sua vela foi acariciada por ventos de origens diversas, naufragou em todas as ilhas e seu emblema ameaçador conquistou todos os portos. Por que deveria nos preocupar este furacão do sul? [...] Minha nave e os meus não hesitam, já navegamos sozinhos antes, só mar e vento. O medo dos homens nós o sepultamos na alvorada de um ano incerto [...] Agora o vento contrasta nossos passos; entre campos semeados e girassóis, espreitam diversos monstros, ministros, pacíficos coveiros da esperança, resignados pelo cansaço [...] O nevoeiro nos acolhe, cúmplice e discreto. O vento desconcertado perde-se em

alguma biblioteca. Começa a amanhecer [...] (MARCOS, 1994 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.52-53)⁴⁹.

O navio, que sem dúvida pode ser vislumbrado como o próprio EZLN, de acordo com Marcos já passou por situações adversas anteriormente e resistiu, porque não resistiria a este furacão aqui identificado como a esquerda institucionalizada? Eles já estiveram sozinhos, se organizaram por anos e anos nos recônditos da selva chiapaneca, sem apoio destes que hoje cobram crédito por aquilo que fizeram de suposta livre vontade. O Subcomandante afirma que estes ventos contrários logo se perderão nos prédios institucionais, nas academias, de volta ao lugar à que pertencem, e a embarcação estará pronta para continuar sua viagem. Ele quer deixar claro: não será por conta de mais essa adversidade que o movimento arrefecerá.

Benjamin (1985), também argumenta que a morte asséptica, higienizada e abreviada na sociedade burguesa, tem relação com o declínio da arte narrativa, pois a morte, como era encarada na Idade Média com seus ritos, permitia a criação de uma espécie de aura de autoridade sobre aquele que partia. A morte, para o autor, conferiria ao mais humilde servo uma importância e uma atenção que ele provavelmente nunca teve. Junto a essa constatação está a de que a ideia de eternidade está se enfraquecendo e o homem sente a necessidade de abreviar tudo que for possível, pois só se vive uma vez, não há mais tempo para detalhes e a comunicação assume novos contornos. A morte, ainda que não se saiba exatamente o que se tornou, não é mais tão mítica quanto já foi:

Durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as instituições higiênicas e sociais, privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse sido seu objetivo principal: permitir aos homens evitarem o espetáculo da morte. Morrer era antes um episódio público na vida do indivíduo, e seu caráter era altamente exemplar: recordem-se as imagens da Idade Média, nas quais o leito de morte se transforma num trono em direção ao qual se precipita o povo, através das portas escancaradas. Hoje, a morte é cada vez mais expulsa do universo dos vivos (BENJAMIN, 1985, p.207).

⁴⁹ “Este barco ha recorrido mares de todo tipo y condición, su velamen ha sido acariciado por vientos de orígenes diversos, ha naufragado en todas las islas y su amenazante emblema ha conquistado todos los puertos. ¿Por qué habría de preocuparnos este huracán sureño? [...] Mi barco y los míos no titubean, ya antes hemos navegado solos, puro mar y viento puro. El miedo a los hombres lo enterramos un amanecer de año incierto [...] Ahora el viento se opone a nuestro paso, por entre milpas y acahuals acechan monstruos diversos, secretarios de Estado, pacíficos enterradores de la esperanza, conformes del hartazgo [...] La niebla nos acoge cómplice y discreta. El viento, en su desconcierto, se extravía en alguna biblioteca. Empieza a amanecer...”

O espetáculo da morte pode ter sido expulso da sociedade burguesa ou se transformado durante o século XIX, mas na Selva Lacandona, México, ela não deixou de ser amiga sempre presente. Por diversos aspectos, essa dádiva ou maldição, a morte é encarada de forma diversa na luta ezelenita. Para a cosmogonia maia, como já dito, a morte não é um fim, não há um final, seja como for. A eternidade faz parte do modo como os indígenas enxergam a existência e, diferente do ideário cristão, nem mesmo como passagem a morte é encarada – eles não a veem como desencarnação. Pra além desse relacionamento diverso com a questão, a morte em um ambiente de conflito armado é companheira o tempo todo e chega a ser ironizada pelo *Sup*:

P.S. que, de luto, chora. Estava escutando no gravadorzinho aquela de Stephen Stills, do álbum “Four Way Street”, que diz: “Find the cost of freedom, buried in the ground. Mother Earth will swallow you. Lay your body down”, quando meu outro eu chega correndo e me diz:

— Parece que você conseguiu o que queria.

— Quer dizer que o PRI caiu? – pergunto, com esperança.

— Não, cara!... Você morreu – responde meu outro eu.

— Eu? Quando? Onde? – questiono, enquanto tento recordar onde estive e o que teria feito.

— Hoje, num enfrentamento... mas não dizem onde – responde ele.

— Ah, tudo bem... E fiquei muito ferido ou morri mesmo? – insisto.

— Todinho morto... pelo menos isto é o que dizem as notícias – conta o meu outro eu e vai embora (MARCOS, 1995 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.81)⁵⁰.

Em diversos escritos o tema estará presente, nos relatos do cotidiano ou nos contos em que a mística indígena for a tônica, porém, o que Marcos mais teme não é que seu corpo desapareça ou que deixe de respirar: “[g]randes e poderosos sábios, curvados pelo luxo e dinheiro, aconselham a pior morte: ‘Esqueçam-no! Não há castigo mais cruel!’” (MARCOS, 1994 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.52). Ser esquecido é algo que este narrador não quer e

⁵⁰ “PD: Que, de luto, llora. / Estaba yo escuchando en la grabadorcita esa rola de Stephen Stills, del album Four Way Street, que dice: / Find the cost of freedom, buried in the ground. Mother Earth will swallow you. Lay your body down”. Cuando viene corriendo mi otro yo y me dice: / Parece que te saliste con la tuya... / ¿A poco ya cayó el PRI? - pregunto con esperanza. / ¡N'ombre!... Te mataron -dice mi otro yo. / ¿A mí? ¿Cuándo? ¿Dónde? -cuestiono mientras hago memoria de dónde he estado y lo que he hecho. / Hoy, en un enfrentamiento... pero no dicen dónde mero-, responde. / ¡Ah, bueno!... ¿Y quedé mal herido o mero muerto? -insisto. / Toditito muerto... así dicen las noticias -dice mi otro yo y se va.”

busca, por meio de sua narrativa, driblar a morte. Vemos então que o narrador do Subcomandante guarda diversas semelhanças com o narrador benjaminiano e, ainda que não seja exatamente como Leskov, Marcos consegue ser um exemplar daquilo preconizado por Walter Benjamin.

3 EM ALTO E BOM SOM

*“Compañeros poetas, / tomando en cuenta / los últimos
 sucesos en la poesía, / quisiera preguntar —me urge—, /
 qué tipo de adjetivos se deben
 usar / para hacer el poema de un barco / sin
 que se haga sentimental, / fuera de la
 vanguardia / o evidente panfleto...”*
 Silvio Rodríguez, *Playa Girón*

Afirma-nos o historiador Carlos Montemayor (1997) que, durante o Congresso Constituinte mexicano de 1824 José María Luis Mora – pai do liberalismo no México – chegou a exigir por decreto que se declarasse a inexistência jurídica dos indígenas e que, inclusive, deixassem de usar o termo “*indio*” no país. Além do velado racismo, seria um grande avanço para a nação acabar com um possível reconhecimento legal dos povos indígenas. Tal deslegitimação livraria o governo, por exemplo, da manutenção de reservas de terras, incompatível para José Maria Luis Mora com a modernidade e a propriedade privada.

O indígena, no lugar de ser contemplado pela legislação que se criava, era visto como um problema a ser resolvido. Se não se pode solucioná-lo de uma vez por todas, faz-se de conta que ele não existe. Em um pensamento nos moldes orwellianos de 1984, castra-se a língua e resolve-se a questão. O que se ignora não existe. Uma inversão daquilo que Louis Althusser (1985, p.104) diz em *Aparelhos Ideológicos de Estado*: “[...] para que as coisas sejam o que devem ser usemos a palavra [...]”. Para que o indígena deixe de existir, e resolvamos assim uma série de problemas, apaguemos sua designação de nosso vocabulário.

Mais de 150 anos haviam se passado desde a Constituinte mexicana de 1824, depois dela vieram outras, quando o Exército Zapatista de Libertação Nacional se fez visível ao mundo. Declarando-se um exército majoritariamente indígena, este só se forjou porque os habitantes mais antigos deste pedaço da América continuavam a ser classificados como um problema, um entrave para o governo mexicano e suas sanhas de modernização a altos custos. Uma parte desse custo era legislar em prol da falta de reconhecimento da figura indígena, ignorar sua existência para que fosse como se não existisse. No entanto, o quadro agora seria outro e não bastaria mais a ignorância institucionalizada, pois os ezelenitas, em um

esforço contrário ao de José Maria Luis Mora e do Grande Irmão, buscariam fertilizar a palavra, enriquecê-la, fortalecê-la com o grito de indignação indígena:

[...] nós hoje dizemos: BASTA!, somos os herdeiros dos verdadeiros forjadores de nossa nacionalidade, os despossuídos somos milhões e chamamos a todos nossos irmãos para que somem a este chamado como o único caminho para não morrer de fome ante a ambição insaciável de uma ditadura de mais de setenta anos, encabeçada por uma camarilha de traidores que representam os grupos mais conservadores e vende-pátrias (COMANDO GERAL DO EZLN, 1994 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.39)⁵¹.

3.1 QUEM GRITA (O SUJEITO DO DISCURSO)

De acordo com o trecho citado acima, da Primeira Declaração da Selva Lacandona, a nacionalidade mexicana não pode ser concebida sem o componente indígena e o único caminho para que continuem a existir é aquele que passa primeiramente pela destituição do governo de Carlos Salinas de Gortari e seu partido, o PRI; mesmo que pra isso seja necessário uma guerra. Se “hoje” dizem “BASTA!” é porque antes estiveram calados, porém chegou a hora de romper o silêncio, tão comumente associado aos indígenas, e fazer o verbo multiplicar-se, render, dando “nomes aos bois” e invertendo o jogo na responsabilização daqueles que o EZLN identifica como verdadeiros fiadores da miséria mexicana.

O primeiro passo público dado pelos zapatistas é então esse “BASTA!”, essa negação do atual estado de coisas. Um contundente não, grafado em caixa alta, rejeitando o tratamento dado até então aos indígenas e a toda população pobre mexicana. Para John Holloway, cientista político estudioso de movimentos autonomistas e autor de *Mudar o Mundo Sem Tomar o Poder*, a negação seria o movimento inicial do pensamento e de uma possível transformação da realidade. É o grito dos indignados por dignidade não a garantia de um final feliz mas o esforço necessário para que o imposto encontre, ao menos, resistência:

⁵¹ “... nosotros HOY DECIMOS ¡BASTA!, somos los herederos de los verdaderos forjadores de nuestra nacionalidad, los desposeídos somos millones y llamamos a todos nuestros hermanos a que se sumen a este llamado como el único camino para no morir de hambre ante la ambición insaciable de una dictadura de más de 70 años encabezada por una camarilla de traidores que representan a los grupos más conservadores y vendepatrias.”

O pensamento nasce da ira, não da quietude da razão; não nasce do fato de se sentar – raciocinar – e refletir sobre os mistérios da existência, fato que constitui a imagem convencional do que é “o pensador”.

Começamos da negação, da dissonância. A dissonância pode assumir muitas formas: a de um murmúrio desarticulado de descontentamento, a de lágrimas de frustração, a de um grito de fúria, a de um rugido confiante. A de um desassossego, de uma confusão, de um desejo ou de uma vibração crítica [...] A negação não provém de nossa essência humana, mas da situação em que nos encontramos. Gritamos e insistimos não porque essa seja a natureza humana, mas, ao contrário, porque estamos separados do que consideramos que seja a humanidade (HOLLOWAY, 2003, p.9 e p.44).

Separados daquilo que seria o básico na manutenção da dignidade humana – “[...] sem importar que não tenhamos nada, absolutamente nada, nem um teto digno, nem terra, nem trabalho, nem saúde, nem alimentação, nem educação [...]” (Primeira Declaração da Selva Lacandona) –, os ezelenitas gritam em fúria e rugem confiantes. Eles se negam a continuar a participar de forma silenciosa de sua própria extinção, se negam a facilitar com seu silêncio o trabalho dos donos do poder. Agora falaria o coração maia, a sabedoria indígena construída ao longo de séculos, tão ou mais antiga que a razão europeia.

Para o EZLN é chegado o momento em que se deve contrapor a voz e os anseios do povo mexicano explorado ao poderio governamental e seus asseclas. Então, cientes de que apenas pelas armas não avançariam centímetros nessa disputa, elegem a palavra como principal ferramenta que tenta funcionar ao mesmo tempo como forma de exposição da luta chiapaneca e aglutinadora de apoio:

Hoje dizemos: aqui estamos. Somos a dignidade rebelde, o coração esquecido da Pátria!

Não morrerá flor da palavra. Poderá morrer o rosto oculto de quem hoje a nomeia, porém a palavra que veio desde o fundo da história e da terra já não poderá ser arrancada pela soberba do poder (COMANDO GERAL DO EZLN, 1996 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.139)⁵².

⁵² “Hoy decimos: / ¡Aquí estamos! / ¡Somos la dignidad rebelde, el corazón olvidado de la patria! No morirá la flor de la palabra. Podrá morir el rostro oculto de quien la nombra hoy, pero la palabra que vino desde el fondo de la historia y de la tierra ya no podrá ser arrancada por la soberbia del poder.”

O exército zapatista se assume como coração do México, possuidores da palavra que vem de épocas ancestrais e participantes da história, não como meras anotações nos livros mas como atuantes nela, forjadores do novo. Portanto, como defensores e portadores da palavra, estão protegidos das armas do poder. Estas não podem derrotar o que vem das profundezas e, segundo os zapatistas, está ao lado dos libertos de soberba, ao lado dos oprimidos. E, além disso, ela é uma palavra que se movimenta, que transforma, que ajuda a construir a história; ou, como diria a professora Eni P. Orlandi (2003, p.15) em *Análise de Discurso: uma vez que se movimenta, estamos falando de discurso, de prática de linguagem*.

Como podemos verificar anteriormente é essa palavra, esse discurso, que vem do grito de que Holloway (2003) nos fala, que ajudou a projetar o EZLN para o mundo, a dar visibilidade ao movimento ezelenita e, diferente de outros movimentos armados, garantir espaço midiático ao longo dos anos:

Podemos dizer que o EZLN foi o primeiro movimento guerrilheiro no México moderno que conquistou, desde o primeiro dia de sua aparição, um espaço permanente nos meios de comunicação. Os grupos guerrilheiros anteriores pretenderam em vão, como uma parte essencial de seus objetivos e lutas, penetrar a mídia (MONTEMAYOR, 1997, p.169) (tradução nossa)⁵³.

Montemayor (1997) faz questão de deixar claro que essa manutenção de espaço na mídia se deveu também a outros fatores que não estavam disponíveis em lutas anteriores, como o desenvolvimento dos meios de comunicação e a criação de organizações nacionais e internacionais de defesa dos direitos humanos, mas salienta que o EZLN teve uma peculiar capacidade de convocatória política. E essa extraordinária capacidade de conclamação à luta deriva, pelo que aponta a pesquisa, da também extraordinária forma do discurso zapatista, sobretudo daquele produzido pelo Subcomandante Insurgente Marcos.

⁵³ "Podemos decir que el EZLN fue el primer movimiento guerrillero en el México moderno que conquistó, desde el primer día de su aparición, un espacio permanente en los medios de comunicación. Los anteriores grupos guerrilleros em vano pretendieron, como una parte esencial de su objetivo de lucha, penetrar en los medios."

3.2 A PERIGOSA SEDUÇÃO DAS ANTENAS OU A (DES)LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO⁵⁴

As cartas confeccionadas pelo Sub buscam, além da já mencionada atualização do cotidiano das comunidades ezelenitas, contrapor o discurso oficial governamental que se apoia na tradicional visão deturpada que se faz do indígena e dos guerrilheiros, ao menos no México. Visão esta difundida e solidificada ao longo de muitos anos com a ajuda da literatura, do ensino escolar, da igreja e também da mídia, sendo a última talvez a principal ferramenta pela velocidade com que trabalha. Montemayor (1997) cita um caso exemplar envolvendo um periódico que se chamava *La Brújula*, vendido como “independente e progressista”, em *San Cristóbal de las Casas*, que em 10 de setembro de 1869 publicava o seguinte texto:

Quem são os índios de Chiapas? São hipócritas, astutos, reservados e viciados, fixos em suas tradições, e por isso aparentam o que não são, buscam oportunidades, não dizem o que pensam, ainda que por se calarem sofram da mesma morte; e sob o auspício de falsas crenças, nos tendo como seres diferentes [...] Lhes falta instrução e nada conhecem dos deveres morais [...] nada conhecem dos direitos sociais, posto que vivem espalhados e errantes, como os seres irracionais e indomados; e por isto, não respeitam nenhum acordo, são inconsequentes em suas promessas e praticam as ações mais desurbanas que se pode imaginar (MONTEMAYOR, 1997, p.110) (tradução nossa)⁵⁵.

Esse pequeno trecho exposto acima serve para ilustrar bem, ao menos no caso mexicano, algumas afirmações anteriores em que se dizia ter o indígena o tratamento de um ser de segunda classe, uma espécie de intermediário entre o animal selvagem e o *homo sapiens*. Essa classificação feita pelo *La Brújula* reproduz um discurso que se realiza dentro daquilo que o filósofo francês Michel Pêcheux (2008) designou como “espaço discursivo logicamente estabilizado”. De acordo com o autor citado acima, precursor da Análise de Discurso, estes espaços trazem consigo certa autoridade por conta do local de fala e porque em sua estrutura

⁵⁴ Referência à canção “Batedores” do grupo Mundo Livre S/A.

⁵⁵ “¿Qué son los indios em Chiapas? Son hipócritas, astutos, reservados y adictos, tenaces a sus tradiciones, y por esto aparentan lo que no son, buscan las oportunidades, no dicen lo que piensan, aunque por callar sufran la misma muerte; y bajo el auspicio de falsas creencias, teniéndonos como a seres distintos [...] Son faltos de instrucción y nada conocen de los deberes morales [...] nada conocen de los derechos sociales, puesto que viven diseminados y errantes, como los seres irracionales e indómitos; y por esto, no respetan ningún contrato, son inconsequentes en sus promesas y ejercen las acciones más inurbanas que pensarse puedan.”

discursiva, independente do enunciado, não há lugar para interpretação, não veremos aspas, expressões como “em certo sentido” nem brechas para questionamentos:

Esses espaços – através dos quais se encontram estabelecidos (enquanto agentes e garantia dessas últimas operações) detentores de saber, especialistas e responsáveis de diversas ordens – repousam, em seu funcionamento discursivo interno, sobre uma proibição de interpretação [...] Nesses espaços discursivos [...] supõe-se que todo sujeito falante sabe do que se fala [...] (PÊCHEUX, 2008, p.31).

Então, em um periódico que se intitula progressista, temos que o indígena é um símbolo de atraso, de desumanidade, de imoralidade, de oposição ao progresso, ou seja, lhe sobram adjetivos desqualificativos. A força que tal discurso possui, inculcando em seus leitores uma visão negativa do indígena em uma época de escassas fontes de informação (estamos falando de 1869) é imensurável e inquestionavelmente devastadora. Vide a condição miserável em que permanece o indígena até os dias atuais.

Em razoável consonância com essa argumentação de Michel Pêcheux (2008) a respeito da autoridade da fala que vem do local de onde se fala, e de uma estabilidade estrutural discursiva, temos o que Althusser (1985) chamou de Aparelho Ideológico de Estado (AIE), no caso do *La Brújula* um AIE de informação. E ainda que o jornal não seja de propriedade do governo ele pode ser atribuído como um AIE porque, ao fim e ao cabo, é de propriedade das classes altas e, de acordo com o autor, veicula a ideologia das classes altas, as mesmas que detêm o poder estatal.

A ideia dos Aparelhos Ideológicos de Estado é que eles se vendam como imparciais, neutros, isto é, que são portadores da verdade uma vez que não representariam opiniões pessoais, mas sim a mera realidade. Althusser (1985) faz questão de que não confundamos os AIE (igreja, escola, família, sistema jurídico, sistema político, sindicatos, a cultura, imprensa) com os Aparelhos de Estado, ou AE (governo, exército, polícia, prisão etc) e, para tanto, passa a chamar este segundo de Aparelho repressivo de Estado. Indo além, ele destaca o seguinte:

Num primeiro momento podemos observar que se existe *um* Aparelho (repressivo) do Estado, existe uma pluralidade de Aparelhos Ideológicos do Estado. Supondo a sua existência, a unidade que constitui esta pluralidade de AIE não é imediatamente visível.

Num segundo momento, podemos constatar que enquanto que o Aparelho (repressivo) do Estado, unificado, pertence inteiramente ao domínio público, a maior parte dos Aparelhos Ideológicos de Estado (em sua aparente dispersão) remete ao domínio privado. As Igrejas, os Partidos, os Sindicatos, as famílias, algumas escolas, a maioria dos jornais, as empresas culturais etc, etc, são privadas (ALTHUSSER, 1985, p.69) (itálico do autor).

Complementando a citação, a diferença de funcionamento dos aparelhos se dá pela forma como estes são apresentados e disponibilizados na sociedade, sendo o Aparelho (repressivo) de Estado uma imposição clara, por meio, muitas vezes, da violência física; e o Aparelho Ideológico de Estado funcionando pelo convencimento, por uma suposta liberdade de escolha. É óbvio que não necessariamente estes aparelhos sejam de natureza, digamos, pura. O Aparelho Ideológico pode funcionar também pela repressão, pela força, assim como o Aparelho (repressivo) de Estado pode funcionar também pelo convencimento, pela ideologia. O que os distingue é a preponderância do repressivo ou do ideológico em cada um.

É aí que vemos o motivo por que os AIE são vendidos como imparciais: primeiro porque funcionam pela ideologia, pelo convencimento e são supostamente isentos de violência; segundo porque, em tese, eles representam a opinião da sociedade de uma maneira generalizada e não a de um grupo ou classe social em específico. No entanto, seja pela repressão seja pela ideologia o fim é o mesmo: a manutenção do poder e do sistema sócio econômico que privilegie a classe detentora desse poder.

Um exemplo de fala e de discurso que visa à manutenção desse poder do estado, transmitida por meio de um Aparelho Ideológico de Estado, auxiliado pela autoridade de uma posição social de liderança e por um local de fala privilegiado, é o pronunciamento oficial do à época presidente da República Carlos Salinas de Gortari direto do *Palacio Nacional* em 06 de janeiro de 1994:

[...] uma organização diferente surgiu no estado de Chiapas: profissionais da violência, nacionais e um grupo estrangeiro, alheios aos esforços da sociedade chiapaneca, desferiram um doloroso golpe a uma área desse estado e ao coração de todos os mexicanos [...] Essa não é uma sublevação indígena, é somente a ação de um grupo violento, armado contra a tranquilidade das comunidades, a paz pública e as instituições do governo [...] O que fazem é seguir ações desacreditadas. Nos países onde assim procederam, somente conseguiram destruição e retrocesso (mensagem do presidente da República mexicano Carlos Salinas de Gortari em 06/01/1994)⁵⁶ (tradução nossa)⁵⁷.

Em 1824 José María Luis Mora, conhecido pela sua postura de defensor do liberalismo econômico, desqualificava o indígena tentando excluí-lo da constituição federal e do vocabulário oficial; em 1994, Carlos Salinas de Gortari, defensor do neoliberalismo econômico, faz algo parecido ao tentar reduzir a sublevação ezeleñita a uma agitação promovida por não indígenas e por estrangeiros em solo mexicano. Segundo ele, o Exército Zapatista de Libertação Nacional nada tinha de indígena. Evocando termos como “coração de todos os mexicanos” o presidente busca uma oposição entre a população na sua totalidade (“todos os mexicanos”) e aqueles designados por ele como “profissionais da violência”, ademais, estrangeiros ou não, não podendo ser considerados mexicanos (não seria muito lógico desferir um golpe no próprio coração).

O trecho transcrito acima, da fala do presidente da República, corresponde a menos de um quinto do pronunciamento completo, mas condensa nessas poucas linhas uma série de termos que se opõem na tentativa de reproduzir uma oposição que existiria no mundo real. De um lado os profissionais da violência, que são identificados pelos termos “estrangeiro”, “violento”, “armados”, “desacreditadas”, “destruição” e “retrocesso”; do outro a verdadeira população mexicana e sua liderança maior que se confundem com “esforço”, “tranquilidade”, “paz” e “governo”.

Ao falar de estrangeiros infiltrados no EZLN e ao relacioná-los com a violência, armas e destruição, o presidente da República (e os que o ajudaram a

⁵⁶ Disponível em: <http://www.bibliotecas.tv/chiapas/ene94/06ene94g.html>

⁵⁷ “Sin embargo, una organización diferente emergió en el estado de Chiapas: profesionales de la violencia, nacionales y un grupo extranjero, ajenos a los esfuerzos de la sociedad chiapaneca, asestaron un doloroso golpe a una zona de ese estado y al corazón de todos los mexicanos [...] Este no es un alzamiento indígena, sino la acción de ese grupo violento, armado en contra de la tranquilidad de las comunidades, la paz pública y las instituciones de gobierno [...] Lo que hacen es seguir acciones desacreditadas. En los países en donde así ha sucedido, sólo han conseguido destrucción y retroceso.”

redigir seu discurso) habilmente traz à memória dos cidadãos mexicanos os conflitos das guerrilhas e das guerras civis nos países vizinhos ao estado de Chiapas. Ele faz com que as imagens desses conflitos, certamente mais fortes e com mais influência no imaginário mexicano que no brasileiro, sejam novamente experimentadas e novamente sofridas. É o caso, por exemplo, das guerrilhas guatemaltecas com seus diversos grupos de esquerda e dos sandinistas na Nicarágua. Ainda que se questione o lado certo dessas guerrilhas, se é que há um lado “correto” nesses conflitos, rememorar a violência é sempre um exercício doloroso. E é, aparentemente, essa dor que Salinas de Gortari pretende infligir em seus ouvintes com a finalidade que estes rechacem as ações dos zapatistas. O que é dito deste modo poderia ser dito também de outro: “não queremos aqui os que promoveram a violência, a destruição e o atraso em nossos vizinhos mais próximos”.

Aliada a essa rememoração do sofrimento, a fala do presidente é construída sobre uma estrutura discursiva que poderíamos chamar de binária. Ou é isto ou é aquilo, ou se é violento ou se é pacífico, ou se é um destruidor ou se é um construtor. Não se fala de possibilidades, não se deixa margem para dúvidas, o que se diz é a verdade e ela é inquestionável. E esta forma de estrutura, segundo Michel Pêcheux (2008), se apoia na necessidade humana de homogeneidade lógica, imprescindível por conta das múltiplas urgências do cotidiano:

O sujeito pragmático – isto é, cada um de nós, os “simples particulares” face às diversas urgências de sua vida – tem por si mesmo uma imperiosa necessidade de homogeneidade lógica: isto se marca pela existência dessa multiplicidade de pequenos sistemas lógicos portáteis que vão da gestão cotidiana da existência (por exemplo, em nossa civilização, o porta-notas, as chaves, a agenda, os papéis, etc) até as “grandes decisões” da vida social e afetiva (eu decido fazer isto e não aquilo, de responder a X e não a Y, etc...) passando por todo o contexto sócio-técnico dos “aparelhos domésticos” (isto é, a série dos objetos que adquirimos e que aprendemos a fazer funcionar, que jogamos e que perdemos, que quebramos, que consertamos e que substituímos) (PÊCHEUX, 2008, p.33).

O argumento do filósofo francês é de que a tendência humana é optar pelos espaços estáveis, conhecidos, indubitáveis e, assim como no cotidiano com seus diferentes afazeres, sentimo-nos mais confortáveis diante de discursos que aqui

chamamos de binários, mas que também poderiam ser classificados como práticos por sua aparente simplicidade. A pressa do dia-a-dia, imperativo do sistema social e econômico atual, é também uma maneira de reproduzir e conservar este sistema; e essa urgência que nos automatiza, nos mecaniza, está presente tanto na preparação do café da manhã – quando a cafeteira está ligada ou desligada, temos energia elétrica ou não temos – quanto na linguagem, nos discursos que ouvimos e reproduzimos – os indígenas não são violentos e, portanto, são pacíficos; guerrilheiros são destruidores, portanto, não podem ser construtores.

Podemos perceber, por consequência, que se pode dizer muito dos frutos pelo ambiente em que são produzidos, pode-se dizer muito da linguagem pelo terreno de onde ela nasce não como uma via de mão única, pois existem sim as estradas alternativas, mas ignorar a relação entre ambiente e o que se produz a partir dele é o mesmo que apostar cegamente no determinismo estreito do meio.

Pois bem, se o terreno capitalista neoliberal de onde parte a fala do presidente da República Carlos Salinas de Gortari diz bastante de seu discurso, não diferente seria o caso do Subcomandante Marcos, que constrói sua fala a partir de um ambiente totalmente distinto: este, em meio à selva, à vida agrária, no tempo da natureza, com a visão indígena de mundo e longe do ritmo de vida sob o capitalismo; não esquecendo que, apesar de toda essa diferença de local de produção, tanto o discurso governamental quanto o zapatista se erige, em maior ou menor escala, tendo em vista seu contrário. É disso que trata Orlandi (2003), em obra citada anteriormente, quando a linguista vai discorrer sobre relações de força e relações de sentido discursivas:

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos relação de sentidos. Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis (ORLANDI, 2003, p.39).

Os ezelenitas, na *Primeira Declaração da Selva Lacandona*, recorrem ao amor dos cidadãos mexicanos por sua pátria quando vêm a público pela primeira vez, em vista disso Carlos Salinas faz o mesmo, reiteradas vezes, no pronunciamento apresentado. Esta seria uma das relações de força e de sentido possíveis pelo que argumenta Orlandi (2003), outra seria aquela onde um discurso pretende declinar outro – o que faz Marcos em uma carta já apresentada anteriormente, ao “menino Miguel”, mas cujo trecho que segue agora havia sido suprimido:

A nossa profissão é a esperança.

O dia já está morrendo, fica escuro quando se veste de noite, e o novo dia está prestes a nascer, primeiro com seu véu negro e depois com o cinzento ou azul, e tudo isso depende de o sol estar ou não com vontade de iluminar o pó e a lama em nosso caminho. O dia já está morrendo entre os braços noturnos dos grilos e então tive a ideia de lhe escrever para dizer algo que viesse desses “profissionais da violência”, como nos chamam tão amiúde.

É verdade, somos profissionais. Mas nossa profissão é a esperança. Um belo dia decidimos virar soldados para que noutro dia os soldados não sejam mais necessários. Ou seja, escolhemos uma profissão suicida porque é uma profissão cujo objetivo é o de desaparecer: soldados que não são soldados, porque algum dia ninguém mais será soldado. Está claro, não? E parece que esses soldados que não querem mais ser soldados – nós – temos alguma coisa que os livros e os discursos chamam de “patriotismo”. Porque isso que chamamos de pátria não é uma ideia que existe apenas nas cartas e nos livros, mas é um grande corpo de carne e osso, de dor e de sofrimento, de pena, de esperança que tudo mude um belo dia. E a pátria que queremos terá de nascer também dos nossos erros e dos nossos tropeções. Dos nossos corpos nus e despedaçados deverá surgir um mundo novo. Será que o veremos? É importante vê-lo? Acho que isso é tão importante como saber que certamente ele nascerá, e que no longo e doloroso parto da história contribuimos com alguma coisa ou com tudo: vida, corpo e alma. Além de rimarem, amor e dor são irmãos e caminham juntos. Por isso somos os soldados que querem deixar de ser soldados (MARCOS, 1994 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.47-48)⁵⁸.

⁵⁸ “Nuestra profesión: la esperanza. / Ya casi se muere el día, oscuro cuando se viste de noche y viene a nacer el otro día, primero con su negro velo y luego con el gris o el azul, según se le antoje al sol alumbrar o no, polvo y lodo en nuestro camino. Ya casi se muere el día en los brazos nocturnos de los grillos y entonces viene esa idea de escribirte para decirte algo que viene de eso de “profesionales de la violencia” que tanto nos han achacado. / Y resulta que sí, que somos profesionales. Pero nuestra profesión es la esperanza. Nosotros decidimos un buen día hacernos soldados para que un día no sean necesarios los soldados. Es decir, escogimos una profesión suicida porque es una profesión cuyo objetivo es desaparecer: soldados que

Profissionais da esperança. É este o ofício que o Sub afirma praticar o EZLN em oposição à classificação dos sublevados como profissionais da violência feita por Gortari. Ainda que não conhecêssemos a fala do presidente poderíamos inferir que o discurso de Marcos é construído em contraposição a outro discurso realizado anteriormente, pois existe a marca desse outro no texto e, neste caso, ela é bem clara: “tive a ideia de lhe escrever para dizer algo que viesse desses “profissionais da violência”, como nos chamam tão amiúde”. Na tradução para o português o indicativo da frequência com que são chamados de profissionais da violência, “tanto”, é substituído pelo advérbio “amiúde”, o que não muda substancialmente o sentido do texto uma vez que os dois termos indicam que assim os ezelenitas são chamados muitas vezes.

Cansado de ouvir os zapatistas serem chamados de profissionais da violência, Marcos, no intento de rebater a fala do presidente da República, inicia sua carta falando da morte. Para introduzir seu tema dos profissionais da esperança, discorre antes sobre a morte: aquela dos que lutam para que as crianças no futuro não tenham que se calar e a outra que se sucede a cada giro completo da terra em torno de si, o fim do dia. Ao que se afigura, a morte acompanha esses profissionais da esperança o tempo todo, é conhecida, nada estranha, natural; é como se os ezelenitas, esses “profissionais da violência”, estivessem mais prontos para morrer que para fazer morrer. Estariam mais próximos da morte do que os que contra eles combatem. E seria mesmo este o destino destes profissionais da esperança, ora convertidos em soldados que lutam para que não haja mais soldados.

O objetivo é ter assegurada a dignidade, o meio, lutar como soldado deve ser provisório (“porque algum dia ninguém mais será soldado”). É da morte do soldado, e do fim da necessidade de soldados, que, de acordo com Marcos, nascerá o novo. Ao lado da morte do dia e da morte do soldado, há o nascer de um novo dia e o nascer de um novo mundo onde os soldados já não serão mais necessários. Este é um tempo de urgência, um tempo em que civis precisam converter-se em soldados

son soldados para que un día ya nadie tenga que ser soldado. Claro ¿no? Y entonces resulta que estos soldados que quieren dejar de serlo, nosotros, tenemos algo que los libros y discursos llaman “patriotismo”. Porque eso que llamamos patria no es una idea que vaga entre letras y libros, sino el gran cuerpo de carne y hueso, de dolor y sufrimiento, de pena, de esperanza en que todo cambie, al fin, un buen día. Y la patria que queremos habrá de nacer también de nuestros errores y tropiezos. De nuestros despojos y rotos cuerpos habrá de levantarse un mundo nuevo. ¿Lo veremos? ¿Importa si lo veremos? Creo yo que no importa tanto como el saber a ciencia cierta que nacerá y que en largo y doloroso parto de la historia algo y todo pusimos: vida, cuerpo y alma. Amor y dolor, que no sólo riman, sino que se hermanan y juntos marchan. Por esto somos soldados que quieren dejar de ser soldados.”

para acabar com os soldados e gritar, puxar o freio da locomotiva capitalista, como argumenta Michel Löwy (2005) em *Walter Benjamin – Aviso de Incêndio*, ensaio em que analisa 12 teses propostas pelo filósofo frankfurtiano:

A interrupção messiânica/revolucionária do Progresso é, portanto, a resposta de Benjamin às ameaças que fazem pesar sobre a espécie humana a continuação da tempestade maléfica, a iminência de catástrofes novas. Estamos em 1940, poucos meses antes do início da “Solução Final”. Uma imagem profana resume, nas notas preparatórias, essa ideia, invertendo os lugares-comuns da “esquerda progressista”: “Marx havia dito que as revoluções são a locomotiva da história mundial. Mas talvez as coisas se apresentem de maneira completamente diferente. É possível que as revoluções sejam o ato, pela humanidade que viaja nesse trem, de puxar os freios de emergência”. A imagem sugere, implicitamente, que se a humanidade permitir que o trem siga seu caminho – já inteiramente traçado pela estrutura de aço dos trilhos – se nada vier interromper seu curso vertiginoso, vamos rápida e diretamente para o desastre, o choque ou a queda no abismo (LÖWY, 2005, p.93-94).

Seguindo o raciocínio de Löwy (2005) e Walter Benjamin, poderíamos inferir que a luta ezelenita funciona como esse freio de emergência frente ao projeto neoliberal do governo mexicano que se corporifica por meio do NAFTA. O grito zapatista ouvido desde o primeiro dia de janeiro de 1994 pode ser, não uma reduzida luta pela manutenção das leis *ejidais* (o que já seria uma tarefa hercúlea), mas um aviso do incêndio que se alastra ao redor do globo. Esse afã incansável por um progresso que prioriza números em detrimento de vidas humanas.

As teses benjaminianas e sua filosofia acerca da história, como sustenta o autor do ensaio, partem de três fontes distintas. Seriam o romantismo alemão, o messianismo judaico e o marxismo e “não se trata de uma combinação ou ‘síntese’ eclética dessas três perspectivas (aparentemente) incompatíveis, mas da invenção, a partir destas, de uma nova concepção, profundamente original (LÖWY, 2005, p.17)”. Pois bem, para uma sublevação *sui generis* como a ezelenita um pensamento do mesmo modo peculiar para ajudar a entendê-la.

Benjamin afirma em sua segunda tese que a luta revolucionária serviria não só como o referido freio de emergência, mas, também, como forma de compensar e reparar a morte dos que tombaram em lutas anteriores pela emancipação humana. É o que diz o professor Löwy (2005, p.49): “[é] preciso, para que a redenção

aconteça, a reparação – em hebraico, *tikkun* – do sofrimento, da desolação das gerações vencidas, e a realização dos objetivos pelos quais lutaram e não conseguiram alcançar” (itálico do autor).

Essa afirmação é feita para ressaltar que não basta a rememoração do passado para redimi-lo, ao lado da letra e da pesquisa histórica é imperante a luta nos campos de batalha espalhados pelo mundo. E é este *modus operandi* que o EZLN resolveu adotar e que podemos verificar por meio de seus atos e suas cartas:

Mas para que os soldados não sejam mais necessários é preciso virar soldado e disparar uma discreta quantidade de chumbo, chumbo quente, escrevendo liberdade e justiça para todos, não para alguns, mas para todos, todos os mortos de ontem e de amanhã, os vivos de hoje e de sempre, por todos aqueles que chamamos de povo e pátria, os excluídos, os que nasceram para perder, os sem-nome, os sem-rostro (MARCOS, 1994 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.48)⁵⁹.

Quando os infiltrados na selva, juntamente com as comunidades indígenas de Lacandona e seus arredores, escolheram expressar no nome de seu exército de libertação nacional a figura de Emiliano Zapata, certamente o fizeram para que essa luta se apresentasse como continuidade de uma indignação muito mais antiga do que a que agora se apresenta. Nesse gesto que evoca um símbolo fortíssimo no México o EZLN reivindica uma luta que também se valeu de soldados que não eram soldados, os sem-nome e sem-rostro. Entretanto, essa simbologia de resgate do passado e de sua necessária redenção não ficou restrita ao nome da organização. Ela está presente na vestimenta que cobre o rosto dos ezelenitas, nos novos nomes de guerra que substituem os de batismo e nas constantes cartas do Subcomandante Marcos. Isso quer dizer que os zapatistas lutam em um fronte que não se personifica nem busca criar heróis. Ela se assume como a luta dos oprimidos. A mesma que o filósofo alemão Walter Benjamin preconizava necessária como maneira de barrar a destruição do mundo.

⁵⁹ “Pero resulta que, para que ya no sean necesarios los soldados, hay que hacerse soldado y recetar una cantidad discreta de plomo, plomo caliente escribiendo libertad y justicia para todos, no para uno o para unos cuantos, sino para todos, todos, los muertos de antes y de mañana, los vivos de hoy y de siempre, los de todos que llamamos pueblo y patria, los sin nada, los perdedores de siempre antes de mañana, los sin nombre, los sin rostro.”

Outro ponto interessante do discurso ezelenita é a presença do termo, e tema, “pátria” em diversos comunicados. Entretanto, dentro da esquerda não é raro ouvirmos dizer que o operariado não tem pátria pela ideia da internacionalização da luta operária. Seríamos, nós os proletários, todos irmãos. Marcos, em todo caso, não parece se preocupar em falar dessa pátria mexicana que, segundo ele, não é aquela presente nos livros e diz se tratar de uma pátria verdadeira, “de carne e osso”. Ele sabe que, apesar da crítica da esquerda valer-se de um termo tão impactante no imaginário, seja da classe operária seja da classe burguesa, acaba ajudando muito na aglutinação de apoiadores; ainda que, como argumenta Holloway (2003), a questão do patriotismo esteja ligada a processos identitários e aos Estados nacionais:

O Estado, ou melhor dizendo, os Estados nos definem como “cidadãos” e como “não-cidadãos”, proporcionando-nos identidades nacionais no que é um dos aspectos mais diretamente violentos do processo de identificação. Quantos milhões de pessoas foram assassinados no século XX sem outra razão que a de ser definidos como seres nacionais de um Estado particular? Quantos milhões de pessoas cometeram assassinatos pela mesma razão? (HOLLOWAY, 2003, p.115).

Apesar de tal observação, o que verificamos é que no discurso presidencial esse mecanismo identitário parece funcionar nos moldes criticados por Holloway (2003). Quando Salinas fala dos estrangeiros infiltrados na selva é a repulsa pelo estranho que o presidente afigura querer despertar nos compatriotas mexicanos; porém, quando Marcos evoca a pátria, vemos que não é este seu fim, pois aquele que diz lutar por um “mundo onde caibam todos os mundos” em uma frente de “soldados pra que não haja mais soldados” procura exatamente o contrário do que reforçar identidades cegas e desagregadoras.

Para além, se a fala de Marcos e a forma que ele escolheu para apresentá-la se mostram particulares, também diferente é a forma pregada pelo EZLN para que possa haver realmente uma mudança no mundo, que seria transformá-lo sem tomar o poder:

O que falhou é a ideia de que a revolução significa tomar o poder para abolir o poder. O que agora devemos tratar é a ideia muito mais exigente de uma superação direta das relações de poder. A única maneira de se imaginar agora a revolução é como a dissolução do poder, não como sua conquista. A queda da União Soviética não apenas significou a desilusão de milhões de pessoas; também implicou a liberação do pensamento revolucionário, a liberação em relação à identificação da revolução com conquista do poder.

Este é, então, o desafio revolucionário no começo do século XXI: mudar o mundo sem tomar o poder. Este é o desafio que se formulou mais claramente com o levantamento zapatista no sudoeste do México. Os zapatistas afirmaram que querem fazer o mundo de novo, que querem criar um mundo de dignidade, um mundo de humanidade, mas sem tomar o poder (HOLLOWAY, 2003, p.37).

É nessa crítica ao poder do Estado que rumam os ideais zapatistas. O que os diferem de outras guerrilhas é que esta nunca pretendeu tomar o poder estatal para que as mudanças fossem realizadas. E é nesse sentido que o trabalho de John Holloway vem criticando as antigas ações de grupos de esquerda que pretendiam mudar o mundo por meio da tomada do controle do Estado. Holloway e os ezelenitas acreditam que dessa maneira não é possível haver mudanças radicais que durem um longo prazo e que rumem para a destruição do Estado, pois esta instituição é intrínseca ao modelo socioeconômico e político atual e não poderia ser transformada a partir dele mesmo.

3.3 A FLOR DA PALAVRA

Como podemos observar, tendo em mente Althusser (1985) e os Aparelhos Ideológicos de Estado, o discurso zapatista visa responder à fala dos donos do poder e contrapor sua ideologia que se alicerça no modelo capitalista de sociedade, segundo os ezelenitas, um alicerce danoso para a humanidade. Porém, diferente das muitas lutas que se desenrolam neste campo e que Althusser (1985, p.65) toma por base – “[t]oda luta política das classes gira em torno do Estado. Entendamos: em torno da posse, isto é, da tomada e manutenção do poder de Estado por uma certa classe ou por uma aliança de classes ou frações de classes” –, os ezelenitas não miram essa conquista. É importante salientar que a forma de luta pretendida pelo EZLN é recente e não representava à época de *Aparelhos Ideológicos de Estado*, e

não representa hoje, a maior parte das estratégias do antagonismo de classe praticado pela esquerda tradicional.

Não obstante o fim da luta ezelenita não ser aquele defendido por Althusser (1985) como um dos objetivos da luta de classes, o EZLN pode ser um bom exemplo de outra observação importante do filósofo francês e que diz respeito não aos objetivos mas às maneiras de luta:

[...] os Aparelhos Ideológicos do Estado podem não apenas ser os meios mas também o lugar da luta de classes, e frequentemente de formas encarniçadas da luta de classes. A classe (ou aliança de classes) no poder não dita tão facilmente a lei nos AIE como no aparelho (repressivo) do Estado, não somente porque as antigas classes dominantes podem conservar durante muito tempo fortes posições naqueles, mas porque a resistência das classes exploradas pode encontrar o meio e a ocasião de expressar-se neles, utilizando as contradições existentes ou conquistando pela luta posições de combate (ALTHUSSER, 1985, p.71-72).

É o que se passa com as cartas do Subcomandante que acabam impressas em jornais, que flutuam no oceano virtual da internet e que se incorporam à cultura por meio da música e da literatura; mas existe um exemplo mais palpável dessa “forma encarniçada da luta de classes” e da penetração nos Aparelhos Ideológicos de Estado: é a marcha indígena zapatista realizada pelo EZLN, saindo da selva em Chiapas rumo ao parlamento na Cidade do México, capital do país.

Essa viagem se passa pouco tempo depois da posse de Vicente Fox Quesada, primeiro candidato que não fazia parte do PRI de Carlos Salinas de Gortari em mais de 70 anos, integrante do PAN⁶⁰ e que antes da visita zapatista recebera o seguinte comunicado de Marcos: “Senhor Fox, é meu dever informar-lhe que hoje o senhor herdou uma guerra no sudeste mexicano (MARCOS, 2000 apud Brige, M. F.; Di Felice, 2002, p.20)”.

Então, apesar de toda campanha empenhada pelo governo na desmoralização do EZLN e da figura do Subcomandante Marcos, a delegação zapatista conseguiu fazer-se vista e ouvida no Congresso da União, ao que Muñoz (2002) comenta:

⁶⁰ Partido de Ação Nacional

Enquanto os zapatistas falavam, suas palavras chegavam, através da televisão, a milhares de lares. Desta vez não era a promoção turística com imagens de um indígena fazendo seu artesanato, nem uma telenovela onde a indígena aparecia representada na empregada vestida com um elegante uniforme, assinalando a barreira social entre o patrão e o escravo (MUÑOZ, 2002, p. 25).

Portanto, no momento em que a imprensa estatal, que em seu mecanismo de Aparelho Ideológico de Estado deve ter umas engrenagens a mais de Aparelho (repressivo) de Estado em relação a imprensa dita livre, não pode ignorar a presença ezelenita na capital do país e precisa estampar o rosto coberto dos indígenas o mínimo que seja, entendemos que todo aparato estatal seja ele violento ou ideológico possui suas brechas, suas falhas, suas contradições, e pode com o verbo e a ação ser ocupado. Para ilustrar ainda mais o exemplo da marcha chiapaneca, reproduzo abaixo duas fotografias impensáveis até o momento de sua efetuação:



Figura 1 – Delegação zapatista no parlamento mexicano, o Congresso da União.



Figura 2 – Comandante Esther na capa do periódico mexicano *La Jornada* em 29/03/2001

O discurso zapatista, presente nas cartas do Sub, funciona então como reflexo e complemento dessa luta que urge por dignidade, por ouvintes e por respeito. Contudo, assim como Benjamin expressava sua concepção da história de maneira particular, igualmente o faz Marcos ao tratar da luta zapatista com o expediente das cartas embebidas em poesia, literatura e a cosmogonia maia. E é a respeito dessa maneira singular de retratar e discutir a luta ezelenita de Marcos que Armando Bartra, professor e filósofo mexicano, trata em *O cachimbo parlante*, artigo presente em obra organizada por Alejandro Buenrostro Y Arellano e Ariovaldo Umbelino de Oliveira, *Chiapas – Construindo a Esperança*:

Diz o mito tzotzil que o *ladino*⁶¹ “lhe roubou o livro”.

Criado pela cópula de um índio e de uma cadela, o *ladino* se tornou perverso e ao nascer arrancou da comunidade a palavra escrita, o suporte simbólico do saber. Como resultado dessa sordidez originária, chama-se aos índios ignorantes e os *ladinos* se proclamam “homens de razão”.

Porém, no fim do milênio o mito adquire sua devida simetria simbólica quando outro ladino, agora justiceiro e narigudo, devolve “o livro” aos maias de Chiapas. Por sua mediação, desde 1º de janeiro de 1994, a palavra índia navega pela “rede” (BARTRA, 2002, p.109).

⁶¹ Mestiço do estado de Chiapas

O segundo ladino, que brinca com o tamanho do próprio nariz em mais de uma de suas cartas com medo de que esta característica entregasse o homem por trás da balaclava, faz justiça ao devolver a palavra escrita aos indígenas. Porém, Bartra (2002) salienta que essa palavra só pode seguir seu destino porque, além da internet, as armas serviram de alto falante. O filósofo sustenta que esse caminho da palavra foi aberto pelas armas. Destacando trabalhos importantes anteriormente feitos com os indígenas, e pelos indígenas, a respeito de sua literatura, relata que apenas a partir de janeiro de 1994 é que de fato eles se fizeram ouvir. E, o principal responsável por abrir esse caminho seria o Subcomandante Marcos.

Além das armas, decerto foi a maneira que o Sub ladino escolheu para transmitir o universo indígena que ajudou a reverberar essa palavra que parte de uma origem incomum, de um terreno singular. Quando há pouco falávamos do pronunciamento de Carlos Salinas de Gortari, recorriamos a Michel Pêcheux para analisar esse discurso que se constrói sob o ritmo de vida capitalista, mais facilmente observável no ambiente urbano, e que tende a funcionar em espaços estabilizados sem muita margem para interpretação. Pois, seguindo por essa mesma linha de pensamento, se o terreno criativamente infértil do qual parte o discurso do presidente se aproveita da necessidade humana pelo conforto, o ambiente que circunda os ezelenitas se mostra bastante fertilizado pelo que podemos apreender das cartas zapatistas.

Assim, nas profundezas da Selva Lacandona, não fazem sentido o portanotas, as chaves, a agenda. Aqui o calendário tem sua importância, mas ele é guiado pelos astros, pelo volume dos rios e dos ventos e não pelo ponteiro incansável do relógio que parece transformar a vida em uma eterna contagem regressiva:

[...] O Velho Antonio conta que os velhos mais velhos disseram que essa assembleia dos deuses primeiros, os que nasceram o mundo, foi muito tempo antes do ontem, foi no tempo em que ainda não havia tempo. E disseram que nessa assembleia cada um dos deuses primeiros disse sua palavra e todos disseram: 'O pensamento que sinto é diferente do dos outros'. E então os deuses ficaram calados porque perceberam que, quando cada um dizia 'os outros', estava falando de 'outros' diferentes. Ficaram calados durante um momento, e depois os deuses primeiros se deram conta de que já tinham um primeiro acordo e era de que havia 'outros', e que esses 'outros'

eram diferentes de cada um deles. Assim, o primeiro acordo realizado pelos deuses mais primeiros foi reconhecer a diferença e aceitar a existência do outro. E não lhes restava outro remédio, porque todos eles eram deuses, todos primeiros, e tinham que se aceitar porque não havia um que fosse mais ou menos que os outros, mas todos eram diferentes e assim tinham que caminhar [...] Não percebi a que hora o Velho Antonio foi embora. O mar já está dormindo e do toquinho de vela resta apenas uma mancha disforme de parafina. Em cima, o céu começa a diluir sua negritude na luz da manhã...

Esta foi a história que o Velho Antonio me contou quando tentava lhes escrever esta carta. E acho que o mais importante que temos a dizer é isto, que os escutamos, que os reconhecemos, que os respeitamos (MARCOS, 1998 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.236-237)⁶².

Foi desse modo, recorrendo ao Velho Antonio e aos deuses, que Marcos deu uma das respostas ao massacre de Acteal em carta datada da segunda quinzena de janeiro de 1998. Menos de um mês antes, 45 indígenas *tzotziles* foram mortos enquanto rezavam. Entre eles, 16 crianças e 20 mulheres. As investigações apontaram que o massacre fora obra de grupos paramilitares contrários ao Exército Zapatista com ajuda de ex-oficiais das forças de segurança pública. Nessa missiva, o Subcomandante não clama por vingança ou pela justiça do Estado, o que ele faz é agradecer às manifestações de apoio ao EZLN ao redor do mundo e refletir sobre a existência do “outro” com a ajuda do velho pajé que se manifesta incensado pela queima do tabaco.

Em um tempo antes do tempo, os deuses primeiros se reuniram, todos tiveram sua vez de fala e ao final perceberam que cada um pensava de uma forma. E aí, no lugar de uma arenga que definisse qual dos deuses teria o melhor ou o

⁶² “Dice el Viejo Antonio que dijeron los viejos más viejos que esa asamblea de los dioses primeros, los que nacieron el mundo, fue mucho tiempo antes del ayer, que mero fue en el tiempo en que no había todavía tiempo. Y dijeron que en esa asamblea cada uno de los dioses primeros dijo su palabra y todos dijeron: “Mi pensamiento que siento es diferente al de los otros”. Y entonces quedaron callados los dioses porque se dieron cuenta que, cuando cada uno decía “los otros”, estaba hablando de “otros” diferentes. Después de que un rato se estuvieron callados, los dioses primeros se dieron cuenta que ya tenían un primer acuerdo y era que había “otros” y que esos “otros” eran diferentes del uno que era. Así que el primer acuerdo que tuvieron los dioses más primeros fue reconocer la diferencia y aceptar la existencia del otro. Y qué remedio les quedaba si de por sí eran dioses todos, primeros todos, y se tenían que aceptar porque no había uno que fuera más o menos que los otros, sino que eran diferentes y así tenían que caminhar [...] No me dí cuenta a qué hora se fue el Viejo Antonio. La mar duerme ya y del cabito de vela sólo queda una mancha deforme de parafina. Arriba el cielo empieza a diluir su negro en la luz del mañana... / Esa fue la historia que me contó el Viejo Antonio cuando trataba de escribirles esta carta. Y creo que lo más importante que tenemos que decirles es eso, que los escuchamos, que los reconocemos, que los respetamos.”

verdadeiro pensamento, reconheceram a existência do “outro”, do diferente. Então, sendo todos deuses e diversos no pensar, acordaram que a única forma de continuar a caminhada seria aceitando tais divergências, uma vez que todos eram iguais, deuses, e ao mesmo tempo diferentes por seus juízos. Marcos dá sinais de querer dizer que antes do tempo ser contado os deuses, que eram todos distintos, já haviam admitido o diferente; eles, que eram deuses e muito mais poderiam fazer do que concordar. No entanto, os seres humanos, que são extremamente frágeis, ainda patinam na tarefa do respeito ao diverso.

Para discutir questões políticas e fazer ecoar o discurso zapatista, o Subcomandante se serve de um personagem que inspira sabedoria, o Velho Antonio, também descreve o ambiente em que se passou a conversa com o pajé e até dá sinais de seu próprio estado psicológico. O líder ezelenita diz que se esforçava para escrever uma carta com o tema do “outro” e que, no fim das contas, fora o velho quem lhe ditara as palavras: “...veja bem... a escrita é minha, mas a mensagem que fala dos outros vem de outra pessoa... tudo isso que proponho não é uma mera questão de opinião pessoal”. Portanto, valendo-se de recursos literários, Marcos quer passar a impressão de que o discurso presente em sua carta vem de uma fonte muito mais antiga e muito mais sábia que a do guerrilheiro mascarado e está ligado aos deuses, mas lhe foi passado por um homem de carne e osso (e palavras) e que sofre como a humanidade.

Ademais, com essa construção textual que remete ao literário o indígena ganha personalidade nas letras do Sub, ganha nome, família e deixa de ser apenas a imagem da coletividade que sempre vem à mente ocidental quando é feita referência aos indígenas; como bem observa Bartra (2002, p.114):

Antonio não é um personagem próprio da cultura ocidental, colado no “impessoal” mundo indígena. Sem dúvida as comunidades rurais têm na preeminência do coletivo sua condição de sobrevivência dentro de um mundo hostil, mas isso não implica ausência de individualização. A hipótese de que as singularidades humanas são atributos “civilizados”, enquanto o próprio das sociedades agrárias é o comunitário indiferenciado, se parece muito com a noção popular de que todos os “negros”, os “chineses”, os “índios” são iguais. Ocorrência racista que em sua versão sofisticada permitiu a muitos folcloristas decimonônicos – e alguns etnólogos e antropólogos contemporâneos – apresentar somente sob sua assinatura as palavras anônimas dos “informantes”, porta-vozes fantasmais das comunidades “primitivas”.

Marcos, por sua vez, ao contrário do que faziam os folcloristas, etnólogos e antropólogos sugeridos por Bartra (2002), nomeia seu “informante” e despersonaliza a si próprio ao esconder seu rosto e seu verdadeiro nome e ao dizer que “Marcos é gay em São Francisco, negro na África do sul, asiático na Europa”. O discurso do líder ezelenita insinua, pelos detalhes acima apontados, que mais importante que o “eu” é o “outro”, que a luta zapatista se faz, principalmente, para garantir o espaço do “outro”, sem o qual o “eu” não se completa.

Em vista disso, se o discurso governamental cresce em solo pobre, mecanizado e apressado, o discurso zapatista propagado nas cartas do Sub advém de um terreno em que se cultiva no ritmo e no tempo do natural e que não se fecha ao diferente, ao estrangeiro. Marcos, tratando de política por meio de cartas impregnadas de literatura, dá a esse discurso um sentido diferente, novo:

[...] a criatividade implica na ruptura do processo de produção da linguagem, pelo deslocamento das regras, fazendo intervir o diferente, produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua. Irrumpem assim sentidos diferentes (ORLANDI, 2003, p.37).

Orlandi (2003), nesse ponto de *Análise de Discurso*, discute os limites entre o mesmo e o diferente nas construções discursivas e aí considera que a linguagem funciona na tensão entre a paráfrase e a polissemia. A primeira diz respeito à memória, ao que se mantém do antigo, do já dado, do sedimentado nos discursos; já a polissemia se liga ao deslocamento e a ruptura de processos de significação. Então, como podemos ver, faz todo sentido dizer que a discursividade ezelenita se constrói, principalmente, a partir de processos polissêmicos. Por exemplo, quando Marcos opta pela carta e pela literatura como forma de divulgar a luta zapatista.

Ao fazer uso da ficção e ao invocar personagens para discutir a questão do respeito ao diferente em um comunicado político, Marcos desloca o sentido comum que teria um pronunciamento dessa natureza considerado quase sempre como maçante. Agindo assim, as chances de alcançar o interlocutor, ainda que seja apenas pelo ineditismo da forma e pelo estranhamento, se multiplicam.

Nessa tarefa de alcançar e conquistar a atenção do interlocutor, se vale apelar para o estranhamento vale também recorrer à sensação de intimidade que existe ou que se simula entre remetente e destinatário, e aquela atmosfera de

sinceridade transmitida pelas escritas confessionais da qual tratamos anteriormente se torna parte importante do discurso. E, para reforçar a importância do destino das cartas, do interlocutor, para o Subcomandante, ele declara na mesma missiva acerca dos “outros” quem de fato seria seu leitor:

Nosso interlocutor não é o governo mexicano. Esse, como dissemos, não escuta mais. Nossos interlocutores são vocês, os milhares e milhares de pessoas que no México e no mundo querem e buscam o fim de um sistema de opressão que não passa de uma guerra contra a humanidade.

Os milhares e milhares que, opondo-se à guerra em Chiapas, opõem-se à morte no México e no resto do mundo [...] (MARCOS, 1998 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.234)⁶³.

Podemos inferir que Marcos, ao nomear o seu interlocutor para além do destinatário descrito no início das cartas, cria uma espécie de comunidade de leitores/ouvintes, a “comunidade dos que buscam o fim dos sistemas de opressão”, e a ela diretamente se dirige. E dizemos “leitores/ouvintes” porque o leitor de cartas ao mesmo tempo que descodifica a mensagem com os olhos ouve o remetente a lhe contar tudo ali, ao pé do ouvido. Então eu, o integrante da “comunidade dos que buscam o fim dos sistemas de opressão”, vejo e ouço o Subcomandante a poucos centímetros de distância, cercado pela penumbra da floresta torcendo para que o pedacinho de vela que ainda resta seja suficiente para terminar a carta e, nesse ínterim, também o escuto sussurrar as palavras que a mim foram destinadas. Cria-se assim um laço afetivo que contribui com essa tarefa epistolar: “Apesar de toda dificuldade Marcos escreve para mim. Ele é meu amigo. Não há porque questionar a sinceridade de suas palavras”.

Contudo, como sabemos, esses laços afetivos somente são estabelecidos quando a verdade faz parte da relação. E não importa se essa verdade é a transposição exata do mundo referencial para o papel, pois o que se considera como essencial nessa conexão entre remetente e destinatário é a impressão de sinceridade alcançada ou não por quem escreve a carta, este suporte que facilita a criação de tal atmosfera:

⁶³ “Nuestro interlocutor no es el gobierno mexicano. Ese, como dijimos, ya no escucha. Nuestros interlocutores son ustedes, los miles y miles de personas que en México y en el mundo quieren y buscan el fin de un sistema de opresión que no es más que una guerra en contra de la humanidad. / Los miles y miles que, oponiéndose a la guerra en Chiapas, se oponen a la muerte en México y en el resto del mundo...”

[...] a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua” verdade. Ou seja, toda essa documentação de “produção do eu” é entendida como marcada pela busca de um “efeito de verdade” [...] que se exprime pela primeira pessoa do singular e que traduz a intenção de revelar dimensões “íntimas e profundas” do indivíduo que assume sua autoria. Um tipo de texto em que a narrativa se faz de forma introspectiva, de maneira que nessa subjetividade se possa assentar sua autoridade, sua legitimidade como “prova”. Assim, a autenticidade da escrita de si torna-se inseparável de sua sinceridade e de sua singularidade (GOMES, 2004, p.14-15).

Angela de Castro Gomes (2004), no excerto acima reproduzido, discute as propriedades das escritas assumidamente confeccionadas a partir do ponto de vista pessoal e nesse trecho corrobora a ideia de um vínculo afetivo pretendido pelo autor em relação ao seu interlocutor. A palavra do remetente nas cartas é a prova de que precisa o destinatário para conhecer a verdade. Desse modo, o remetente Marcos não envia outra mensagem em suas cartas que senão uma mensagem verdadeira, sincera, legítima; e nessas palavras verdadeiras, sinceras, o discurso ezelenita é transportado juntamente com as ideologias que o compõe. Porque a luta pela dignidade empreendida pelos zapatistas se faz pela conquista da garantia do direito a terra mas só se fixa no contínuo do tempo pela filiação ideológica.

Todavia, essa filiação desejada pelo EZLN não se destina ao fim pelo qual Althusser (1985, p.65) atribui a luta de classes política – “[...] o poder de Estado (manutenção ou tomada do poder de Estado), objetivo da luta de classes política [...]” – e que acaba se convertendo no objetivo da luta de classes de uma maneira geral, de acordo com Holloway (2003).

A luta e a esperança ezelenitas para e pela mudança do mundo não passam, portanto, pela conquista do poder de Estado. De acordo com Marcos é necessário que as lutas anticapitalistas e contra o neoliberalismo, designações mais fiéis do empreendimento zapatista do que a de uma luta comunista, se esforcem para dissolver o poder sem servir-se dele. É o que defende Holloway (2003) tendo como base revoluções até mesmo mais internacionalistas:

A ideia de mudar a sociedade por meio do Estado repousa no conceito de que o Estado é, ou deveria ser, soberano. A soberania estatal é um pré-requisito para se mudar a sociedade por meio do Estado, de tal forma que a luta pela mudança social se transforma na

luta pela defesa do Estado, de forma tal que a luta contra o capital, então, se converte em uma luta antiimperialista contra a dominação dos estrangeiros, em que se mistura o nacionalismo com o anticapitalismo. Confunde-se autodeterminação com soberania, quando de fato a própria existência do Estado como forma das relações sociais é a própria antítese da autodeterminação. (HOLLOWAY, 2003, p. 30-31).

Ocorre que se a estratégia de mudar o mundo sem tomar o poder já é difícil de ser concebida no mundo das ideias, na prática o Subcomandante sabe que a tarefa é ainda mais complicada, mesmo que o “mandar obedecendo” seja um dos motes da organização ezelenita: “O mandar obedecendo é uma tendência que continua topando com as paredes que nós mesmos levantamos (21/08/2004) (tradução nossa)⁶⁴”.

Apesar de todas as dificuldades, Marcos sabe que não há outro caminho que não seja um novo caminho e a fala da carta dos profissionais da esperança serve como complemento: “[...] a pátria que queremos terá de nascer também dos nossos erros e dos nossos tropeços [...] Será que o veremos? É importante vê-lo? Acho que isso é tão importante como saber que certamente ele nascerá⁶⁵ [...] (MARCOS, 1994 apud DI FELICE; MUÑOZ, 1998, p.47-48)”. Pois, o que afirma continuamente o discurso zapatista é que é melhor morrer sendo um homem digno que viver como um cão para depois morrer “como um cão!”. Eles não querem o mesmo fim de Joseph K. Não!

⁶⁴ “El “mandar obedeciendo” es una tendencia que continúa topando con las paredes que nosotros mismos levantamos.”

⁶⁵ “[...] la patria que queremos habrá de nacer también de nuestros errores y tropiezos [...] ¿Lo veremos? ¿Importa si lo veremos? Creo yo que no importa tanto como el saber a ciencia cierta que nacerá [...]”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“No lo extrañarán las niñas y niños que antes se juntaban para
escuchar sus cuentos, pues ya son grandes, ya tienen juicio, ya
luchan como el que
más por la libertad, la democracia y la justicia,
que son la tarea de cualquier zapatista.
El gato-perro, y no un cisne, entonará ahora
el canto de despedida...”
Entre la luz y la sombra, Subcomandante Marcos*

Ao final desta trajetória de pesquisa, é importante salientar que as cartas do EZNL são materiais prolíficos de estudo no sentido de fazer borrar as fronteiras, ressaltando justamente os pontos de encontro, as convergências de inúmeras disposições/áreas comumente vistas em separado: as imbricações entre literatura e política, realidade e ficção, carta (geralmente destinada a alguém íntimo) e jornalismo, autor e porta-voz de uma coletividade, são exemplos disso.

Esse aspecto característico exigiu, desde as análises do gênero epistolar feitas no primeiro capítulo, passando pela descrição mais atenta da estrutura narrativa das cartas – em que se ressaltou os aspectos ligados ao tempo, espaço, personagens e narrador – até o estudo do discurso presente nelas, uma perspectiva de pesquisa aberta e consciente ao espaço de fronteiras “confundidas” no qual se encontra a produção epistolar do movimento zapatista.

De modo geral, é notável uma forma de escrita que – a partir de seus arranjos internos e lógicas narrativas – subverte aspectos padrões do gênero epistolar. O uso da ficção e criação de personagens nas cartas, a assinatura de um autor anônimo que reivindica o falar em nome de uma comunidade, a experimentação de artifícios narrativos, por ex., no que diz respeito ao tempo e ao espaço a fim de asseverar tanto a visão de mundo/representação indígena comunitária, como a luta e a reivindicação política do movimento, são maneiras de não apenas subverter o gênero epistolar, conferindo-lhe outros arranjos e intenções, como também de reforçar “para si” e “para o outro” (os seus potenciais leitores mundo afora) a defesa da imaginação contra um mundo cada vez mais racionalizado.

Dessa forma, contar do cotidiano dos zapatistas, atrelando o discurso à ficção – conjugando subjetivação e objetivação – é uma maneira de, além da busca do movimento de se salvar ao perigo iminente, conquistar leitores/ouvintes através de uma construção textual que também soa didática em diversos momentos.

Por fim, cito o dia 21 de dezembro de 2012, sobre o qual se propagou o fim do mundo baseado em uma interpretação do calendário maia, em que a força da palavra, tão presente no movimento zapatista, foi expressada em um retumbante silêncio. Nesse dia, milhares de indígenas zapatistas deixaram as profundezas da selva chiapaneca e em marcha silenciosa tomaram as ruas de Ocosingo, San Cristóbal de Las Casas, Palenque, Altamirano e Las Margaritas. Ao menos 40 mil ezelenitas ocuparam as praças centrais dessas cidades e dos palanques montados por eles não se ouviu palavra alguma: apenas se viu os punhos erguidos de todos os participantes da caminhada.

Em seguida, é divulgado o comunicado reproduzido na sequência e, diferente daqueles que estávamos acostumados, este, se não faz coro com o silêncio da marcha, se abrevia em poucas palavras acerca do fim do mundo: “Escutaram? É o som do seu mundo caindo. E o do nosso ressurgindo. O dia que foi o dia, era noite. E noite será o dia que será o dia [...]”⁶⁶. Dessa vez, quase dezenove anos depois, não há armas, não há sangue, não há discurso eloquente nem líder algum em destaque.

Enquanto inúmeras pessoas ao redor do planeta se perguntavam a respeito do fim do mundo, os próprios profetas levam a cabo o apocalipse e, se o verbo criou tudo, o silêncio se torna trombeta que anuncia o fim. A carta do Subcomandante Marcos, dessa vez endereçada “a quien corresponda”, interroga se o silêncio que acompanha o cataclismo fez-se ouvir pelos condenados que não tem outra opção a não ser a resignação.

Aos que se perguntavam como estariam os ezelenitas e aos que afirmavam o fim certo do EZLN, a mensagem de que não estão mortos e são muitos, ao contrário do que se imaginava. O fim do mundo proclamado pelos maias chega então, nas palavras do Subcomandante Marcos, não como o término de tudo que existe mas como uma inversão do que vem acontecendo até o momento.

⁶⁶ <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2012/12/21/comunicado-del-comite-clandestino-revolucionario-indigena-comandancia-general-del-ejercito-zapatista-de-liberacion-nacional-del-21-de-diciembre-del-2012/>

COMUNICADO DEL COMITÉ CLANDESTINO REVOLUCIONARIO INDÍGENA-
COMANDANCIA GENERAL DEL EJÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL.
MÉXICO.

21 DE DICIEMBRE DEL 2012.

A QUIEN CORRESPONDA:

¿ESCUCHARON?

Es el sonido de su mundo derrumbándose.

Es el del nuestro resurgiendo.

El día que fue el día, era noche.

Y noche será el día que será el día.

¡DEMOCRACIA!

¡LIBERTAD!

¡JUSTICIA!

Desde las montañas del Sureste Mexicano.
Por el Comité Clandestino Revolucionario Indígena-Comandancia General del

EZLN.
Subcomandante Insurgente Marcos
Subcomandante Insurgente Marcos.
México, Diciembre del 2012.

Figura 3 – Comunicado original de 21 de dezembro de 2012

A mensagem zapatista, como podemos observar, continua a provocar tanto nos termos da política quanto na forma que embala o discurso presente nela. O que até o momento era considerado dia, para os ezelenitas não era nada além da noite, da escuridão, um ambiente de passos muito incertos e tropeços constantes. O fim do mundo trará a luz e o dia que era visto como noite pela ganância desenfreada poderá finalmente florescer.

Marcos inicia seu discurso fazendo uma pergunta, antes de realizar qualquer afirmação. Ele brinca com seu interlocutor inquirindo se este conseguira ou não ouvir o silêncio da morte que teve auxílio dos sem-nome e sem-rosto de Chiapas, os profissionais da esperança como se autoproclamam. É como se aqueles que muito tempo atrás visualizaram o fim dos tempos se incumbissem agora de pô-lo a termo e o messias tivesse a pela morena constantemente castigada por uma vida de privações. Tal imagem, bem diferente daquela tradicional figura cristã exemplo de candidez, pureza e leveza, leva a crer que o ideário zapatista prima para que a luta

do oprimido, com o conseqüente fim de seu sofrimento, seja resultado de seu próprio esforço e não uma dádiva oferecida por quem oprime.

Além disso, o mundo pretendido pelos ezelenitas lá em 1994 é o mesmo mundo que será construído após a derrocada do atual. Este se baseará em democracia, liberdade e justiça, como o comunicado não deixa esquecer e as atitudes dos sublevados têm demonstrado ao longo dos anos; sendo um bom exemplo de que a palavra zapatista não é demagoga a constatação de que, diferente de outros movimentos rebeldes, o ezelenismo não promoveu uma vida de riquezas para seus líderes, como vimos e vemos acontecer em diferentes momentos da história.

Para uma marcha silenciosa, um comunicado lacônico para quem couber a mensagem, não apenas para quem interessar. A notícia do fim se dirige principalmente para aqueles que perecerão com ele, à guisa de “para vocês que zombam de nossa luta e dos nossos objetivos temos poucas palavras... apenas um aviso de que o seu tempo acabou e o nosso está chegando”. Porém, se a comunicação principal que fora veiculada nos jornais termina aí, a página virtual do Exército Zapatista de Libertação Nacional disponibilizou uma *posdata* que complementa o discurso e esse sim, provavelmente, voltado aos que comungam da esperança zapatista: um áudio com a canção *Como la cigarra*, de María Elena Walsh, interpretada por Mercedes Sosa, Víctor Heredia e León Gieco.

Tratando de força, persistência, luta, morte e renascimento a canção diz o seguinte: “Tantas vezes me mataram, tantas vezes morri, no entanto estou aqui ressuscitando [...] Cantando ao sol, como a cigarra, depois de um ano debaixo da terra, igual a um sobrevivente que volta da guerra”. É como um convite para que os herdeiros e forjadores do novo mundo cantem, se regozijem, mas não se esqueçam da dor enfrentada para chegar até ali; e a mesma boca que decreta a palavra do fim canta o hino da nova gênese.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. **América Latina**: transnacionalização e lutas sociais no alvorecer do século XXI – da luta armada como política (o caso EZLN). Vitória da Conquista – BA: Edições UESB, 2010.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ANGELIDES, Sophia. **A. P. Tchekhov**: cartas para uma poética. São Paulo: EDUSP, 1995.

BARTRA, Armando. O cachimbo parlante. In: **Chiapas**: construindo a esperança. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002, p. 109-114.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1998.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Teorias do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BRIGE, M. F.; DI FELICE, M. **Votán-Zapata**: a marcha indígena e a sublevação temporária. São Paulo: Xamã, 2002.

CANDIDO, Antonio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DI FELICE, Massimo; MUÑOZ, Cristobal (org.). **A revolução invencível**: cartas e comunicados: Subcomandante Marcos e o Exército Zapatista de Libertação Nacional. São Paulo: Boitempo, 1998.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.

EIKHENBAUM, Boris. A teoria do Método Formal. In: **Teoria da literatura**: formalistas russos. Porto Alegre: Globo, 1970, p. 3-38

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**: ensaio de método. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Ed. Arcádia, 1979.

GENNARI, Emilio. **EZLN**: passos de uma rebeldia. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005

GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si. Escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. **Contrapontos**: notas sobre correspondência no modernismo. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

HOLLOWAY, John. **Mudar o mundo sem tomar o poder**: o significado da revolução hoje. São Paulo: Editora Viramundo, 2003.

LÖWY, Michel. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARCOS, Subcomandante; TAIBO II, Paco Ignacio. **Mortos incômodos** (falta o que falta). Trad. Magda Lopes. São Paulo: Planeta, 2006.

MONTEMAYOR, Carlos A. **Chiapas**: la rebelión indígena de México. México: Editorial Planeta Mexicana S.A., 1997.

MORAES, Marcos Antonio de. **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. Org. Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: EDUSP, 2001.

MORAES, Marcos Antonio de. **Me escreva tão logo possa**. Org. Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Moderna, 2005.

MUÑOZ, Cristóbal. A marcha zapatista. In: **Votán-Zapata**: a marcha indígena e a sublevação temporária. São Paulo: Xamã, 2002, p. 15-28.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas – SP: Editora Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas – SP: Editora Pontes, 2008.

SARAMAGO, José. Prefácio. In: **Don Durito de la Lacandona**. México: Ediciones y Gráficos Eón, 1999.

EXÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL – EZLN. México. Disponível em: < <http://palabra.ezln.org.mx/>>. Acessado em: 28. maio. 2017.

ANEXOS

ANEXO A

Primeira Declaração da Selva Lacandona

Ao povo do México

Somos produto de 500 anos de luta: primeiro contra a escravidão, na guerra de Independência contra a Espanha encabeçada pelos insurgentes; depois para evitar sermos absorvidos pelo expansionismo norte-americano; em seguida, para promulgar nossa Constituição e expulsar o Império Francês de nosso solo; depois, a ditadura porfirista nos negou a aplicação justa das leis da Reforma e o povo se rebelou criando seus próprios líderes; assim surgiram Villa e Zapata, homens pobres como nós, a quem se negou a preparação mais elementar, para assim utilizar-nos como bucha de canhão e saquear as riquezas de nossa pátria, sem importar que estejamos morrendo de fome e enfermidades curáveis, sem importar que não tenhamos nada, absolutamente nada, nem um teto digno, nem terra, nem trabalho, nem saúde, nem alimentação, nem educação, se tem direito a exigir livre e democraticamente nossas autoridades, sem independência dos estrangeiros, sem paz nem justiça para nós e nossos filhos.

Porém nós hoje dizemos: BASTA!, somos os herdeiros dos verdadeiros forjadores de nossa nacionalidade, os despossuídos somos milhões e chamamos a todos nossos irmãos para que somem a este chamado como o único caminho para não morrer de fome ante a ambição insaciável de uma ditadura de mais de setenta anos, encabeçada por uma camarilha de traidores que representam os grupos mais conservadores e vende-pátrias. São os mesmos que se opuseram a Hidalgo e Morelos, os que traíram Vicente Guerrero, são os mesmos que venderam mais da metade de nosso solo ao invasor estrangeiro, são os mesmos que trouxeram um príncipe europeu para nos governar, são os mesmos que formaram a ditadura dos científicos porfiristas, são os mesmos que se opuseram a expropriação petroleira, são os mesmos que massacraram os trabalhadores ferroviários em 1958 e aos estudantes em 1968, são os mesmos que hoje nos tiram tudo, absolutamente tudo.

Para evitá-lo, e como nossa última esperança, depois de ter tentado tudo para pôr em prática a legalidade baseada em nossa Carta Magna, recorreremos a ela, nossa Constituição, para aplicar o Artigo 39, que diz:

A soberania nacional reside essencial e originalmente no povo. Todo poder público emana do povo e se institui em benefício dele. O povo tem, todo o tempo, o inalienável direito de alterar ou modificar a forma de seu governo.

Portanto, de acordo com nossa Constituição, emitimos a presente *declaração de guerra* ao exército federal mexicano, pilar básico da ditadura que padecemos, monopolizada pelo partido no poder e encabeçada pelo executivo federal que hoje tem Carlos Salinas de Gortari como seu chefe máximo e ilegítimo.

Em conformidade como esta declaração de guerra pedimos aos outros poderes da Nação que restaurem a legalidade e a estabilidade da Nação, depondo o ditador.

Também pedimos aos organismos internacionais e à Cruz Vermelha Internacional que vigiem e regulem os combates que nossas forças travam, protegendo a população civil, pois nós declaramos agora e sempre que estamos sujeitos ao estipulado pelas Leis sobre a Guerra da Convenção de Genebra, constituindo o EZLN como força beligerante de nossa luta de libertação. Temos o povo mexicano do nosso lado, temos Pátria e a bandeira tricolor é amada e respeitada pelos combatentes insurgentes; utilizamos as cores vermelho e negro em nosso uniforme, símbolos do povo trabalhador em suas lutas de greve; nossa bandeira leva as letras EZLN, de Exército Zapatista de Libertação Nacional, e com ela iremos aos combates sempre.

Rechaçamos de antemão qualquer intento de desvirtuar a justa causa de nossa luta, acusando-a de narcotráfico, narcoguerrilha, bandidagem ou outro qualificativo que possam usar nossos inimigos. Nossa luta se apega ao direito constitucional e é motivada pela justiça e pela igualdade.

Portanto, e conforme esta declaração de guerra, damos às forças militares do EZLN as seguintes ordens:

Primeiro: Avançar em direção à capital do país vencendo o exército federal mexicano, protegendo em seu avanço libertador a população civil e permitindo aos povos libertados eleger, livre e democraticamente, suas próprias autoridades administrativas.

Segundo: Respeitar a vida dos prisioneiros e entregar os feridos à Cruz Vermelha Internacional.

Terceiro: Iniciar julgamentos sumários de soldados do exército federal mexicano e da polícia política que tenham recebido cursos e que tenham sido assessorados, treinados, ou pagos por estrangeiros, seja dentro da nossa nação seja fora dela, acusados de traição à Pátria, e de todos aqueles que roubem ou atentem contra os bens do povo.

Quarto: Formar novas filas com todos aqueles mexicanos que manifestem somar-se à nossa justa luta, incluídos aqueles que, sendo soldados inimigos, se entreguem às nossas forças em combater e jurem responder às ordens deste Comando Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional.

Quinto: Pedir a rendição incondicional dos quartéis inimigos antes de travar os combates.

Sexto: Suspender o saque de nossas riquezas naturais nos lugares controlados pelo EZLN.

Povo do México: Nós, homens e mulheres íntegros e livres, estamos conscientes de que a guerra que declaramos é uma medida extrema porém justa. Os ditadores estão aplicando há muitos anos uma guerra genocida não declarada contra nossos povos. Por isso pedimos sua participação decidida, apoiando este plano do povo mexicano que luta por trabalho, terra, teto, alimentação, saúde,

educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz. Declaramos a intenção de não deixar de lutar até conseguirmos o cumprimento destas demandas básicas de nosso povo, formando um governo livre e democrático em nosso país.

Integre-se às forças insurgentes do Exército Zapatista de Libertação Nacional.

Comando Geral do EZLN

01/01/1994

ANEXO B

Para que os Soldados não Sejam mais Necessários

Ao menino Miguel A. Vazquez Valtierra
La Paz, Bassa California, Sul do México

Miguel,

Sua mãe me entregou a carta com a foto em que você está com o cachorro. Aproveito a viagem de sua mãe para lhe escrever essas linhas apressadas, que talvez você ainda não compreenda. Mas tenho a certeza que um dia, como este em que estou escrevendo, você entenderá que é possível existirem homens e mulheres como nós, sem rosto e sem nome, que abandonam tudo, até mesmo a própria vida, para que outras crianças (como você e não como você) possam se levantar todos os dias sem ter de calar a boca, e sem máscaras para enfrentar o mundo. Quando chegar esse dia, nós, os sem-rosto e sem-nome, finalmente poderemos repousar embaixo da terra... bem mortos, claro, mas contentes.

A nossa profissão é a esperança.

O dia já está morrendo, fica escuro quando se veste de noite, e o novo dia está prestes a nascer, primeiro com seu véu negro e depois com o cinzento ou azul, e tudo isso depende de o sol estar ou não com vontade de iluminar o pó e a lama em nosso caminho. O dia já está morrendo entre os braços noturnos dos grilos e então tive a ideia de lhe escrever para dizer algo que viesse desses “profissionais da violência”, como nos chamam tão amiúde.

É verdade, somos profissionais. Mas nossa profissão é a esperança. Um belo dia decidimos virar soldados para que noutro dia os soldados não sejam mais necessários. Ou seja, escolhemos uma profissão suicida porque é uma profissão cujo objetivo é o de desaparecer: soldados que não são soldados, porque algum dia ninguém mais será soldado. Está claro, não? E parece que esses soldados que não querem mais ser soldados – nós – temos alguma coisa que os livros e os discursos chamam de “patriotismo”. Porque isso que chamamos de pátria não é uma ideia que existe apenas nas cartas e nos livros, mas é um grande corpo de carne e osso, de dor e de sofrimento, de pena, de esperança que tudo mude um belo dia. E a pátria que queremos terá de nascer também dos nossos erros e dos nossos tropeços. Será que o veremos? É importante vê-lo? Acho que isso é tão importante como saber que certamente ele nascerá, e que no longo e doloroso parto da história contribuimos com alguma coisa ou com tudo: vida, corpo e alma. Além de rimarem, amor e dor são irmãos e caminham juntos. Por isso somos os soldados que querem deixar de ser soldados. Mas para que os soldados não sejam mais necessários é preciso virar soldado e disparar uma discreta quantidade de chumbo, chumbo quente, escrevendo liberdade e justiça para todos, não para alguns, mas para todos, todos os mortos de ontem e de amanhã, os vivos de hoje e de sempre, por todos

aqueles que chamamos de povo e pátria, os excluídos, os que nasceram para perder, os sem-nome, os sem-rostos.

É muito simples ser um soldado que quer que os soldados não existam mais; basta responder com firmeza ao pedacinho de esperança que os outros – aqueles que não têm nada, aqueles que terão tudo – depositam em cada um de nós. Por eles e por aqueles que partiram durante a caminhada, por esta ou aquela razão, todas injustas. Por eles devemos tentar mudar e melhorar um pouco cada dia, cada tarde, cada noite de chuva e grilos. Acumular ódio e amor com paciência. Cultivar a soberba árvore do ódio pelo opressor junto com o amor que combate e liberta. Cultivar a imponente árvore do amor que é vento que limpa e cura, não o amor pequeno e egoísta, mas o grande, o que melhora e faz crescer. Cultivar entre nós a árvore do ódio e do amor, a árvore do dever. E nesta tarefa repor toda a vida, corpo e alma, coragem e esperança.

Crescer, crescer e crescer, passo a passo, degrau por degrau. E neste sobe e desce de estrelas vermelhas, ter medo apenas de se render, de sentar em uma cadeira enquanto os outros continuam batalhando, de retomar fôlego enquanto outros lutam, de dormir enquanto outros velam.

É preciso abandonar o amor pela morte e a fascinação pelo martírio. O revolucionário ama a vida, sem temer a morte, e tenta fazer com que a vida seja digna para todos, e se tiver que pagar com a morte, o fará sem dramas nem vacilações.

Receba o meu mais forte abraço e esta dor terna que sempre será esperança.
Adeus, Miguel.

Das montanhas do sudeste mexicano,

Subcomandante rebelde Marcos

P.S. Aqui vivemos pior que os cães. Tivemos que escolher viver como animais ou morrer como homens dignos. A dignidade, Miguel, é a única coisa que não se deve perder jamais... jamais.

ANEXO C

Hoje não Escrevo um Comunicado, Escrevo Somente...

Uma nave poderosa: Aguascalientes

Hoje não haverá comunicado, escrevo somente para que não se sintam sozinhos, vocês que não quiseram ou não puderam participar do delírio neozapatista: a Convenção Nacional Democrática. No pós-escrito está a “pura verdade” sobre Aguascalientes (vejamos se, com a minha “confissão”, Prigione entende a alusão).

Tudo bem. Saúde e cuidado ao atravessar a estrada (uma passarela para pedestres interestadual não viria mal, e certamente custaria bem menos que as privatizações).

Das montanhas do sudeste mexicano,

Subcomandante rebelde Marcos

P.S. Proposta para *Rayuela*: Colocar cartazes em Aguascalientes, Chiapas: “Passagem proibida aos TIR”.

P.S. Promissórias políticas vencidas. Quase todos os partidos e as organizações políticas, grandes e pequenas, de todo o confuso leque da esquerda mexicana, em diversas épocas, declaram-nos com todas as letras que eles sim é que conseguiram apoio, especificando épocas e lugares, quantidade e qualidade.

Querem receber créditos pela manifestação de 12 de janeiro e por todas as suas diversas encenações públicas. Querem nosso apoio para seus diversos ajustes de contas internos em troca da ajuda que nos deram. Não devemos absolutamente nada a ninguém. Começamos sozinhos, combatemos sozinhos, morremos sozinhos; foi nosso sangue, e não o deles, que começou tudo em 1994.

Quase todos os sem-partido e os não-organizados, grandes e pequenos, do confuso leque da sociedade civil mexicana, em diversas épocas, vieram nos dizer claramente que não devemos nada a eles, que eles nos devem tudo, que não estamos sós, e nos perguntavam se precisávamos de mais alguma coisa. A eles devemos tudo, por eles começamos, por eles temos combatido, por eles temos morrido; foi o nosso sangue, e o deles, que começou tudo em 1994.

Com eles, com aqueles que tudo dão e não pretendem nada, com quem está insatisfeito porque acha que está fazendo pouco ou nada, com a maioria, com eles queremos falar. Para eles é a Convenção, na Convenção vamos apoiá-los, não aos dirigentes dos partidos e das organizações políticas, grandes e pequenas, não aos que reclamam pelo débito que, dizem, temos para com eles. Com os desorganizados, com os sem rosto, como nós, com os sem nome, como nós, e os

marginalizados, porque não têm um partido nem um projeto político “histórico” do lado deles. A partir de hoje a história deverá levá-los em conta, deverá nos levar em conta...

P.S. onde se narra aquilo que realmente há por trás de *Aguascalientes*. A noite já partiu atrás dos últimos jornalistas que, com a ameaça dos acessos minados, vão embora com as suas “exclusivas” e outros panos quentes sobre o assunto. Quando ficam sozinhos, o sub faz um sinal, oculto pela sombra do boné. Todos começam a se agitar, em um movimento só aparentemente caótico. Todos, inclusive o sub, tiram o capuz do rosto. Aparece uma multidão de turvos marinheiros. O sub agora deixa ver uma vistosa venda negra sobre o olho direito e começa a mancar visivelmente com sua perna de pau. No coto esquerdo, onde deveria haver uma mão, há um gancho que reluz com o reflexo dos relâmpagos de agosto. Outro sinal, e o gigantesco telão mostra o que “Aguascalientes” esconde no ventre inchado e atravessado por bancos e cavaletes. Na verdade, o telão é uma vela, os bancos são remos, a colina é uma potente nave, a tribuna é a ponte de comando. A proa está voltada para o poente, da escadinha de estibordo fazem sair canhões e barris de pólvora, da de bombordo sobem marinheiros cheios de tatuagens nos braços e nos rostos descobertos. “Aguascalientes” se acorda, se revela. É um navio pirata, o único, o melhor. Já tremula a bandeira com a terrível caveira entre as duas tíbias. Inicia a navegação noturna, até o dia seguinte. Parece fugir do sol, esta absurda nave. Por isso aponta obsessivamente para o ocidente. O ex-sub agora murmura:

“Já vem da noite o mar, já o vento vem. Já se cumpre o ciclo da maldição, recomeça o nosso navegar. O vento quer deixar o sinal de sua fúria e começa a sacudir minha nave como se sacode o desejo do marinheiro diante de uma presença feminina. A desordem começa a se apossar de homens e demônios, ninguém se ocupa do leme, ninguém está ligando para a rota ou a direção. Esta nave atravessou mares de todo tipo e condição, a sua vela foi acariciada por ventos de origens diversas, naufragou em todas as ilhas e seu emblema ameaçador conquistou todos os portos. Por que deveria nos preocupar este furacão do sul? É preciso pôr ordem no convés, ordeno jogar os timoneiros aos tubarões. Ninguém me escuta. Degolo o marinheiro mais à mão: A nave vai à deriva, estamos prestes a acabar sob as mil pontas de uma barreira de coral do Peloponeso. Apanho o leme com o gancho, a nave continua a soçobrar, sem ainda se decidir a ceder aos ásperos e mortais beijos do coral. Finalmente, a nave parece endireitar a rota e voltar à baía da qual meu desespero nos afastou hoje de madrugada. Aos poucos a ordem retorna ao convés, todos os meus marinheiros olham fixamente para o sabre que minha única mão empunha, o sabre que não é um sabre, mas uma espada velha chegada às minhas mãos depois de um duro e desigual duelo contra um certo cavaleiro dos espelhos. Quando? Quando a desventura me obrigou a caminhar por terras cavalheirescas, e o meu desespero, hoje nave altiva e bucaneira, era uma cavalgada de frágeis e evidentes ossos.

Agora sou um pirata... um pirata é uma ternura que explode altiva, é justiça incompreendida, é um amor desconsolado, triste lutar e solidão partilhada, é um

navegar sem um porto, é perene tormenta, é beijo roubado, é posse sempre insatisfeita, é não ter repouso.

Almirantes de diversos lugares deram um preço ao meu ser sem rosto. Querem minha nobre cabeleira, meu único olho e a careta que possuo no lugar dos lábios, minha cabeça separada do pescoço, como troféu para suas suntuosas mesas adornadas. “Peguem-no!”, gritam histéricos. “É um transgressor das leis!”, vociferam as boas e terrestres consciências. “Matem-no!”, ordenam os grandes senhores de múltiplos palácios. “É um profissional da violência!”, murmuram nas cloacas ratos de todas as espécies. “É mau! É cruel! É um criminoso traiçoeiro! Que venha a paz! Sim, que venha sob o meu sangue e o dos seus!”. Gritos e murmúrios de gente que se diz boa e em cujas veias escorre merda e putrefações em suas vísceras. Grandes e poderosos sábios, curvados pelo luxo e dinheiro, aconselham a pior morte: “Esqueçam-no! Não há castigo mais cruel!”. Minha nave e os meus não hesitam, já navegamos sozinhos antes, só mar e vento. O medo dos homens nós o sepultamos na alvorada de um dia incerto; temos vivido como mortos, temos chorado sorrindo. Nada devemos ao mundo e temos uma conta infinita para cobrar. Por isso o nosso ser altivo sem rosto! Por isso nosso doce caminhar! Por isso nossa eterna vigília! Por isso o nosso apostar tudo... para que outros vençam!

Agora o vento contrasta nossos passos; entre campos semeados e girassóis, espreitam diversos monstros, ministros, pacíficos coveiros da esperança, resignados pelo cansaço. A nave dos piratas começa a ir mais devagar, serão necessários velas e remos. Troveja a minha voz, tempestade na tempestade, relâmpago na luz, ronco canto monocórdio: Preparem tudo! Devemos avançar! Lancem no mar tudo o que for inútil! Tudo o que não for necessário para velejar ofende o impávido mar! Monstros e ventos não cedem e obrigam a nave a entrar em uma baía. O nevoeiro nos acolhe, cúmplice e discreto. O vento desconcertado perde-se em alguma biblioteca. Começa a amanhecer...

Há um voo de pássaros e homens no convés, nuvens brancas pendem das árvores e dos céus, a longa corrente de âncora do exílio geme separando-se do único leito, como do ventre feminino o nosso sexo. A nave se move lentamente, de novo mevem-se homens e velas... nossa esperança caminha... novamente. Tudo se move, menos meu nobre sabre, a minha espada arrancada dos espelhos, minha doce arma de noites em claro na montanha...”

Amanhece e tudo volta à normalidade. A nave é novamente “Aguascalientes” e os piratas ainda são transgressores da lei. Nada desvenda a noturna revelação. Uma sereia, constrangida, pergunta onde é a toaleta. Dois milicianos escavam um buraco para enterrar um velho cofre de tesouros; um oficial, previdente, desenha um mapa para poder encontra-lo. Heriberto brinca com uma conchinha abandonada...

“Aguascalientes” está pronta. Nós estamos prontos. Fumamos... e esperamos.

De um porto qualquer nas montanhas do sudeste mexicano,

*Subcomandante rebelde Marcos, pirata disperso,
Profissional da esperança, transgressor da injustiça, ladrão de suspiros,
dono da noite, senhor da montanha, homem sem rosto e sem amanhã, e
agora conspirador confesso que pinta naves da cor de “Aguascalientes”,
isto é, da cor da esperança...*

México, com um próximo vento, espero, a seu favor...

ANEXO D
A Morte nos Visita

À imprensa nacional e internacional

Seguem diversos comunicados. Vamos ver para quando e como. Por aqui apertam o frio e o cerco militar. O tabaco cheira e dói a morte. Como vai tudo aí fora? Contentes com os 20 bilhões de dólares? E quem vai pagá-los?

Tudo bem. Saúde e um desses cofrinhos de porquinho para guardar esperanças do tamanho de um velho centavo velho (tão escassas umas quanto o outro).

Das montanhas do sudeste mexicano,

Subcomandante insurgente Marcos

A SEGUIR, NOSSA TÃO APRECIADA SEÇÃO: O P.S. RECORRENTE NA TRANSGRESSÃO E NA ILEGALIDADE.

P.S. que ri e que zomba do destinatário. Você errou desta vez, Esteban Guajardo. Guadalupe Tepeyac não foi Chinameca. Mais sorte, mais soldados e mais coragem para a próxima. E qual é a sua próxima aposta? Vado del Yeso no Jataté? Ou Quebrada del Yuro em Montes Azules?

P.S. que conta o que leu no caderno do Sup em 14 de fevereiro, dia do amor e da amizade. Lá vou eu, quebrando-me em pedaços e remendando corpo e alma do jeito que posso. Hoje quebrei um pedaço de ombro. Soltou-se facilmente e estalou como um galho seco embaixo da bota. Só um crac. Logo depois ouviu-se o golpe seco e leve no chão. Levantei-o e acomodei-o da melhor forma possível, de acordo com o meu entender de anatomia guerrilheira, amarrei-o com um cipó e continuei caminhando. Ontem foi o dia da coxa direita, que quebrou e caiu. Não perco a esperança de que um bom pedaço de tão impertinente nariz se desprenda e me deixe, assim, com um perfil menos aerodinâmico porém mais ajustado. Não desejo isso para contradizer a PGR (Procuradoria Geral da República) e a história do morador de Tampico, mas porque assim deformaria menos os capuzes.

Ontem, dia 13, a morte, vestida de verde-oliva, chegou até dez ou quinze metros de onde estávamos. Disse a Camilo que eram vinte metros, mas quando os soldados foram embora, descemos e contamos exatamente dez metros até o lugar por onde a patrulha de federais tinha passado. Agora, como há um ano, cada segundo é um átimo entre a vida e a morte. Uma águia ou sol. Cai vida ou cai morte. Águia ou sol. Como naquele filme de Cantinflas com... Medel?, onde cantam a música “Qué te falta mujer, qué te falta...” e Marcelo explica a Cantinflas que “a mulher, desde a nossa mãe Eva... porque na primeira guerra mundial...” e o

Cantinflas responde dizendo que “uma mulher é como uma flor e uma flor tem que ser regada, quando a gente rega, pois bem, então a rega...”.

E, apesar de Cantinflas, a moeda gira no ar e nós avançamos passo a passo, arrastando-nos, sem água e sem comida mas com lodo e espinhos que serviriam para pagar toda dívida externa mexicana, se fossem cotados no mercado de valores. “Mas não são cotados”, disse-me Camilo. “O nosso sangue tampouco”, acrescentou meu outro eu que, em vez da mochila, carregava meu ceticismo por todos os lugares, e não parecia estar cansado. Eu me dei conta de que os sentidos começam a se embotar. Nesse dia da morte a... dez metros? – eu estava atrás de uma pedra, e fui encostando-me pouco a pouco; sem fazer barulho tirei a trava da arma e aponte para o lugar de onde vinham os ruídos. Não pensava, só parecia que soava o tempo detido no dedo, no gatilho. Sem medo, porém sem valentia. Como se estivesse vendo tudo de fora, como se estivesse muito cansado, como se já tivesse visto este filme muitas vezes, na história, na vida, na morte. Digo, embotado. “Como máquina”, disse meu outro eu. Camilo não disse nada, só murmurava que eram dez metros, trinta soldados e nós três, que, de acordo com a alta matemática, eram dez para cada um e, segundo as possibilidades, tínhamos uma chance em dez de sair vivos. Camilo disse que fez este cálculo. Eu não calculei nada, só me vi com o dedo no gatilho, imóvel, como um fotograma, várias vezes repetido, de um filme sem fim. Camilo não estudou em Oxford nem em Massachusetts (é assim que se escreve?), só chegou a 2ª série primária em uma aldeia na selva, e aprendeu matemática na montanha. Neste momento, está passando pela minha cabeça um trocadilho excelente com a história do dedo no gatilho... mas meu outro eu me diz que este não é um bom momento para sacanagens...

Disse “há um ano”? Minto, foi há mais de um ano. Em janeiro. Há um ano, em fevereiro, estávamos na Catedral de San Cristóbal de Las Casas falando de paz. Hoje estamos na selva e falando de guerra. Por quê? Alguém pode perguntar a esse senhor por quê? Por que nos enganou? Por que fingiu que pretendia chegar a um acordo político justo e depois desencadeou um terror que já está escapando das suas mãos?

Bem, eu estava lhe contando, ou melhor, estava contando a Camilo e a esta folha de caderno como é que pedaços do meu corpo estão caindo, e não entendo por quê. Mas Camilo não vai me responder, porque pegou no sono no meio deste mato e os helicópteros em cima e o “chac-chac-chac-chac” das hélices sobre nós. E eu lembro que “chac” em tzotil quer dizer “cu”, e do “cu-cu-cu” dos helicópteros passo de novo para o caderno. E meu outro eu disse, mordiscando meu cachimbo, “Tanto faz, ninguém vai ler isso”. E o caderno, em troca, não diz nada, deixa fazer e me deixa lhe contar que no corpo aparece primeiro uma rachadura que logo se aprofunda, e essa parte do corpo se solta e cai; torno a colocá-la e a amarro com cipó, e não dói. Não é isso que me preocupa, e sim me equivocar de lado... Por exemplo, e se puser no lado direito o que é do lado esquerdo ou o contrário? Que implicações políticas teria esse equívoco? Claro, até agora não representou nenhum problema, porque não caíram partes de ambos os lados ao mesmo tempo... Meu outro eu se aproxima do caderno para ler as últimas linhas e resmungo “Ninguém vai ler isso”, se vira e tenta adormecer, quando os helicópteros cedem seu lugar aos grilos.

Hoje é o dia do amor e da amizade. Aqui, a morte é a única amiga, e seu beijo o único amor... mortal...

P.S. que prevê uma censura. De qualquer maneira, valeria mais morrer agora, do que ter de enfrentar a Eva, algum dia, e tentar explicar-lhe por que não pude

rebobinar suas fitas de vídeo do *Bambi*, do *El libro de la selva* e da *Escuela de vagabundos* com – *somebody doubts it?* – Pedro Infante e Miroslava. Eva disse que *Bambi* é “uma ela”, Heriberto disse que é macho. A Eva argumentou que se via que ela era fêmea pelos olhos. Heriberto replicou que era macho por causa dos chifres. “E, além disso, no final aparece a namorada dele”, concluiu Heriberto, que, como podem ver, não é uma criança mas um anão.

P.S. que, com o coração partido, recorda um gesto de desprezo. Toñita também saiu correndo para as montanhas. Estava com uns sapatinhos brancos e novos que alguma boa pessoa de algum lugar tinha lhe dado. Toñita levou seus sapatinhos na mão. “Por que você não os coloca?”, perguntei, depois de receber um gesto de rejeição pelo meu enésimo pedido de um beijo. “É que vão ficar sujos de lama”, me respondeu com essa lógica inapelável de menina de seis anos na selva Lacandona. Nunca mais a vi...

P.S. que se oferece como assessor do supremo governo. Eu, o P.S. recorrente, recomendo ao governo que retire a ordem de captura contra o Sup. Ocorre que, desde que soube que o estão perseguindo, o Sup está insuportável. Não me refiro apenas à sua obsessão pela morte, é que agora ele realmente acredita que é Juan del Diablo e está dizendo que não nos preocupemos, que El Tuerto virá para nos salvar... Mas isso não é o mais grave, o pior é que ele não nos deixa dormir, fica contando o que pretende fazer quando encontrar a tal da Mónica ou a tal da Aimée. O que pretende fazer? Nada indecoroso, podem acreditar. Meu recato me impede de entrar em detalhes. Tentei desanimá-lo dizendo que essa novela já tinha acabado há muito tempo, mas ele disse então que iria buscar a Marimar. Recordei-lhe o veto à Televisa e replicou que iria se encontrar com as gatinhas de Pourcel. Contra-arguntei dizendo que a TV Asteca também estava pedindo a sua cabeça (a do Sup). Ele murmurou algo assim como “Algum dia haverá uma televisão objetiva neste país”. Foi adormecendo, murmurando “O que vamos fazer, aqui vamos morrer, na região do ar mais transparente...”. Eu lhe disse que seria melhor “viver”, porém não me ouviu mais. Em cima, o ruído de um avião militar e a constelação de Órion eram o único refúgio para sua insônia...

Tudo bem de novo. Saúde e agora vou cantarolar um pouco para lembrar aquela canção de J. M. Serrat que termina dizendo:

*No es que no vuelva
porque me he olvidado,
es que perdí el camino
de regreso...*

O superdelinquente, transgressor e disperso...

Sub. Marcos

ANEXO E

Sobre o Avanço do Exército Mexicano

À imprensa nacional e internacional

Senhores:

Segue comunicado que demonstra que o homem é o único animal que corre o risco de cair duas vezes na mesma armadilha. Sem dúvida, seria bom que mandassem uma cópia da tão mencionada lei aos federais. Não parecem conhecê-la, porque continuam avançando. Se continuarmos nos retirando, vamos dar de cara com um cartaz que diz o seguinte: “Bem-vindos à fronteira Equador-Peru”. Não é que desgostemos de viajar para a América do Sul, mas essa questão de ficar entre três fogos não deve ser muito agradável. Aqui na selva pode-se apreciar, em toda sua amplitude, a transformação do homem em macaco (antropólogos, abstenham-se).

Tudo bem. Saúde e uma bola de cristal dessas que servem para ver o hoje e o amanhã.

Das montanhas do sudeste mexicano,

Subcomandante insurgente Marcos

P.S. que pergunta, só por curiosidade: Como se chama o general do exército federal que, antes de se retirar do campo de Prado, ordenou a destruição de tudo o que podia ser útil nas casas dos indígenas, além de queimar várias choças? Em Prado, uma família ganha em média N\$ 200,00 por mês; quanto ganha o general com tão “brilhante” ação militar? Será promovido por “méritos de campanha”? Será que o general sabia que uma das casas que mandou destruir era a da Toñita? Será que este general contará aos seus filhos e netos esta página “luminosa” em sua folha de serviço? Como se chama o oficial que, dias depois de ter assaltado e destruído casas em Champa San Agustín, regressou com doces e se fez fotografar entregando-os às crianças da localidade? Como se chama o oficial que, emulando o protagonista do romance *Pantaleão e as Visitadoras*, de Mario Vargas Llosa, levou dezenas de prostitutas para “atender” a guarnição que ocupa Guadalup Tepeyac? Quanto cobram as prostitutas? Quanto ganha o general que comanda uma operação militar tão “arriscada”? Quanto é que o “Pantaleão” mexicano recebe de comissão? As mesmas prostitutas servem tanto à oficialidade quanto a tropa? Em todas as guarnições da campanha “em defesa da soberania nacional” existe este “serviço”? Se o exército federal mexicano existe para garantir a soberania nacional, porque não acompanhou melhor Ortiz até Washington, em vez de ficar perseguindo a dignidade indígena mexicana em Chiapas?

P.S. que torna a blindar o coração para contar o seguinte: Em 8 de março os moradores de Prado terminaram de descer das montanhas. A família de Toñita faz parte do último grupo. Quando chegam aos restos de sua casinha, a cena de todas as famílias de Prado repete-se na família da Toñita: os homens percorrem, enraivecidos e impotentes, o pouco que permaneceu de pé, as mulheres choram e arrancam os cabelos, rezam e repetem: “Meu Deusinho, meu Deusinho”, enquanto erguem as roupas atiradas, os poucos móveis quebrados, o alimento derramado e sujo de esterco, os santinhos rasgados da Virgem de Guadalupe, os Cristos crucificados jogados fora junto com embalagens de *fast food* do U.S. Army. Esta cena virou quase uma cerimônia entre os moradores de Prado. Repetiram-na 108 vezes nos últimos dias, uma vez em cada família. 108 vezes a impotência, a raiva, as lágrimas, os gritos, os “Meu Deusinho, meu Deusinho”...

No entanto, desta vez há algo diferente. Uma mulher pequenina não está chorando. A Toñita não disse nada, não chorou, não gritou. Passou por cima das ruínas e foi até um canto da casa, como se estivesse procurando alguma coisa. Em um lugar esquecido estava uma xícara de chá pequenina, quebrada, jogada como esperança desfeita. Esta xícara tinha sido um presente, alguém a mandara para que, algum dia, Toñita Alicia pudesse tomar chá com o Chapeleiro Louco e a Lebre de Março. Mas, desta vez, Toñita não encontrou uma lebre em março. Encontrou sua casa destruída por ordens daquele que diz defender a soberania e a legalidade. Toñita não chora, não grita, não diz nada. Levanta os pedaços da xícara de chá e do pires que a acompanhava. Toñita sai, torna a passar por entre as roupas rasgadas e sujas que estão no chão, por entre o feijão e o milho atirados no meio dos destroços, por entre sua mãe, tias e irmãs que choram e gritam, repetindo: “Meu Deusinho, meu Deusinho”. Lá fora, perto de uma goiabeira, Toñita se senta no chão e, com barro e saliva, começa a grudar os pedaços da xícara de chá. Toñita não chora, mas há um brilho gelado e duro em seu olhar. Brutalmente, como há 500 anos ocorre com as mulheres indígenas, Toñita deixa de ser menina e se torna mulher. É 8 de março de 1995, dia internacional da mulher, e Toñita tem 5 anos, quase 6. O brilho frio e cortante do seu olhar resgata, da xícara de chá quebrada, faíscas que machucam. Poderia se dizer que o sol é que está afiando o rancor semeado pela traição nestas terras... Como se estivesse consertando o coração quebrado, assim Toñita reconstrói, com barro e saliva, sua pequena xícara de chá quebrada. Alguém, lá longe, esquece por um momento que é homem. As gotas salgadas que caem do seu rosto não conseguem oxidar o peito de chumbo...

P.S. que arrisca “o mais valioso que tenho”: (A conta em dólares?). Li por aí que existe uma “subcomandante Elisa”, um “subcomandante Germán”, um “subcomandante Daniel”, um “subcomandante Eduardo”. Por isso decidi o seguinte: Aviso à PGR que, se continuar nomeando mais “subs”, começarei uma greve de fome. Também exijo que a PGR declare que há apenas um “sub” (felizmente, diz meu outro eu, ao ler essas linhas) e que me livrem de toda a culpa na queda do valor do dólar com relação ao iene japonês e ao MARCOS (observe bem a reiteração do narcisismo) alemão. (Não me mandem para Warman, por favor!)

P.S. que acusa recibo de promessas a um soneto e revida com...

When, in disgrace with fortune and men's eyes, I all alone beweepe my outcast state, And trouble deaf heaven with my bootless cries, And look upon myself and curse my fate, Wishing me like too ne more rich in hope, Featur'd like him with friends possess'd, Desiring this man's art that man's scope, With what I most enjoy, contented least; Yet in these thoughts myself almost despising, Haply I think on thee, and then my state, Like to the lark of break of day, arising from sullen Earth, sings hymns at heaven's gate; For thy sweet love remeber'd such wealth brings That then I scorn to change my state with kings.

William Shakespeare, Soneto XXIX.

P.S. que relata o que aconteceu nos dias 17 e 18 de fevereiro de 1995, oitavo e nono dias da retirada.

“Fomos seguindo a ponta dupla de uma flecha lunática.” “Quarto crescente, chifres para o oriente”, lembrei e repeti quando fomos dar em uns poteiros. Tivemos que esperar. Acima, um avião militar fazia chover seu ronronar de morte. Meu outro eu começou a cantarolar: “Y nos dieron las diez y las once, las doce, la una, las dos y las tres”.

E, escondigos, ao amanhecer a chuva nos encharcou. ...”Yo le hago una señal amenazante para que se calle. Él se defende.” Minha vida é uma canção de Joaquín Sabina.

“Com certeza não é uma canção de amor”, digo, esquecendo minha própria proibição de falar.

Camilo avisa que o avião foi embora. Saímos para o poteiro e continuamos caminhando no meio de um pasto ainda úmido pela chuva passada. Eu avançava olhando para cima, buscando em seu lado escuro alguma resposta para velhas perguntas.

“Cuidado com o touro”, consegui ouvir Camilo me avisando. Mas era tarde demais; quando abaixei o olhar depois de um percurso pela Via Láctea, dei de cara com os olhos de um garanhão que, acho, se espantou tanto quanto eu, porque também correu, só que em sentido contrário. Ao chegar à cerca, empurrei de qualquer jeito a mochila por cima do arame farpado.

Estendi-me para passar por baixo. Mas estava com tanta sorte que, o que pensei que era lodo, era bosta de vaca. Camilo dava boas gargalhadas. Meu outro eu até ficou com soluço. Os dois sentados e eu fazendo-lhe sinais para que se calassem.

“Sssshhh, os soldados vão nos ouvir!”, mas nada, eles estavam morrendo de rir. Peguei um pouco de capim para limpar, na medida do possível, a merda na camisa e nas calças. Coloquei a mochila nos ombros e continuei caminhando. Atrás estavam Camilo e meu outro eu. Tinham parado de rir. Quando se levantaram, perceberam que tinham se sentado em cima da merda. Apaixonando as vacas com

um cheiro tão sedutor, terminamos de atravessar um extenso potreiro cruzado por riacho. Quando chegamos à região dos bosques, olhei o relógio: 2 horas. “Hora sul-oriental”, como diria o Tacho. Com sorte e sem chuva, chegaríamos ao pé da serra ao amanhecer. Assim foi. Entramos por uma velha trilha, entre grandes árvores separadas que já anunciavam a proximidade da selva. A pura selva, onde só vivem animais selvagens, mortos e guerrilheiros. Não precisamos de muita iluminação, a lua ainda se desgarrava entre as ramagens, como serpentina branca, e os grilos calavam-se com nosso passo sobre as folhas secas. Chegamos à grande paineira que marca a porta de entrada, descansamos um pouco e, já com a luz da manhã, ainda avançamos um par de horas montanha acima.

Às vezes a trilha desaparecia mas, apesar dos anos transcorridos, eu recordava o rumo geral. “Para leste, até topar com a parede”, dizíamos, há 11 anos. Descansamos à beira de um arroiozinho que certamente sumiria com a seca. Cochilamos um pouco. Acordei com um grito do meu outro eu. Tirei a trava da arma e apontei para o lugar de onde havia escutado o gemido. Sim, era meu outro eu segurando o pé e queixando-se. Aproximei-me. Tinha tentado tirar a meia e tinha arrancado um pedaço de pele.

— Como você é gay, disse. — É preciso molhar o pé primeiro.

Era o nono dia com as botas postas. O tecido e a pele, com a umidade e o lodo, tornam-se a mesma coisa, e ao tirar a meia e pele vem junto. É a desvantagem de dormir de botas. Mostrei-lhe como devia proceder. Colocamos os pés na água e, pouco a pouco, fomos retirando o tecido. Os pés tinham cheiro de cachorro morto e a pele era uma massa disforme e esbranquiçada.

— Você me assustou. Quando vi que estava segurando o pé, pensei que tinha sido mordido por uma cobra - censurei-o.

Meu outro eu não dava a mínima, continuava molhando os pés com os olhos fechado. Como se a chamasse. Camilo começou a bater no chão com uma estaca.

— E agora? - perguntei.

— Cobra – respondeu Camilo, enquanto jogava pedras, paus, botas e tudo o que encontrava ao alcance da mão. Por fim deu-lhe uma porrada na cabeça.

Aproximamo-nos temerosos.

— Mococho – disse Camilo.

— Nauyaca – eu disse.

Meu outro eu se aproximou mancando. Fez cara de conhecedor e disse:

— É a famosa bac ne’ ou quatro narizes. Sua mordida é mortal e seu veneno é muito venenoso - acrescentou, imitando o tom de camelô de feira de aldeia.

Arrancamos sua pele, como se tirássemos uma camisa. Abrimos sua barriga como se tivesse um longo fecho eclair ou “zíper”; as tripas e a pele devem ser arrancadas de uma vez só. Fica apenas a carne, branca e cartilaginosa. Depois a atravessamos com uma vara fina e a colocamos para assar. Tem gosto de peixe assado, de macabril, esse peixe que pescávamos no rio “Sem Nome”, há 11 anos. Comemos isso e um pouco de farinha de milho com açúcar que tinham nos dado de presente. Depois de um breve descanso, apagamos nossos rastros e continuamos a caminhada. Assim como há 11 anos, a selva nos dava as boas-vidas como de

praxe: com chuva. A chuva é muito diferente na selva. Começa a chover, mas as árvores funcionam como um grande guarda-chuva; poucas são as gotas que escapam entre tantos galhos e folhas. Depois, o teto verde começa a escorrer e, então sim, nos encharcamos. Como um grande regador, continua escorrendo, chovendo dentro, mesmo que em cima a chuva já tenha parado. Com a chuva na selva acontece a mesma coisa que com a guerra: a gente sabe quando começa, mas nunca quando termina. Pelo caminho, fui reconhecendo velhos amigos: o huapac' com seu modesto agasalho de musgo verde, a caprichosa e dura retidão do cante; o hormiguillo, a caoba, o cedro, a chapaya que se defende afiada e venenosamente, o leque de watapil, o desproporcionado gigantismo das folhas do pij' que parecem verdes orelhas de elefantes, o bayalté que se ergue verticalmente para o céu, o duro coração do canolté, a ameaça do chechém ou "mulher má" que, como indica seu nome, produz febre muito alta, delírios e forte dor. Árvores e mais árvores. Puro marrom e verde enchendo os olhos, as mãos, as pegadas, a alma novamente...

Como há 11 anos, quando cheguei pela primeira vez. E então ia subindo esta montanha vagabunda e pensando que cada passo que dava era o último e dizendo "se dou outro passo, morro", e dava um passo e depois outro, mas não morria. Continuava caminhando e sentia que a carga pesava cem quilos, mentira, sabia que carregava apenas quinze quilos, "é que você é muito jovem", disseram os companheiros que foram ao meu encontro, rindo com cumplicidade. E eu continuava repetindo que, agora sim, o próximo passo seria o último, maldizendo a hora em que tinha passado pela minha cabeça ser guerrilheiro. Tão boa era a minha vida de intelectual orgânico. A revolução tem muitas tarefas e todas são importantes. E por que fui me meter nisso? E, claro, que no próximo descanso, digo-lhes que não aguento mais e que é melhor ajuda-los na cidade. E continuava caminhando, e continuava caindo, e chegava ao descanso seguinte, e não dizia nada, em parte pela vergonha, em parte porque nem podia falar, e aspirando o ar como um peixe em uma poça muito pequena me dizia: bem, no próximo descanso é claro que lhes digo. E acontecia a mesma coisa. E assim passei as dez horas dessa primeira jornada de andança na selva. Já entardecia quando disseram: vamos ficar por aqui. Eu me joguei no chão de qualquer jeito e disse para mim mesmo: "cheguei", e repeti "cheguei". Armamos as redes, acenderam o fogo e, então, fizeram arroz com açúcar e comemos, e comemos. Perguntaram-me o que tinha achado da montanha, como se sentia e se estava cansado. Eu repetia apenas "cheguei". Eles se entreolhavam e diziam que, com apenas um dia, já havia ficado louco.

No dia seguinte fiquei sabendo que o caminho que eu tinha feito em dez horas com quinze quilos de carga, eles o faziam em quatro horas e com vinte quilos. Não disse nada. "Vamos embora", disseram. Eu os segui, e a cada passo que dava me perguntava: "cheguei?" Hoje, 11 anos depois, a história, cansada de andar, se repete. Chegamos. Chegamos? A tarde foi um alívio, uma luz como a desse trigo que me aliviou muitas madrugadas banhou o lugar onde decidimos acampar. Comemos depois que Camilo encontrou Sac Jol ("cara de velho" ou "cabeça branca"). Eram sete. Disse para Camilo não atirar; talvez estivessem perseguindo

veados e poderíamos encontrar algum. Nada, nem Sac Jol nem veado. Colocamos as coberturas e as redes. Mais tarde, já de noite, chegaram as martas para latir para nós e depois o *woyo*, ou mico da noite. Não consegui dormir. Tudo me doía, até a esperança...

P.S. autocrítico que, com vergonha, se disfarça de conto para mulheres. E como a história se repete uma vez como comédia e outro como tragédia, o conto se chama: Durito II. (O neoliberalismo visto da selva Lacandona.)

Foi no décimo dia, já com menos pressão. Afastei-me um pouco para colocar meu teto e me instalar. Estava olhando para cima, procurando um bom par de árvores que não tivessem galhos em cima. Por isso me surpreendi quando escutei, aos meus pés, uma voz que gritou: “Ei, cuidado!” Em princípio não vi nada, mas parei e esperei. Quase imediatamente uma folhinha começou a se mexer e, debaixo dela, saiu um escaravelho que começou a reclamar:

— Por que não presta atenção onde coloca suas botonas? Quase me esmagou! – gritou.

Achei essa reclamação conhecida.

— Durito? – aventurei-me.

— Nabucodonosor para você! Não seja atrevido! – respondeu indignado o pequeno escaravelho.

Não tive nenhuma dúvida.

— Durito! Não se lembra mais de mim?

Durito, quer dizer, Nabucodonosor, ficou me olhando pensativo. Tirou um pequeno cachimbo da asas, encheu-o de tabaco, acendeu-o, e, depois de uma grande baforada que lhe provocou uma tosse nada saudável, disse:

— Mmmmh, mmmmh.

E depois repetiu: Mmmmh, mmmmh.

Eu sabia que isso ia ser demorado, por isso me sentei. Depois de vários “mmmh, mmh”, Nabucodonosor, isto é, Durito, perguntou:

— Capitão?

— Eu mesmo! – disse, satisfeito por ter sido reconhecido.

Durito (acho que, depois de reconhece-lo, de novo assim poderia chamá-lo) começou a fazer uma série de movimentos com as patinhas e as asas que, na linguagem corporal do escaravelhos, é uma espécie de dança da alegria, embora tenha me parecido um ataque de epilepsia. Depois de repetir diversas vezes, com diferentes ênfases, “Capitão!”, Durito finalmente ficou quieto e me lançou a pergunta que tanto temia:

— Tem fumo?

— Bem, eu... – alonguei a resposta para ter tempo de calcular minhas reservas.

Nesse momento chegou Camilo e me perguntou:

— Me chamou, Sup?

— Não, nada... Estava cantando e... não se preocupe, pode ir – respondi com certo nervosismo.

- Ah, está bem... – disse Camilo e se retirou.
- Sup? – perguntou Durito, achando estranho.
- Sim, agora sou subcomandante.
- E isso é melhor ou pior que Capitão? – insistiu Durito.
- Pior – disse a ele e a mim.

Mudei rapidamente de assunto e lhe ofereci o saquinho com o fumo, dizendo:

- Tenho um pouco aqui.

Para receber o fumo, Durito realizou novamente sua dança, agora repetindo diversas vezes “obrigado”!

Passada a euforia tabaqueira, iniciamos a complicada cerimônia de acender o cachimbo. Encostei-me na mochila, fiquei observando Durito e disse:

- Você não mudou nada.
- Você, em compensação, está um lixo – ele respondeu.
- É a vida – disse, sem lhe dar importância.

Durito começou com seus “mmmh, mmmh”. Depois de um certo tempo, me disse:

- E por que você voltou depois de tantos anos?

— Bem, estive pensando e, como não tinha nada para fazer, pensei em dar uma passada pelos velhos lugares e cumprimentar os velhos amigos – respondi.

- Velhos são os cerros e reverdecem! – reclamou indignado Durito.

Depois houve outro intervalo de “mmmh, mmh” acompanhado de olhares inquisidores.

Não aguentei mais e confessei:

— Na verdade, estamos nos retirando porque o governo lançou uma ofensiva contra nós...

- Você correu! – exclamou Durito.

Tentei lhe explicar que era um recuo estratégico, uma retirada tática, e tudo o que passou pela minha cabeça naquele momento.

- Você correu! – replicou Durito, suspirando.

— Sim, está certo, corri, e daí? – perguntei incomodado, mais comigo do que com ele.

Durito não insistiu. Ficou calado durante muito tempo. Só a fumaça dos dois cachimbos estendia sua ponte. Minutos depois disse:

— Parece que você está incomodado com algo mais, não só com a “retirada estratégica”.

- Recuo, recuo estratégico – corrigi. Durito esperou que eu continuasse:

— Na verdade, estou chateado porque não estávamos preparados. E não estávamos preparados por minha culpa. Pensei que o governo realmente queria o diálogo, então tinha ordenado o início das consultas com os delegados. Quando nos atacaram, estávamos discutindo as condições do diálogo. Eles nos surpreenderam. Me surpreenderam... – disse, com pena e coragem.

Durito continuava fumando, e esperou que eu terminasse de lhe contar tudo o que tinha ocorrido nos últimos dez dias. Quando terminei, ele disse:

- Espere-me.

E se enfiou debaixo de uma folhinha. Pouco depois saiu, empurrando sua pequena escrivaninha. Depois foi buscar uma cadeirinha, sentou-se, pegou uns papéis e começou a revisá-los com ar preocupado.

— Mmmh, mmmh... – dizia a cada porção de papéis que lia. Depois de certo tempo, exclamou: - Aqui está!

— Não me interrompa! – disse Durito, sério e solene. E acrescentou: — Preste atenção. Seu problema é o mesmo de muitas pessoas. Refere-se à doutrina econômica e social conhecida como “neoliberalismo”...

Era só o que me faltava... aulas de economia política, pensei. Parece que Durito escutou o que eu estava pensando, porque me repreendeu:

— Ssshht! Esta não é uma aula como outra qualquer! É “a” cátedra por excelência!

Achei um pouco exagerado essa “cátedra por excelência”, mas me dispus a escutá-lo. Duritou continuou depois de uns “mmmh, mmmh”.

É um problema metateórico! Sim, vocês partem do princípio que o “neoliberalismo” é uma doutrina. E quando digo “vocês” estou me referindo aos que insistem em esquemas rígidos e quadrados como suas cabeças. Vocês pensam que o “neoliberalismo” é uma doutrina do capitalismo para enfrentar as crises econômicas que o mesmo capitalismo atribui ao “populismo”, certo?

Durito não me deixou responder.

— Claro que está certo! Bem, resulta que o “neoliberalismo” não é uma teoria para enfrentar ou explicar a crise. É a própria crise transformada em teoria e doutrina econômica! Quer dizer que o “neoliberalismo” não tem a menor coerência, não tem planos nem perspectiva histórica. Enfim, é pura merda teórica.

— Que estranho... Nunca tinha ouvido nem lido essa interpretação... – disse com surpresa.

— Claro! Ela acabou de me ocorrer nesse instante! – afirmou Durito, orgulhoso.

— E que tem isso a ver com nossa fuga, perdão, com nosso recuo? – perguntei, duvidando de tão recente teoria.

— Ah, ah! Elementar, meu querido Watson Sup! Não há planos, não há perspectivas, só i-m-p-r-o-v-i-s-a-ç-ã-o. O governo não tem constância: um dia somos ricos, outro dia somos pobres, um dia ele quer a paz, outro dia quer a guerra, um dia faz jejum, outro dia se entope, é isso aí. Fui claro? – perguntou Durito.

— Quase... – titubeio e coço a cabeça. — E então? – perguntei, ao ver que Durito não continuava sua dissertação.

— Vai explodir. Bum! Como um balão que se enche demais. Isso não tem futuro. Vamos ganhar – explicou Durito, guardando seus papéis.

— Vamos? – perguntei com malícia.

— Claro que “vamos”! É claro que vocês não vão conseguir sem a minha ajuda. Não, não diga nada. Precisam de um super-assessor. Já estou aprendendo francês, por aquela coisa da continuidade.

Fiquei calado. Não sei o que é pior: descobrir que somos governados pela improvisação ou imaginar Durito como super-secretário de gabinete em um improvável governo de transição.

Durito atacou novamente:

— Ficou surpreso, não é? Portanto, não tenha pena. Enquanto não me esmagarem com suas botinas sempre poderei iluminar-lhes o caminho rumo à história. Apesar das vicissitudes, haveremos de levantar este país, porque unidos... porque unidos... Nossa, agora me lembrei que ainda não escrevi para minha mãe... – e Durito soltou uma boa gargalhada.

— Pensei que você estivesse falando sério! – fingi que estava zangado e joguei-lhe um galinho. Durito o evitou e continuou rindo.

Mais calmo, perguntei: — E de onde foi que você tirou essas conclusões de que o neoliberalismo é a crise transformada em doutrina econômica?

— Ah, deste livro que explica o projeto econômico 1988-1994 de Carlos Salinas de Gortari – respondeu mostrando um livrinho com o logotipo de Solidariedad.

— Mas Salinas não é mais o presidente... parece – eu disse, com uma dúvida que me fez estremecer.

— Já sei, mas olhe só quem redigiu o plano – disse Durito, apontando para um nome.

— Ernesto Zedillo Ponce de León – li surpreendido e acrescentei: — Quer dizer que não há ruptura?

— A única coisa que há é uma cova de ladrões – disse Durito, implacável.

— E então? – perguntei com verdadeiro interesse.

— Nada, só que o sistema político mexicano é como esse galho de árvore pendurado em cima da sua cabeça – disse Durito. Olhei para cima e realmente havia um galho pendurado ameaçadoramente em cima da minha rede. Mudei de lugar enquanto Durito continuava falando:

— O sistema político mexicano está ligado à realidade através de ramos muito frágeis. Bastará um bom vento para que ele caia. Claro que, quando cair, vai carregar consigo outros ramos, e cuidado de quem estiver embaixo quando ele desmoronar!

— E se não houver vento? – perguntei, enquanto via se a rede estava bem firme.

— Vai ter... vai ter... – respondeu Durito, pensativo, como se olhasse para o amanhã.

Nós dois ficamos pensativos. Tornamos a acender os cachimbos. O dia estava começando a ir embora. Durito ficou olhando para as minhas botas. Temeroso, perguntou:

— E quantos vieram com você?

— Só mais dois, portanto não precisa se preocupar pelas pisadas – respondi, para tranquilizá-lo. Durito pratica a dúvida metódica como disciplina, e por isso continuou com seus “mmmh, mmmh” até que não aguentou mais:

— Mas os que vêm depois de você, quanto são?

— Ah, esses? Mais ou menos sessenta...

Durito não me deixou terminar: — Sessenta! Sessenta pares de botonas em cima da minha cabeça! 120 botas da Sedena procurando a maneira de me esmagar melhor! – gritou histérico.

— Espere um pouco, você não me deixou terminar. Não são sessenta – disse.

Durito interrompeu de novo: — Ah, já sabia que tanta desgraça não era possível. Quantos são, então?

Lacônica, respondi: Sessenta mil.

— Sessenta mil! – consegui dizer Durito, antes de se asfixiar com a fumaça do cachimbo. — Sessenta mil! – repetiu várias vezes, esfregando com angústia suas mãozinhas e patinhas. — Sessenta mil! – repetia, desesperado.

Tentei consolá-lo. Disse-lhe que não vinham todos juntos, que era uma ofensiva com escalas, que estavam entrando por diversos lugares, que primeiro deveriam nos encontrar, pois tínhamos apagado todos os rastros para que não nos seguissem, enfim, disse-lhe tudo o que me ocorreu.

Pouco depois, Durito se acalmou e recomeçou com seus “mmmh, mmh”. Pegou uns papezinhos que, pelo que pude ver, me pareciam mapas, e começou a me fazer perguntas sobre a localização das tropas inimigas. Respondi da melhor maneira que pude. A cada resposta, Durito fazia marcas e anotações nos pequenos mapas. Depois do interrogatório, ficou repetindo “mmmh, mmmh”. Minutos mais tarde, e depois de cálculos complicados (é o que me pareceu, pois usava todas as suas mãozinhas e patinhas para fazer as contas), suspirou:

— Ou seja: usam “a bigorna e o martelo”, o “laço corrediço”, a “caça ao coelho” e a manobra vertical. Elementar, tudo isso está no manual dos “Rangers” da “Escola das Américas”, disse para si mesmo e depois para mim. E acrescentou: — Mas temos uma chance de sair desta.

— Ah, é? Como? – perguntei com ceticismo.

— Com um milagre – respondeu Durito, enquanto guardava seus papéis e se deitava.

O silêncio se instalou entre os dois e fomos deixando que a tarde chegasse por entre os ramos e cipós. Mais tarde, quando a noite acabou de se desprender das árvores e, voando, cobriu o céu, Durito me perguntou:

— Capitão... Capitão! Psst! Está dormindo?

— Não... O que é? – perguntei.

Durito perguntou com receio, com medo de magoar.

— E o que você pensa fazer?

Eu continuei fumando. Olhei para os cachos prateados da lua pendurados nas ramagens. Soltei uma bolinha de fumaça e respondi:

— Vencer.

P.S. que sintoniza nostalgia no dial. No radinho alguém, em ritmo de *blues*, desenrola essa canção que diz: “All it’s gonna right with a little help from my friends...”.

P.S. que, agora sim, já se despede agitando um coração como um lenço.
Tanta chuva e nem uma gotinha para saciar as ânsias...
Tudo bem conosco. Saúde e cuidado com esse ramo seco que pende sobre
suas cabeças e que pretende, ingênuo, protegê-los com sua sombra.

O Sup fumando... e esperando.

ANEXO F

Carta a Eduardo Galeano

Montevidéu, Uruguai

Senhor Galeano:

Escrevo-lhe porque... me deu vontade de lhe escrever. Porque o Dia das Crianças já passou, por aqui no México, e acho que posso lhe contar o que acontece aqui, em um Dia das Crianças, em meio a guerra surda. Escrevo-lhe porque não tenho nenhuma razão para fazê-lo e, assim, posso lhe contar o que se passa pela minha cabeça, sem a preocupação de esquecer o motivo da carta. Porque sim, portanto. Também porque perdi o livro que me deu de presente e porque o destino é um ratinho que trocou o livro perdido por outro. E porque ficou dançando na minha cabeça uma parte do seu livro *Las palabras andantes*. Porque diz o seguinte:

Sabe calar a palavra quando já não encontra o momento em que a necessita nem o lugar que a quer? E a boca, sabe morrer?

“*Ventana sobre la palabra*”, VIII, p.262.

E então me deitei um pouco para pensar e fumar. É madrugada e meu travesseiro é um fuzil (bem, na verdade não é um fuzil, é uma carabina que foi de um policial até janeiro de 1994; antes servia para matar indígenas, agora serve para que não os matem). Com as botas postas e a pistola ao lado, ao alcance da mão, penso e fumo. Lá fora, envolto em fumaça e pensamentos, maio se engana a si mesmo fingindo que é junho, e agora há uma tormenta de chuva, raios e trovões que conseguiram o que parecia impossível: calar os grilos.

Mas não estou pensando na chuva, não estou tentando adivinhar qual dos relâmpagos que está prestes a arranhar o tecido da noite será o da morte, nem mesmo me preocupa que o tetinho de plástico que cobre meus aposentos seja demasiado pequeno e a beira do catre se molhe (Ah! Porque tenho de contar que fiz uma caminha de galhos e forquilhas para mim, amarrados com cipós. Ela me serve como escrivaninha, bodega e, às vezes, para dormir. Não gosto muito de rede, porque nela adormeço profundamente, e o sono profundo é um luxo que, aqui, pode-se pagar muito caro. Na cama de galhos se está suficientemente incômodo para que o sono não passe de um leve cochilo).

Não, não me preocupam a noite, nem a chuva, nem os trovões. Estou preocupado com essa história de “Sabe calar a palavra quando já não encontra o momento em que a necessita nem o lugar que a quer? E a boca, sabe morrer?” O livro me foi enviado por Ana María, uma indígena tzotzil que tem a patente de major de infantaria no nosso exército. Alguém o mandou para ela e ela o mandou para mim, sem saber que eu tinha perdido um livro seu e este livro toma o lugar do

perdido, que não é o mesmo e tampouco é igual. O livro está cheio de desenhinhos em tinta preta e acho que assim devem ser os livros e as palavras: desenhinhos que saem da cabeça ou da boca ou das mãos e que vão e começam a dançar no papel, cada vez que o livro é aberto, e no coração, cada vez que o livro é lido. O livro é o maior dos presentes que o homem deu a si mesmo. Mas vamos voltar ao seu livro que tenho agora. Eu o li com um toquinho de vela que carregava na mochila. O último pedaço do pavio acabou com essa página 262 (Capicúa, certo? Será um sinal?) Então recordei aquela frase que Perón me mandou e logo a minha torpe resposta e, bem depois, o livro que você me enviou. E aqui a pena de contar-lhe que tive de abandonar a leitura na “graciosa fuga” de fevereiro. Quando chegam a mim este livro e estas letras sobre o saber calar. Eu já passei várias noites dando voltas nesse assunto, mesmo antes de receber este livro. E me pergunto se não chegou a hora de calar, se o momento já não passou e já não é mais o lugar, se não está na hora de morrer a boca...

E escrevo-lhe isto numa madrugada de maio, depois do dia 30 de abril de 1995, que é a data do Dia das Crianças aqui no México. Na maioria das vezes, nós, crianças mexicanas, festejamos este dia apesar dos adultos. Por exemplo, graças ao supremo governo, hoje muitas crianças indígenas mexicanas comemoram o seu dia nas montanhas, longe de casa, em péssimas condições de higiene, sem festa e na maior das pobreza: sem ter um lugar para recostar a fome e a esperança. O supremo governo diz que não expulsou essas crianças das suas casas, apenas colocou milhares de soldados em suas terras. Com os soldados chegaram a bebida, a prostituição, o roubo, as torturas, os ataques. Diz o supremo governo que os soldados vêm “defender a soberania nacional”. Os soldados do governo “defendem” o México dos mexicanos. Estas crianças não foram expulsas, diz o governo, e não têm porque ficar espantadas com tantos tanques de guerra, canhões, helicópteros, aviões e milhares de soldados. Também não têm porque se assustar, embora esses soldados tenham recebido a ordem de prender e matar os pais dessas crianças. Não, essas crianças não foram expulsas de suas casas. Compartilham o chão irregular da montanha porque gostam de ficar perto das suas raízes, compartilham a sarna e a desnutrição pelo simples prazer de se coçar e para ficarem elegantes e esbeltas.

Os filhos dos donos do governo passam os dias em festas e presentes. Os filhos dos zapatistas, donos de nada além de sua dignidade, passam o dia brincando de serem soldados para recuperar as terras que o governo lhes tomou, brincam de semear milho, de procurar lenha, de ficar doentes sem ter ninguém para curá-los, brincam de ficar com fome e, em vez de comida, enchem a boca de canções. Por exemplo, esta canção que eles gostam de cantar a noite, quando mais cerradas são a chuva e a neblina, que diz mais ou menos o seguinte:

*“Ya se mira el horizonte,
combatiente zapatista,
el camino marcará
a los que vienen atrás”.*

E, por exemplo, no horizonte aparece, marcando passo, Heriberto. E atrás de Heriberto, por exemplo, vem o filhinho do Oscar, chamado de Osmar. E os dois vão armados com duas varinhas que pegaram em um matagal próximo (“Não são varinhas”, diz Heriberto, garantindo que se tratam de poderosas armas capazes de destruir um formigueiro de ferozes formigas vermelhas que fica perto do arroio, que morderam Heriberto e por isso tiveram que tomar represálias). Heriberto e Osmar avançam em coluna. E na frente oposta avança Eva, armada com um pau, que tem a vantagem de se transformar em boneca quando o ambiente é menos bélico. E atrás de Eva vem Chelita, que, em seus quase dois anos, mal levanta alguns centímetros do chão e tem olhos de veado ofuscado pela luz, que desvelará, alguma noite, o tal do Heriberto ou quem se deixar ferir por um resplendor tão moreno. E atrás de Chelita vai um cusquinho (cachorrinho) que, de tão esquelético, parece uma marimba diminuta.

Estão contando tudo isso para mim, mas é como se estivesse vendo Wellington diante de Napoleão no filme *Waterloo* (em que aparecia, eu acho, Orson Welles) e onde Napoleão era derrotado por culpa de uma dor de barriga. Mas aqui não há Orson que valha, nem ataques pelo flanco da infantaria, nem apoio de artilharia, nem tática de guerra contra os disparos dos montados a cavalo, porque tanto Heriberto como Eva decidiram optar pelo ataque frontal e sem escaramuças nem sondagens prévias. Estou prestes a opinar que isso parece batalha de sexos, mas Heriberto já está se lançando sobre Chelita, evitando a carga direta de Eva que, de repente, se depara com Osmar, que não a espera cara a cara, nem de pé, mas de cócoras e meio de lado, porque estava com vontade de cagar. E Eva proclama que Osmar se cagou de medo, e Osmar não diz nada, porque agora quer montar no cachorrinho que se aproximou para cheirar. Enquanto isso, Chelita começa a chorar com a aproximação de Heriberto, e Heriberto agora não sabe mais o que fazer para que Chelita fique quieta e lhe oferece uma pedrinha de presente. (“Não é uma pedrinha”, afirma Heriberto, garantindo que se trata de ouro puro.) Chelita não para de berrar. Estou pensando se Heriberto não está pagando por todos os seus pecados, quando chega a Eva, em manobra que chamam de “atacar pela retaguarda a posição inimiga”, e cai em cima de Heriberto pelas costas (quando Heriberto está oferecendo sua arma antifomigas à Chelita, que está considerando o oferecimento entre berro e berro) E então, pimba! A boneca-arma de Eva bate na cabeça de Heriberto e começa o berreiro (estereofônico, porque Chelita se sente estimulada pelos gritos de Heriberto e não fica para trás), e há sangue. Aparece a mãe de não-sei-quem, com um cinto na mão, e os dois exércitos debandam, e o campo de batalha fica deserto. Na enfermaria declaram que Heriberto está com um galo do tamanho do seu nariz e que, como Eva está intacta, as mulheres ganharam esta batalha. Heriberto se queixa de arbitragem parcial e prepara o contra-ataque, mas agora só amanhã, porque é preciso comer os feijões que não enchem o prato nem a barriga...

E assim passaram o Dia da Criança, dizem, as crianças de uma povoação chamada Guadalupe Tepeyac. Passaram na montanha, porque em sua aldeia há vários milhares de soldados defendendo a “soberania nacional”. E Heriberto diz que,

quando for grande, vai ser motorista de um caminhãozinho, mas piloto de avião não quer ser porque, diz ele, se o pneu do caminhão estourar, tudo bem, a gente desce e continua andando, por outro lado se furar o pneu do avião, não tem para onde ir. E eu me digo que, quando for grande, vou ser uruguaio-argentino e escritor, nessa ordem, e não pense que vai ser fácil, porque não suporto chimarrão.

Mas não era isso o que eu queria lhe contar. O que eu queria era contar-lhe um conto para que o conte depois:

Ensinou-me o Velho Antonio que somos tão grandes quanto o inimigo que escolhemos para lutar, e tão pequenos quanto grande for o medo que tivermos. “Escolha um inimigo grande e isso te obrigará a crescer para poder enfrentá-lo. Diminua seu medo porque, se ele crescer, você vai diminuir”, me disse o Velho Antonio numa tarde chuvosa de maio, nessa hora em que reinam o fumo e a palavra. O governo tem medo do povo do México, por isso tem tantos soldados e policiais. Tem um medo muito grande. Portanto, é muito pequeno. Nós temos medo do esquecimento, mas fomos diminuindo-o à custa de dor e sangue. Somos, portanto, grandes.

Conte isso em algum escrito. Diga que o Velho Antonio lhe contou. Todos já tivemos, alguma vez, um Velho Antonio. Mas se não teve nenhum, desta vez eu lhe empresto o meu. Conte que os indígenas do sudeste mexicano diminuem seu medo para se tornarem grandes, e escolhem inimigos descomunais para se obrigarem a crescer e serem melhores.

Esta a ideia, tenho certeza de que encontrará melhores palavras para contá-la. Escolha uma noite de chuva, relâmpagos e vento. Verá como o conto sai de uma vez só, como um desenhinho que começa a dançar e a dar calor aos corações, que para isso servem as danças e os corações.

Tudo bem. Saúde e um bonequinho sorridente, como estes com que assina.

Das montanhas do sudeste mexicano,

Subcomandante insurgente Marcos.

P.S. de advertência policial. Cumpro meu dever de lhe informar que, para o supremo governo do México, sou um delinquente. Portanto, minha correspondência pode ser comprometedor. Peço-lhe que memorize o conteúdo da presente, isto é, a encomenda que suplica, e destrua-a imediatamente. Se o papel fosse um chiclete, recomendaria que o comesse e, mastigando, começasse a fazer essas bolinhas de chiclete que tanto escandalizam as boas consciências e que demonstram a falta de urbanidade e de educação de quem as faz. Embora alguns as façam com a esperança de que uma das bolinhas seja suficientemente grande para levá-los para esse caminho luminoso que, lá em cima, se alarga... como se alargam a dor e a esperança no céu da nossa América.

P.S. improvável. Cumprimente em meu nome o tal do Benedetti. Diga-lhe, por favor, que suas letras, postas por minha boca no ouvido de uma mulher, arrancaram

alguma vez um suspiro como esses que fazem a humanidade inteira andar. Diga-lhe também que a história do nome “Marcos” foi por causa de *El cumpleaños de Juan Angel*.

ANEXO G

DURITO

10 de abril de 1994.

Subcomandanta Mariana Moguel:

La saludo con respeto y la felicito por el nuevo grado que adquirió con su dibujo. Permítame contarle una historia que, tal vez, algún día entenderá. Es la historia de...

DURITO

Te voy a platicar una historia que me pasó el otro día. Es la historia de un pequeño escarabajo que usa lentes y fuma pipa. Lo conocí un día que estaba buscando el tabaco para fumar y no lo encontraba. De pronto, a un lado de mi hamaca vi que estaba caído un poco de tabaco y que se formaba una hilerita. La fui siguiendo para ver dónde estaba mi tabaco y averiguar quién carajos lo había agarrado y lo estaba tirando. A unos cuantos metros y detrás de una piedra me encontré a un escarabajo sentado en un pequeño escritorio, leyendo unos papeles y fumando en una pipa diminuta.

-Ejem, ejem -dije yo para que el escarabajo se percatara de mi presencia, pero no me hizo caso.

Entonces le dije:

-Oiga, ese tabaco es mío.

El escarabajo se quitó los lentes, me miró de arriba a abajo y me dijo muy enojado:

-Por favor, capitán, le suplico que no me interrumpa. ¿Qué no se da cuenta de que estoy estudiando?

Yo me sorprendí un poco y le iba a dar una patada, pero me calmé y me senté a un lado para esperar a que terminara de estudiar. Al poco rato recogió sus papeles, los guardó en el escritorio y, mordisqueando su pipa, me dijo:

-Bueno, ahora sí. ¿En qué puedo servirle, capitán?

-Mi tabaco -le respondí.

-¿Su tabaco? -me dijo-. ¿Quiere que le dé un poco?

Yo me empecé a encabronar, pero el pequeño escarabajo me alcanzó con su patita la bolsa de tabaco y agregó:

-No se enoje, capitán. Comprenda que aquí no se puede conseguir tabaco y tuve que tomar un poco del suyo.

Yo me tranquilicé. El escarabajo me caía bien y le dije:

-No se preocupe. Por ahí tengo más.

-Mmh -contestó.

-Y usted, ¿cómo se llama? -le pregunté.

-Nabucodonosor -dijo, y continuó- pero mis amigos me dicen *Durito*. Usted puede decirme *Durito*, capitán.

Yo le agradecí la atención y le pregunté qué era lo que estaba estudiando.

-Estudio sobre el neoliberalismo y su estrategia de dominación para América Latina - me contestó.

-Y eso de qué le sirve a un escarabajo -le pregunté.

Y él me respondió muy enojado: "Cómo que de qué? Tengo que saber cuánto tiempo va a durar la lucha de ustedes y si van a ganar o no. Además, un escarabajo debe preocuparse por estudiar la situación del mundo en el que vive, ¿no le parece capitán?"

-No sé -le dije-. Pero ¿para qué quiere saber usted cuánto tiempo va a durar nuestra lucha y si vamos a ganar o no?

-Bueno, no se ha entendido nada -me dijo poniéndose las gafas y encendiendo su pipa. Después de echar una bocanada de humo continuó:

-Para saber cuánto tiempo nos vamos a estar cuidando los escarabajos de que no nos vayan a aplastar con sus bototas.

-¡Ah! -dije

-Mmh -dijo él

-¿Y a qué conclusión ha llegado usted en su estudio? -le pregunté.

Él sacó sus papeles del escritorio y los empezó a hojear.

-Mmh... mmh -decía a cada rato mientras los revisaba.

Después que acabó de hacerlo, me miró a los ojos y me dijo:

-Van a ganar.

-Eso ya lo sabía -le dije. Y agregué: -Pero ¿cuánto tiempo va a tardar?

-Mucho -me dijo suspirando con resignación.

-Eso también ya lo sabía... ¿No sabe cuánto tiempo exactamente? -pregunté.

-No se puede saber con exactitud. Hay que tomar en cuenta muchas cosas: las condiciones objetivas, la madurez de las condiciones subjetivas, la correlación de fuerzas, la crisis del imperialismo, la crisis del socialismo, etcétera, etcétera.

-Mmh -dije yo.

-¿En qué piensa, capitán?

-En nada -le contesté-. Bueno señor *Durito*, tengo que retirarme. Tuve mucho gusto en conocerle. Sepa usted que puede tomar todo el tabaco que guste cuando quiera.

-Gracias capitán. Puedes tutearme si quieres -me dijo.

-Gracias *Durito*. Ahora voy a dar orden a mis compañeros de que está prohibido pisar a los escarabajos. Espero que eso ayude.

-Gracias, capitán, nos será de mucha utilidad tu orden.

-Como quiera que sea, cuídese mucho porque mis muchachos son muy distraídos y no siempre se fijan dónde ponen el pie.

-Así lo haré, capitán.

-Hasta luego.

-Hasta luego. Ven cuando quieras y platicaremos.

-Así lo haré -dije, y me retiré hacia la intendencia.

Es todo Mariana, espero conocerla personalmente algún día y poder intercambiar pasamontañas y dibujos. Vale.

Salud y otros colorines, porque con los que usaste seguro se acabó la tinta.

Supcomandante insurgente Marcos

Montañas del sureste mexicano.

ANEXO H
 "CHIAPAS: EL SURESTE EN DOS VIENTOS, UNA TORMENTA Y UNA
 PROFECÍA"

28 de mayo de 1994

Al semanario nacional Proceso:

Al periódico nacional El Financiero:

Al periódico nacional La Jornada:

Al periódico local de San Cristóbal de Las Casas, Tiempo:

Señores:

Va comunicado sobre el fin, al fin, de las consultas. Además cartas varias con destinatarios diversos.

Nosotros bien... cercados. Resistiendo "heroicamente" el vendaval de reacciones después del evento del 15 de mayo. A los vigilantes aviones ahora se suman, desde hace 3 días, helicópteros. Los cocineros se quejan de que no habrá ollas suficientes si se caen todos al mismo tiempo. El superintendente argumenta que hay suficiente leña para un asado, que por qué no invitamos a algún periodista argentino, que esos saben hacer asados. Reviso mentalmente y es inútil: los mejores argentinos son guerrilleros (por ejemplo, el Che), o poetas (Juan Gelman, por ejemplo), o escritores (por ejemplo, Borges), o artistas (Maradona, por ejemplo), o cronopios (por siempre, Cortázar), no hay argentinos asadores de duraluminio. Algún ingenuo propone que esperemos las hamburguesas improbables del CEU. Ayer nos comimos la "consola" y dos micrófonos de la XEOCH, tenían un sabor rancio, como de algo podrido. Las sanitarias reparten hojas con chistes en lugar de analgésicos, dicen que la risa también cura. El otro día sorprendí a Tacho y a Moi llorando... de risa. "¿Por qué se ríen?", pregunté. No podían contestar porque las carcajadas les quitaban el aire. Una sanitaria explica apenada: "Es que les duele mucho la cabeza". Día 136 del cerco... (Suspiro)...

Para colmo Toñita me pide un cuento. Le cuento el cuento como me lo contó el viejo Antonio, el padre de aquel Antonio del viento que se levanta en "Chiapas: el Sureste en dos vientos, una tormenta y una profecía":

"Cuando el mundo dormía y no se quería despertar, los grandes dioses hicieron su asamblea para tomar los acuerdos de los trabajos y entonces tomaron acuerdo de hacer el mundo y hacer los hombres y mujeres. Y llegó en la mayoría del pensamiento de los dioses de hacer el mundo y las personas. Y entonces pensaron de hacer las gentes y pensaron de hacerlas que fueran muy bonitas y que duraran mucho y entonces hicieron a las primeras gentes de oro y quedaron contentos los dioses porque las gentes que hicieron eran brillantes y fuertes. Pero entonces los dioses se dieron cuenta que las gentes de oro no se movían, estaban siempre sin caminar ni trabajar, porque estaban muy pesadas.

“Y entonces se reunió la comunidad de los dioses para sacar acuerdo de cómo van a resolver ese problema y entonces sacaron acuerdo de hacer otras gentes y las hicieron de madera y esas gentes tenían el color de la madera y trabajaban mucho y mucho caminaban y estaban otra vez contentos porque el hombre ya trabajaba y caminaba y ya se estaban de ir para echar alegría cuando se dieron cuenta que las gentes de oro estaban obligando a las gentes de madera a que las cargaran y les trabajaran.

“Y entonces los dioses vieron que estaba mal lo que hicieron y entonces buscaron un buen acuerdo para remediar la situación y entonces tomaron acuerdo de hacer las gentes de maíz, las gentes buenas, las, hombres y mujeres verdaderos, y se fueron a dormir y quedaron las, gentes de maíz, los hombres y mujeres verdaderos, viendo de remedia las cosas porque los dioses se fueron a dormir. Y las gentes de maíz hablaron la lengua verdadera para hacer acuerdo entre ellas y se fueron a la montaña para ver de hacer un buen camino para todas las gentes”.

Me contó el viejo Antonio que las gentes de oro eran los ricos, los de piel blanca, y que las gentes de madera eran los pobres, los de piel morena, que trabajaban para los ricos y los cargaban siempre y que las gentes de oro y las gentes de madera esperan la llegada de las gentes de maíz, las primeras con miedo y las segundas con esperanza. Le pregunté al viejo Antonio de qué color era la piel de las gentes de maíz y me enseñó varios tipos de maíz, de colores diversos, y me dijo que eran de todas las pieles pero nadie sabía bien, porque las gentes de maíz, los hombres y mujeres verdaderos, no tenían rostro...

Se murió el viejo Antonio. Lo conocí hace 10 años, en una comunidad muy adentro de la selva. Fumaba como nadie y, cuando se acababan los cigarros, me pedía tabaco y se hacía cigarrillos con "doblador". Veía mi pipa con curiosidad y, cuando alguna vez intenté prestársela, me mostró el cigarrillo de "doblador" en su mano, diciéndome sin palabras que prefería su método de fumar. Hace unos dos años, en 1992, cuando recorría comunidades haciendo las reuniones para ver si se empezaba la guerra o no, me llegué hasta el pueblo del viejo Antonio. Me llegó a alcanzar Antonio hijo y atravesamos potreros y cafetales. Mientras la comunidad discutía lo de la guerra, el viejo Antonio me tomó del brazo y me condujo hasta el río, unos 100 metros más abajo del centro del poblado. Era mayo y el río era verde y de discreto cauce. El viejo Antonio se sentó en un tronco y nada dijo. Después de un rato habló: "¿Lo ves? Todo está tranquilo y claro, parece que no pasa nada..." "Mmmh", le dije, sabiendo que no esperaba ni un sí ni un no. Después me señaló la punta de la montaña más cercana. Las nubes se acostaban, grises, en la cúspide y los relámpagos quebraban el azul difuso de las lomas. Una tormenta de las de veras, pero se veía tan lejana e inofensiva que el viejo Antonio empezó a liar un cigarrillo y a buscar inútilmente un encendedor que no tenía, sólo el tiempo suficiente para que yo le acercara el mío. "Cuando todo está en calma abajo, en la montaña hay tormenta, los arroyos empiezan a tomar fuerza y toman rumbo hacia la cañada", dijo después de una bocanada. En la época de lluvias este río es fiero, un látigo marrón, un temblor fuera de cauce, es todo fuerza. No viene su poder de la lluvia que cae en sus riberas, son los arroyos que bajan de la montaña los que lo alimentan. Destruyendo, el río reconstruye la tierra, sus aguas serán maíz, frijol y panela en las mesas de la selva.

"Así es la lucha nuestra", me dice, y se dice el viejo Antonio. "En la montaña nace la fuerza, pero no se ve hasta que llega abajo". Y, respondiendo mi pregunta de si él cree que ya es tiempo de empezar, agrega: "Ya es el tiempo de que el río cambie color..." El viejo Antonio calla y se incorpora apoyándose en mi hombro. Regresamos despacio. Él me dice: "Ustedes son los arroyos y nosotros el río... tienen que bajar ya..." Sigue el silencio y llegamos a la champa cuando ya oscurecía. Antonio hijo regresa al rato con el acta de acuerdo que decía, palabras más o menos:

"Los hombres y las mujeres y los niños se reunieron en la escuela de la comunidad para ver en su corazón si es la hora de empezar la guerra para la libertad y se separaron los 3 grupos o sea las mujeres, los niños y los hombres para discutir y ya luego nos reunimos otra vez en la escuelita y llegó su pensamiento en la mayoría de que ya se empiece la guerra porque México ya se está vendiendo con los extranjeros y el hambre pasa pero no pasa que ya no somos mexicanos y en el acuerdo llegaron 12 hombres y 23 mujeres y 8 niños que ya tienen bueno su pensamiento y firmaron los que saben y los que no ponen su dedo."

Salí en la madrugada, el viejo Antonio no estaba, temprano se fue al río.

Volví a ver al viejo Antonio hace unos dos meses. Nada dijo cuando me vio y me senté a su lado y, con él, me puse a desgranar mazorcas de maíz. "Se creció el río", me dijo después de un rato. "Sí", le dije. Le expliqué a Antonio hijo lo de la consulta y le entregué los documentos donde vienen nuestras demandas y las respuestas del gobierno. Hablamos de cómo le había ido en Ocosingo y, de nuevo en la madrugada, salí de regreso. En un recodo del camino real me estaba esperando el viejo Antonio, me detuve a su lado y bajé la mochila buscando el tabaco para ofrecerle. "Ahora no", me dijo rechazando la bolsa que le tendía. Me apartó de la columna y me llevó al pie de una ceiba. "¿Te acuerdas de lo que te conté de los arroyos en la montaña y el ríos", me preguntó. "Sí", respondí con el mismo murmullo con el que me preguntaba. "Me faltó decirte algo", agrega él mirándose la punta de los pies descalzos. Respondí en silencio. "Los arroyos...", se detiene por la tos que domina el cuerpo, toma un poco de aire y continúa: "Los arroyos... cuando bajan...", un nuevo acceso de tos que me hace llamar al sanitario de la columna; él rechaza al compañero de la cruz roja en el hombro; el insurgente me mira y le hago una seña para que se retire. El viejo Antonio espera a que se aleje la mochila de medicinas y, en la penumbra, sigue: "Los arroyos... cuando bajan... ya no tienen regreso... más que bajo tierra". Me abraza rápido y rápido se va. Yo me quedo viendo cómo se aleja su sombra, enciendo la pipa y cargo la mochila. Ya en el caballo recuerdo la escena. No sé por qué, estaba muy oscuro, pero el viejo Antonio... me pareció que lloraba...

Ahora me llega la carta de Antonio hijo con el acta del poblado con su respuesta a las propuestas del gobierno. Me dice Antonio hijo que el viejo Antonio se puso muy grave de pronto, que ya no quiso que me avisaran y que esa noche se murió. Dice Antonio hijo que, cuando le insistían en que me avisarían, el viejo Antonio sólo dijo: "No, ya le dije lo que tenía que decirle... Déjenlo, ahora tiene mucho trabajo..."

Al terminar el cuento, Toñita, de 6 años y dientes picados, me ha dicho, con gran solemnidad, que sí me quiere pero que ya no me va a dar besos porque "mucho pica". Rolando dice que, cuando tiene que ir al puesto de sanidad, Toñita pregunta si está el Sup. Si le dicen que sí está, entonces no va a la enfermería. "Porque ese Sup

puros besos quiere y mucho pica", dice la inapelable lógica de los 6 años y; dientes picados que, del lado de acá del cerco, lleva el nombre d "Toñita".

Acá empiezan a insinuarse las primeras lluvias. Menos mal, pensábamos que tendríamos que esperar los camiones antimotines para tener agua.

Ana María cuenta que la lluvia viene de las nubes que se pelean en lo alto de las montañas. Lo hacen así para que los hombres y mujeres no vean esas disputas. Las nubes inician su fiero combate, con eso que llamamos truenos o relámpagos, en la cumbre. Armadas de infinidad de ingenios, las nubes pelean por el privilegio de morirse en lluvia para alimentar la tierra. Así somos nosotros, sin rostro como las nubes, como ellas sin nombre, sin pago alguno... como ellas peleamos por el privilegio de ser semilla en la tierra...

Vale. Salud y un impermeable (para las lluvias y para los motines).

Desde las montañas del Sureste mexicano

Subcomandante Insurgente Marcos

P.D. MAYORITARIA QUE SE DISFRAZA DE MINORÍA INTOLERADA. A todo esto de que si Marcos es homosexual: Marcos es gay en San Francisco, negro en Sudáfrica, asiático en Europa, chicano en San Isidro, anarquista en España, palestino en Israel, indígena en las calles de San Cristóbal, chavo banda en Neza, rockero en cu, judío en Alemania, ombudman en la Sedena, feminista en los partidos políticos, comunista en la post guerra fría, preso en Cintalapa, pacifista en Bosnia, mapuche en los Andes, maestro en la CNTE, artista sin galería ni portafolios, ama de casa un sábado por la noche en cualquier colonia de cualquier ciudad de cualquier México, guerrillero en el México de fin del siglo XX, huelguista en la CTM, reportero de nota de relleno en interiores, machista en el movimiento feminista, mujer sola en el metro a las 10 p.m., jubilado en plantón en el Zócalo, campesino sin tierra, editor marginal, obrero desempleado, médico sin plaza, estudiante inconforme, disidente en el neoliberalismo, escritor sin libros ni lectores, y, es seguro, zapatista en el sureste mexicano. En fin, Marcos es un ser humano, cualquiera, en este mundo. Marcos es todas las minorías intoleradas, oprimidas, resistiendo, explotando, diciendo "¡Ya basta!". Todas las minorías a la hora de hablar y mayorías a la hora de callar y aguantar. Todos los intolerados buscando una palabra, su palabra, lo que devuelva la mayoría a los eternos fragmentados, nosotros. Todo lo que incomoda al poder y a las buenas conciencias, eso es Marcos.

De nada señores de la PGR, estoy para servirles... con plomo.

P.D. para el PRD. Sobre la lógica de los muertos. Los compañeros leyeron lo de "tenemos más bajas que el EZLN" e inmediatamente se pusieron a hacer cuentas. Suman, multiplican, desde que, hace ya más de 10 años, empezaron a de noche andar por veredas y caminos reales, sorteando emboscadas "contra los bandidos", para llevar las cuatro letras. Dicen los compañeros que a contar muertos nadie les gana. "De eso sí estamos muy entrenados", dice Gabino. La discusión entre "las tendencias" del EZLN se agudiza: los más radicales quieren contar desde que los españoles iniciaron el violento aventarlos hacia la selva y las montañas, los más discretos y prudentes dicen que sólo desde que se formó el EZLN. Algunos mandan

preguntar si meten en la cuenta a los muertos en los 136 días y noches de cerco, preguntan si cuenta Amalia, 25 años y 7 hijos, que se empezó a poner "un poco mal" a las 6 de la tarde 125 del cerco, que comenzó con libre, diarrea, vómitos y a desangrarse por entre las piernas, que a las 12 de la noche nos avisaron a nosotros para pedir ambulancia, que la ambulancia dijo que no podía, que a las 4 de la mañana nosotros conseguimos gasolina y fuimos por ella en un maltrecho camión de tres toneladas, que la trajimos a nuestro puesto de sanidad, que 100 metros antes de llegar con Teniente Elena dijo: "Me voy a morir", que cumplió su palabra y 98 metros antes de la morena cara de Elena se murió, que la sangre y la vida se le fueron por la entrepierna, que pregunté si seguro estaba muerta, que Elena dijo que sí, que se murió "de una vez", que en la mañana 126 del cerco, la hija segunda de Amalia miró la muerte en la camilla de palo y bejuco y le dijo a su papá que iba a pedir pozol en alguna casa, "porque mi mamá ya no va a poder". Preguntan si la niña de Ibarra, que murió "así nomás, como que se murió de toser", cuenta. Todos están haciendo cuentas, alguno usa una calculadora recuperada del palacio municipal de Ocosingo. En eso están cuando llega Juana a pedir que cuenten al viejo Antonio, "que se murió de pena". Luego viene Lorenzo a exigir que cuenten a Lorenzo hijo, "que se murió de noche". Por radio transmiten nombres y muertes, muertos "de una vez". De pronto todos se detienen, calculadora-lápiz-lapicero-gis-varita-uña en mano se miran unos a otros, están confundidos, no saben si están sumando... O restando...

De pontífices o pontificados. Magnífico, la autocrítica es siempre oportuna.

Finalmente, podrán acusarnos de inoportunos, de no tomar en cuenta la correlación de fuerzas, de torpeza política, de no tener satélite para ver el debate en directo, de no tener suscripciones en los principales diarios y revistas para enterarnos de las valoraciones post debate, de no ser amables, de ser descorteses, de padecer "el mal de montaña", de no reconocer posibles aliados, de sectarios, de intransigentes, de ser regañones. Se puede acusarnos de todo, menos de no ser consecuentes...

Vale, recordad que lo único que hemos hecho nosotros es ponerle un gatillo a la esperanza.

Salud y dejad el rencor para los enanos ociosos. Un abrazo desde el lado de acá del cerco.

El Sup inoportuno e impertinente, just like a estornudo.